

Eleitorado americano prefere os democráticos

PERSPECTIVAS

OS PESADELOS DO SR. HEATH

A primeira vista pode parecer arbitrário tentar uma explicação para o estado de tensão entre Mr. Heath e os sindicatos operários através de uma excursão à Irlanda. Mas, se tivermos em conta que o ingrediente mais activo em política é o elemento humano, tudo se coloca no seu lugar. Desde um princípio, a política do governo de Londres no Ulster tem consistido em procurar uma solução pacífica por meio de uma ponte que una católicos e protestantes; mas os factos peculiares cedo puseram de manifesto que o conflito do Ulster constitui mera parte do problema da Irlanda. Por isso foi necessário nomear Mr. Whitelaw governador do Ulster.

Mr. Whitelaw iniciou o seu trabalho governativo animado de um propósito concreto: encontrar uma solução conciliadora para o problema e as medidas que adoptou para tal fim valeu-lhe algum êxito a princípio. É sem dúvida um homem de ténpera e de imaginação e não demorou em conceber um plano algo ousado: falar com os dirigentes do IRA (Exército Republicano Irlandês), o que teve lugar em Londres no meio do maior segredo. Este segredo era condição indispensável para que o seu plano resultasse. Os dirigentes do IRA, porém, tornaram-no público, obrigando Whitelaw ao fracasso e a uma confissão ante a Câmara, onde o aguardava um contingente irreconciliável de inionistas da extrema direita do seu próprio partido.

Não obstante isso, do episódio desprende-se uma salutar lição. Agora, seguindo as coisas pela fenda aberta, pode assegurar-se quem é lei das relações e pelo acordo e quem é a favor da força e da imposição.

Por
SALVADOR
DE MADARIAGA

o governo de Londres, o governo de Dublin e uma boa porção (não fácil de estimar) de católicos e protestantes do Ulster preferem evitar cabeças partidas: mas o exército republicano da Irlanda, os protestantes do Ulster e a extrema direita unionista do partido de Mr. Heath, preferem partir a cabeça a todos que não pensam como eles.

Posto que Mr. Heath, que fez frente ao conflito do Ulster, é o mesmo que tem que enfrentar os sindicatos operários, parece razoável pensar que também aspire resolver o árduo problema das relações operárias pelos mesmos processos conciliadores que, não sem notável valor cívico, pôs em prática na Irlanda. Isto bastaria para provar que a campanha da ala esquerda trabalhista contra a lei das relações operárias carece de fundamente.

Continua na pág. 2



Vietname é o problema que mais preocupa os americanos. Na telefoto UPI/Telimprensa/DL, sul-vietnamitas carregam um vietcong morto, ontem, em Cai-Lai, perto de Saigão.

Os eleitores americanos confiam um pouco mais no Partido Democrático do que no Partido Republicano, segundo revela uma sondagem ontem publicada pelo Instituto Gallup. O inquérito efectuado em Julho findo, dá preferência de 5 por cento ao partido de McGovern. Os republicanos tiveram 47 por cento de respostas favoráveis. A sondagem pedia também aos eleitores para fazerem uma lista dos problemas nacionais que consideram mais sérios. Em primeiro lugar vem a guerra do Vietname (25 por cento), seguida do crescente aumento do custo de vida (23 por cento), da criminalidade nas ruas (10 por cento) e da droga (9 por cento).

HOJE: 32 PÁGINAS

Prova de força no Chile entre o Governo Allende e a extrema-esquerda

Uma verdadeira prova de força opõe desde ontem a extrema esquerda chilena ao Governo de União Popular apoiado por uma coligação de formações da esquerda clássica. No sábado de manhã, uma centena de polícias pertencentes ao corpo de carabineiros e da Polícia civil abriu fogo sobre um grupo de habitantes de um «bairro da lata» que resistia a uma operação destinada a localizar um fugitivo acusado de delito de direito comum. Um morto e dez feridos, entre os quais quatro polícias, foi o balanço do incidente que está na origem da brusca tensão verificada nas relações entre os grupos da extrema esquerda e o Governo presidido por Salvador Allende. (FP/«DL»)

UM RUSSO NA DISNEYLÂNDIA



«O ministro soviético da Saúde, Boris Petrovsky, experimenta sorridente, à direita, um chapéu da Disneylândia, durante uma visita aquele centro de diversões na Califórnia. À esquerda, com um chapéu mais conservador, noutra altura da mesma visita, Petrovsky chefia uma delegação russa que se deslocou aos EUA. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

RESUMO

Pelo Ministério das Obras Públicas, foi autorizada a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a celebrar contratos para a execução das seguintes empreitadas de reconstrução do Teatro Nacional de D. Maria II: instalação de ar condicionado, aquecimento, ventilação, águas e esgotos (8260858\$90); instalação eléctrica (6808956\$00); equipamento de iluminação de cena (3668000\$00); equipamento de mecânica de cena (2254551\$80). As dotações destas verbas serão desdobradas pelo ano actual e por 1973.



FLORIPES VEM A LISBOA

Sábado, na Senhora das Neves, perto de Viana do Castelo, trabalhadores rurais representaram o «Auto da Floripes», cujo papel principal foi representado pela linda minhota que se vê na foto (antigamente o papel era desempenhado por um homem). Agora informa-se que Floripes vem a Lisboa, ainda este mês. (NA PÁGINA OITO).

DL / VIDA NACIONAL

DEPOIS DE AMANHÃ POSSE DE AMÉRICO THOMAZ

O Chefe de Estado dirige à Nação a sua mensagem de investidura às 11 horas de depois de amanhã, dia 9, depois de tomar oficialmente posse do seu terceiro mandato na

Presidência da República. A cerimónia realiza-se no Palácio de S. Bento, em reunião conjunta de Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, a que assistirão o

Chefe e todos os membros do Governo, o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, representantes do Corpo Diplomático, altas patentes militares e dignitários da Igreja.

A prestação do juramento constitucional pelo almirante Américo Thomaz inicia o seu novo período na Presidência da República, para que foi eleito pela primeira vez em 1958 e pela segunda em 1965.

Antecedendo a leitura da mensagem presidencial, usará da palavra, em nome das duas câmaras, o deputado Joaquim José Nunes de Oliveira, segundo se indica de fonte ligada ao Palácio. Antes de se retirar, o almirante Américo Thomaz receberá os cumprimentos do Governo, dos deputados e dos procuradores.

Enfermeiros portugueses visitam o Brasil

Em visita de estudo, partiu para o Brasil, onde permanecerá até ao dia 22, um grupo de enfermeiros recentemente diplomados pela Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, acompanhado por um membro do pessoal docente. A visita tem por objectivo proporcionar ele-

mentos de natureza cultural e profissional, particularmente no que diz respeito aos aspectos sanitários e a pedagógicos, motivo por que o grupo visitará várias instituições de saúde e escolas de enfermagem. Pelo mesmo motivo estão marcados encontros com profissionais brasileiros.

TV NA MADEIRA

SEIS MIL APARELHOS PARA COMEÇAR...

O secretário de Estado da Informação e Turismo inaugurou ontem os emissores de televisão na Ilha da Madeira.

Depois de referir as vantagens do ensino por meios áudio-visuais para uma «rápida aceleração na promoção» dos madeirenses, o dr. César Moreira Baptista afirmou os benefícios das novas emissões no plano da informação que descreveu assim:

«no plano da informação — noticiando e trazendo até junto de todos as realidades da vida portuguesa e da vida do Mundo; fornecendo imagens de aconteci-

mentos e da trajectória da humanidade na história, mas sobretudo, fazendo participar, com a intensidade de que resultará do conhecimento exacto, do esforço extraordinário que todos estamos a fazer, quer ao defendermos os nossos direitos que os inimigos ofendem; quer considerando o sacrifício e a maravilhosa abnegação da nossa juventude — e tantos rapazes são desta Ilha — que batalha na defesa essencial do Ultramar; quer ainda para que todos estejamos mais conscientes e mais interessados no esforço ingente que está a processar-se na mo-

dernização das estruturas do País, não só as que interferem com a definição das liberdades dos portugueses, mas também as que respeitam ao desenvolvimento económico e social. É realmente indispensável que cada vez mais se conheça em toda a sua dimensão a obra extraordinária do Presidente do Conselho para o progresso da Nação portuguesa em todos os aspectos que dependem da acção do Governo — a educação, a saúde, a promoção social, especialmente do sector rural, o fomento económico e, mais do que tudo, a defesa intransigente, onde quer que tenha de fazer-se, dos interesses de Portugal no Mundo».

O secretário de Estado sumariou ainda os benefícios da televisão na «utilização dos tempos livres, recreando e formando» e ainda para o turismo no arquipélago.

Em nome da R.T.P. falou o dr. Ramiro Valadão, agradecendo a presença do dr. Moreira Baptista e saudando os presidentes da República e do Conselho.

OS PROGRAMAS

Os programas de televisão na Ilha da Madeira equivalem aos do segundo período de emissão metropolitana (1.º programa) e transmitem-se diariamente entre as 19 e 30 e as 24 horas, e nos sábados e domingos a partir das 15 horas.

Segundo informa a R.T.P., não é ainda possível prever quando começará a funcionar a Teleescola para o arquipélago.

Existem já na Ilha da Madeira cerca de 6000 aparelhos de televisão para uma população de 268 937 habitantes, segundo o censo de 1960: um aparelho por cerca de 45 habitantes.



PARA REPRESENTAR
PORTUGAL



NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR
DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

Envie por correio ou entregue pessoalmente no
«Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA

OS PESADELOS DO SR. HEATH

Continuação da pág. 1

mento. O que essa lei se propõe fazer não é tornar impossível as greves, mas sim canalizá-las pelas vias legais. A atitude de uma boa parte (talvez a maioria dos sindicatos) é que a lei não se deve aplicar às greves. Esta opinião faz recordar a que a antiga nobreza sustentava quando se recusava a pagar os impostos.

É patente que o actual governo inglês está disposto a discutir as modalidades da lei que rege as greves, mas não o princípio de que essa lei tem que existir. Por exemplo, se um sindicato firmou um contrato colectivo com uma empresa e depois o viola, o sindicato deve responder pelos danos e prejuízos causados à empresa e a terceiros. Os sindicatos negam-se a aceitar tão evidente conclusão. O governo, portanto, tem razão, e os sindicatos, não. Mas se se vai para a conciliação, a forma da fenda deslindará então quem é por um acordo pacífico e quem prefere a guerra industrial.

Ficam assim demarcados os limites da conciliação. Só há que conciliar partes que, em última análise, aspiram ao mesmo, por muito que defiram sobre métodos e detalhes. *Se não há harmonia nos fins, a conciliação será impossível.* Esta conclusão põe em relevo o peso do elemento histórico nos conflitos públicos, principalmente num país tão empírico como a Inglaterra. Com efeito, a atitude histórico-empírica dá lugar a tensões não fundadas numa estrutura lógica, mas arraigadas a vigorosos preconceitos e paixões naturais. É isto precisamente o que sucede, tanto no caso do Ulster como no das relações industriais.

No Ulster encontram-se, pelo menos, duas potentes forças históricas: uma é a posição dominante dos antigos emigrantes escoceses

protestantes, que no século XVI se apoderaram dos bens que haviam pertencido à nobreza católica irlandesa. São eles que sempre têm dominado o país e que agora insistem no seu patriotismo inglês, embora dispostos a atirar sobre o exército britânico se não fizer o que eles querem; outra é a atitude de fôssil imperialismo que mantém e exagera a extrema direita conservadora do próprio partido de Mr. Heath, que considera não só o Ulster já, mas toda a Irlanda, como parte reservada pelo Criador para gozar do governo e domínio do seu país. Estas duas forças, claramente a primeira, com mais subtilidade que a segunda, encarnam a famosa fórmula dos barões medievais da Alemanha: «Ao Rei obedecemos/Se mandar o que nós quisermos».

No caso das relações industriais, existem também forças histórico-empíricas. A mais importante talvez seja a velha inimizade entre patrões e operários. Elevada por Marx à dignidade de luta de classes, torna-se princípio e falácia até. Mas, a inimizade, em si, é um facto devido à tendência de todo o antagonismo degenerar em hostilidade. Sobre esta base histórica, o empirismo dos ingleses determinou o fomento de sindicatos operários inspirados numa hostilidade de guerra em vez de um mero antagonismo de cooperação semelhante ao do êmbolo com o vapor. Assim se explicam os sindicatos «mastodontes», como o dos trabalhadores dos Transportes e outros, com um milhão e um quarto de sócios, e o dos Trabalhadores Gerais e Municipais, que conta cerca de 800 000 associados, numa mescla de toda a espécie de industriais e ofícios.

Não é provável que a Inglaterra consiga organizar (no pleno sentido da palavra) as suas relações indus-

triais, até que os sindicatos se constituam como organismos profissionais orientados para a produção em solidariedade humana, de modo que cada indústria tenha o seu sindicato e cada sindicato a sua indústria. Mas os sindicatos «mastodontes» são tão fortes que desempenham hoje na Inglaterra um papel semelhante ao que os grandes barões senhores da terra desempenhavam na Idade Média. Tal é a constância da natureza humana sob o poder transitório das formas.

Mas, não há que deixarmos levar pelo pessimismo, principalmente no que diz respeito à Inglaterra. O que fizemos constar é a permanência e o peso do elemento humano na coisa pública, fenómeno por demais evidente e perene; e se o elemento humano é bem a causa de muita pendência e luta, a longo prazo, uma vez que a mesma brega fez sair à luz quem está pelo entendimento e quem é a favor da peleja, a experiência propende a prever que, pelo menos em Inglaterra, quem ganha é o conciliador.

Assim se justificaria a predição de que se resolverá o problema das relações industriais antes que o da Irlanda, o que parece bem provável. No entanto, os irlandeses da República estão já muito anglicizados, e por isso são e querem ser independentes, precisamente por estarem anglicizados; enquanto que os protestantes do Ulster o não estão e por isso são tão intransigentes e intratáveis. Isto é um facto que os que querem verdadeiramente uma paz na Irlanda não devem perder de vista, uma vez que sugere que a solução constará de duas modificações orgânicas: o Ulster terá que integrar-se na República Irlandesa, e esta por sua vez terá que estreitar ainda mais os laços que a unem à Grã-Bretanha.

PRÉMIO «GONCOURT-1971»

«AS DELÍCIAS»

de Jacques Laurent

— em francês «Les Bêtises»

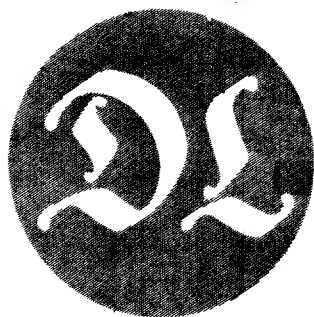
Lançamento a público — 9 - Agosto

A convite desta Parceria, o discutido escritor Jacques Laurent chega a Lisboa dia 8 - Agosto — Voo 403 TAP — para assistir ao lançamento da edição em português MONUMENTO BARROCO MODERNO — BEST-SELLER EM FRANÇA.

Parceria A. M. Pereira, Lda

LIVREIROS-EDITORES

Rua Augusta, 44 a 54 — Telef. P. P. C. 36 17 30 - 36 17 10 — LISBOA-2 — End. Teleg. Parcerparla



Opinião

POR MOTIVOS DE VÁRIA ORDEM

Bem sabemos que águas passadas não fazem andar moinhos e que não é indício de bom equilíbrio psicológico ficar a recordar infinitamente acontecimentos que, fastos ou nefastos pertencem já a essa coisa um tanto confusa e misteriosa a que damos o nome de passado. O melhor caminho que devemos seguir é o de tirar desses acontecimentos as lições úteis para que o presente, e também o futuro, fiquem a salvo da repetição de erros cometidos.

Contudo, não parece desejável que o passado seja tratado com displicência, em alusões apenas passageiras quando de todo não podem evitar-se, e, sobretudo, tornando-o, através de certa desenvoltura verbal, imprecisamente responsável, de um modo que desobriga o crítico, ao mesmo tempo que dá aparente satisfação a quem melhor desejaria ser informado. Essa atitude, decerto apreciável nos limites que escolheu, deixa sempre um ressaibo de frustração.

Quando o recém-empossado director-geral de Saúde afirma que «Portugal», por motivos de vária ordem, se encontra numa posição em que tem de fazer face a situações sanitárias existentes em países subdesenvolvidos e em vias de desenvolvimento — mostra inegável firmeza e desassombro, embora, por outro lado, se limite a enunciar uma verdade que era já do conhecimento geral, em particular de quem alguma vez se viu forçado a utilizar a assistência que o Estado montou e administrou. Mas essa franqueza, que só temos de aplaudir, perde algum do seu vigor na fórmula repetidíssima dos «motivos de vária ordem», com a qual se procura, já que o passado não pode ser anulado, satisfazer toda a gente — aqueles que gostariam de pedir contas dele e aqueles a quem essas contas seriam pedidas...

Não temos qualquer tendência masoquista que nos leva a comprazer-nos em atitudes de crítica estéril, mas entendemos que a clarificação é sempre difícil, e dificilmente emendáveis os erros, se esses mesmos erros não forem submetidos a uma análise impiedosa, até quando já seja demasiado tarde para exigir responsabilidades... Aludir a «motivos de vária ordem» é passar uma esponja sobre um assunto penoso, é igualmente supor que se pode começar de novo, como se nada tivesse acontecido antes. Eis o que consideramos pouco prudente: os erros são tenazes, têm a vida dura, e só não resistem efectivamente quando expostos à luz do dia. A assistência sanitária em Portugal tem sido (não esqueçamos as competências e as dedicações) uma longuíssima série de faltas, de incúrias, de ineficácias, e também (caso estranho em país tão sentimental) de pouco amor. Admitamo-lo de uma vez para sempre, mas admitamo-lo publicamente e em voz alta.

Entretanto, aí estão os hospitais, os centros de saúde, a assistência, em suma. Ora, conforme declarou o secretário de Estado da Saúde e Assistência, «as necessidades das populações, no campo da saúde, não se compadecem hoje com soluções casuísticas (...) antes deverão ser supridas por meio de ajustado planeamento central...» Consideramos extremamente fértil esta declaração: talvez, cremos nós, não seja possível andar muito para diante se não se procurar verificar até que ponto hospitais e centros de saúde não são já hoje, mesmo aparentemente sujeitos ou resultantes de planeamento central, soluções meramente casuísticas. Em alguns dos seus aspectos, pelo menos.

Como evitá-lo? Talvez analisando friamente os erros do passado, procurando os erros do presente, e trazendo tudo isso à luz do dia, segundo as várias ordens de motivos...

ANDRÉ FONTAINE

Exclusivo "Le Monde" /DL

ESQUERDA CONTRA DIREITA

REGRESSO ÀS FONTES?

Em três dos principais países ocidentais, a cena política encontra-se desde já dominada (e assim continuará durante alguns meses) por perspectivas, logo, por considerações, eleitorais. Em 7 de Novembro os americanos elegem o seu presidente, e na mesma ocasião os seus representantes, ou seja um terço dos senadores, sem falar dos governadores e dos inúmeros membros das legislaturas e magistrados de todos os géneros. A 3 de Dezembro, os alemães renovam o seu parlamento. O mesmo farão os franceses pela Primavera, a menos que Pompidou reserve, durante a conferência de imprensa de setembro, alguma daquelas surpresas a que tomou gosto na escola do general.

A lista não é limitativa, já que Trudeau só tem uns meses à sua frente para perguntar aos canadianos se querem vê-lo permanecer no poder, e que o impasse político holandês parece não poder resolver-se senão através de novas eleições. Também não se sabe o que pode vir a passar-se na Grã-Bretanha, onde Heath vê crescerem-lhe as dificuldades debaixo dos pés, e em Itália, onde a maioria de que dispõe Andreotti é tudo menos estável.

Para nos referirmos apenas aos três países em que o encontro eleitoral já está marcado, os Estados Unidos, a República Federal e a França, há muito tempo não era tão claro o que está em jogo. Nos três casos, para empregar poucas palavras, a escolha faz-se entre a esquerda e a direita.

Em mais nenhum lado essa evidência é tão nítida como em França, e surpreende-nos verificar que metade das pessoas interrogadas durante uma sondagem recente calcularam que a subida ao poder de um governo de união das esquerdas não modificaria em nada a sua vida. Os signatários do programa comum tomaram, contudo, a seu cargo, a reivindicação da C.G.T. e da C.F.D.T. a favor do salário mínimo de 1.000 francos (5.000\$00), a respeito do que 54 por cento das pessoas abordadas numa outra sondagem declarava ser o acontecimento mais importante do momento.

Ora, há mais. O regresso ao poder dos comunistas, após vinte e cinco anos de oposição, não deixaria de afectar profundamente a vida nacional sob todos os aspectos. As nacionalizações — compreendendo a do ensino —, o congelamento das forças de dissuasão, a diminuição dos poderes presidenciais — que, a falar verdade, não se vê muito bem como poderia realizar-se constitucionalmente —, um considerável desenvolvimento dos serviços sociais, os poderes dados aos sindicatos e às comissões de iniciativas em matéria de emprego e despedimento, tudo isso viria a transformar a França, pelo menos tanto quanto o fez a Frente Popular.

Com mais forte razão se uma fraca estimativa do custo das reformas projectadas e um provável movimento de fuga dos capitais levasses o novo governo a debater-se com graves dificuldades não previstas.

Dir-se-á que os programas raramente são aplicados, que estas perspectivas são puramente teóricas, já que o triunfo da união popular nas próximas



Marchais

eleições parece ser mais do que aleatório. No entanto, vale mais a prudência. O estudo dos resultados de um certo número de eleições, no decorrer dos últimos anos, ensinam-nos que o triunfo da maioria não está sempre antecipadamente garantido.

Bem vistas as coisas, na eleição presidencial de 1965, de Gaulle obteve apenas 44,77 por cento dos votos dos eleitores inscritos, contra 37,38 por cento para Mitterrand. Nas legislativas de 1967, a «maioria» obteve apenas 244 lugares dos 487 eleitos, contra 193 à esquerda. No referendo de 1969, o general obteve apenas 46,82 por cento de «sims» (36,69 por cento dos inscritos). O seu sucessor viu a percentagem de 4,46 por cento passar do primeiro escrutínio para 57,58 por cento no segundo, unicamente porque crescera consideravelmente entretanto, o número das abstenções, aconselhadas pelo Partido Comunista Francês.

Se tomarmos em conta o número de inscritos, contam-se 34,05 por cento de votos no primeiro escrutínio — número menor do que o de «sims» no referendo que levou ao afastamento do homem do 18 de Junho — e 37,50 por cento no segundo, o que significa pouco mais. Ainda por efeito das abstenções, recomendadas desta vez pelo partido socialista e não pelo partido comunista, não se repetiu essa proporção no último referendo (só 36,11 por cento dos inscritos).

Nas eleições de 1968 uma boa centena de lugares foram ganhos por menos de 1.500 votos. Uma deslocação de 3 a 4 por cento pode fazer alterar tudo.

O poder desgasta. Ora a U.D.R. sob diversos nomes, exerce-o vai agora para catorze anos; num país de espírito tão tradicionalmente crítico como o nosso, é já qualquer coisa. Foi sob esse reinado que se desenrolou a crise mais profunda que o país conheceu desde a libertação. Não pode afirmar-se que as razões profundas de Maio de 1968 — essencialmente o vazio moral, para não dizer espiritual, da sociedade contemporânea, e, por consequência, a sua incapacidade de corresponder às aspirações muitas vezes confusas de uma juventude pronta a pôrtudo em causa — não se pode dizer que essas razões tenham desaparecido.

O tipo de sociedade em que vivemos hoje pouco difere daquela que esteve prestes a ruir há quatro anos. O tema da participação, embora toque realmente no essencial, não conse-



Mitterrand

guiu impor-se. Assim, Messmer não julgou necessário conservar a secretaria de Estado que Chaban-Delmas havia criado para esse efeito pouco antes da queda. No momento da ida às urnas, ninguém saberá qual a situação dos preços e do desemprego. Enfim, julgamos não vexar ninguém dizendo, depois da campanha do último referendo, que, apesar do golpe espectacular da O.R.T.F. (Rádio Televisão Francesa), graças à atitude de Artur Conte, a maioria não dispõe de nenhum porta-voz que tenha, para se dirigir aos tele-espectadores, o prestígio e os dons excepcionais do general De Gaulle.

DO GENERAL AO CORONEL

Esta enumeração não tem em vista concluir que a esquerda unida vai provavelmente ganhar as eleições — facto de que aliás bem poucos chefes políticos estão convencidos — mas simplesmente demonstrar que o seu êxito não é impossível. De outro modo teria um chefe de Estado sentido a necessidade de nomear um sucessor a um primeiro-ministro que acabava de obter apoio em massa de Assembleia Nacional, quando afinal tinha dito a vários dos seus ministros, antes do referendo, que Chaban-Delmas continuaria a leme até à próxima Primavera, «pois não se muda de chefe antes da batalha». Dir-se-á que ao fazer tal Pompidou quis imitar o general de Gaulle, que o despediu quando ele acabava de obter, não, é claro, a confiança do parlamento, mas melhor do que isso, a do povo francês, ao cabo de uma campanha eleitoral que tinha dirigido com mão de mestre, e sempre com os argumentos mais convincentes.

O presidente da República não explicou até agora as razões que o levaram a substituir de pé para a mão o general Chaban-Delmas pelo coronel Messmer. Do que se ouve, podem, dizer, mais ou menos abertamente, por aquelas paragens, e do que nos sugere o bom senso, podemos apartar alguns motivos.

O primeiro, o que os porta-vozes oficiais deixam mais facilmente entender, reporta-se à necessidade em que se encontrava o chefe de Estado — de oferecer aos sindicatos um interlocutor capaz de se empenhar para além do período eleitoral nas vésperas de uma nova época que, segundo nos previnem será agitada. Que validade teriam as promessas de Chaban-Delmas, uma vez admitida a ideia de que cederia o lugar chegada a Primavera?



Pompidou

Diz-se pois que é por essa razão que o presidente dá a entender — e repeti-lo-á sem dúvida a quando da conferência de imprensa — que no seu espírito o gabinete de Messmer é próprio para durar, que é muito mais «funcional» que o precedente, e que comporta em diversos postos-Chave homens em quem põe a maior confiança.

Outra explicação refere o mal estar político que grassava em França nomeadamente pelo facto da proliferação dos escândalos de toda a espécie, e que o referendo de Abril, longe de o amenizar, como se esperava no Eliseu, ainda o amplificou. Chaban-Delmas viria a pagar com juros a sua atitude em relação aos impostos. Outros vieram a pagar certos convívios que mantinham, e o falarem de mais. Ninguém pôs em dúvida a completa honestidade, a economia de palavras e a lealdade para com o chefe de Estado do novo primeiro-ministro, que concebe o seu papel muito mais como um chefe de estado-maior, ao que parece, do que como o de um iniciador.

Podemos exactamente mencionar a esse respeito a crescente irritação que suscitavam no Eliseu certas iniciativas de Chaban-Delmas — como, por exemplo, o voto de confiança que quis a todo o custo pedir à Assembleia Nacional, quando aos olhos do presidente da República a única confiança que conta é a sua própria: o que se prova pelo pouco caso que fez do dito escrutínio, e a nomeação do novo Governo sem o mínimo contacto prévio com os eleitos da Nação. Para muitos colaboradores de Pompidou, o grupo de Chaban-Delmas estava salpicado de P.S.U., e ninguém ignora quanto o presidente se impacientava com a sua complacência para com as esquerdas ou grupos tidos como esquerda da Rádio-televisão Francesa.

Continua na pág. 16

**A seguir:
As Batalhas
à Sombra
da Batalha**

DI/NACIONAL

FALECEU O PRESIDENTE DA CÂMARA DE GONDOMAR

Esta madrugada, em Vendas de Grijó (Gaia) embateu num autocarro que transportava militares, quando pretendia fazer uma ultrapassagem, um automóvel conduzido pelo sr. dr. Manuel Lema Monteiro de 59 anos, presidente da Câmara Municipal de Gondomar que acompanhava pela esposa, sr.ª D. Julieta Monteiro, de 49 anos, residentes na Avenida Marechal Carmona, 11.º, 281, em Fanzeres (Gondomar).

Os dois ocupantes do carro foram conduzidos pelos Bombeiros Voluntários dos Carvalhos ao Hospital de Santo António do Porto.

O dr. Lema Monteiro, que so-

freu acção de visceras e outros ferimentos, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, mas faleceu esta manhã.

Quanto à esposa, que sofreu fractura de uma coxa e diversas contusões, o seu estado não é grave, e até experimentou já sensíveis melhoras.

Conduzia o autocarro o motorista sr. Domingos Almeida Teixeira, de 29 anos, casado, de Vale da Rua (Castelo de Paiva).

O automóvel guiado pelo presidente da Câmara de Gondomar foi, ainda embater noutro carro conduzido pelo sr. arquitecto Francisco José Ferreira Guedes de Carvalho, de 27, casado, Rua do Pinheiro Manso, 37, Porto, que nada sofreu.

RELAÇÕES PÚBLICAS DE S. BENTO

José Alberto Pires toma hoje às 16 e 30 posse do cargo de director do Gabinete de Relações Públicas e Informação da Secretaria Geral da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa.

O secretário-geral, Costa Brochado, confere a posse ao alto funcionário que há vários anos exercia de facto os deveres em que hoje é investido e que o colocam em contacto directo com os órgãos de informação.

Férias com o DIÁRIO DE LISBOA

FAÇA HOJE MESMO A SUA ASSINATURA

PELO PERÍODO DE

10 DIAS	15\$00
15 DIAS	22\$00
20 DIAS	30\$00
30 DIAS	45\$00

PAGAMENTO ANTECIPADO POR SELOS, CHEQUES OU VALE DE CORREIO

ESTEJA ONDE ESTIVER, O «DIÁRIO DE LISBOA» ESTARÁ CONSIGO

NOME
MORADA
LOCALIDADE

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO n.º

NOME
MORADA
IDADE TELEF.

CONCURSO - JOGO DO GALO -
APARTADOS 3011 ou 3088
LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 0 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

REALOJAMENTO DE 1.300 FAMÍLIAS TEMA PORTUGUÊS EM COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO

O realojamento de 1300 famílias agregadas familiares residentes em barracas na Quinta do Marquês de Abrantes, Bairro Chinês e Quinta das Claras foi

Pinto Coelho e pelo arquitecto José Reis Alvaro.

Na sessão de hoje, que teve início cerca das 9 e 30 e encerra-se às 19, foram apresentadas duas comunicações brasileiras, baseadas nas seguintes experiências: «O serviço social da indústria. Proposta para uma metodologia de desenvolvimento integrado» e «As unidades móveis da orientação social do serviço social do comércio.» Esta última experiência foi relata-

da pelo educador Euclides Rigobelo, enquanto a primeira foi apresentada pelo arquitecto João Ricard Baptista Serran e pelo sociólogo Luís António Alves Soares.

Na reunião de ontem, foram apreciadas duas comunicações, uma de cada país participante. A portuguesa referiu a experiência de promoção social no bairro da Musgueira, sendo apresentada por alguns dos responsáveis por esse projecto, en-

tre os quais o padre Rocha e Melo e o eng.º Celso Simões.

O Colóquio prossegue amanhã, encerrando na quarta-feira com uma sessão presidida pelo ministro do Estado, dr. Mota Campos.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa oferece logo à noite, na Casa do Leão, um jantar aos 130 participantes (105 portugueses e 25 brasileiros).

CARRUAGEM-CAMA DE LISBOA A VIANA

A partir de agora todos os visitantes de Viana de Castelo — turistas ou não — que preferiram o comboio podem durante os fins-de-semana, viajar repousadamente da capital até à bela cidade minhota.

Compreendendo as solicitações de responsáveis de Viana, a C. P. acedeu em ampliar o percurso normal das carruagens-cama, de Lisboa ao Porto. Assim, aproveitando o período morto da noite, o turista o homem de negócios e os que podem pagar este tipo de viagens levarão dez horas — se não houver atrasos — de Lisboa a Viana, dormindo regaladamente sem o habitual transbordo na estação de Campanhã, no Porto, com um substancial

pequeno almoço ao romper da manhã e a magnífica paisagem do vale do Lima à chegada.

A viagem inaugural decorreu este fim-de-semana, tendo sido convidados representantes dos jornais da capital que, juntamente com administradores e altos funcionários da C. P., experimentaram a mais longa travessia do país sob lençóis.

A comitiva, aguardada em Viana pelo dr. Alvaro Rocha, presidente da Câmara Municipal de Turismo, Fernando Martins, adido de Imprensa da C. P. e por outra individualidade local, fez a tradicional visita ao miradouro de Santa Luzia e deslocou-se depois para o luxuoso

Hotel Parque onde se realizou o almoço comemorativo. No final do repasto e após palavras de representantes da Imprensa regional, falou o eng. Brito e Cunha, administrador da C. P. que além de referir a importância turística e comercial da nova ligação informou que se pensa ampliar aquela mesma carreira até Valença.

Soubemos ainda que a partir de Outubro uma nova ligação Lisboa Paris, via Madrid, começará a funcionar e, também, com carruagens cama. Esta ligação que a partir da capital espanhola utilizará o famoso expresso «Puerta del Sol», levará exactamente 24 horas, ou seja, um dia e uma noite.

ASSALTO À CORDA 47 CONTOS

Um buraco quadrado de 40 centímetros de lado e uma descida à corda foi o processo utilizado por desconhecidos, num primeiro andar da Rua da Palma, para descerem ao rés-do-chão e assaltarem uma casa de lotarias.

O prédio está para ser demolido e encontra-se devoluto. De acordo com o relatório do piquete da Polícia Judiciária, o edifício costuma ser frequentado por pessoas pouco recomendáveis.

Da casa de lotarias os desconhecidos levaram 16 isqueiros de valor, e 47 contos em dinheiro, 35 dos quais foram retirados de um cofre.

FOI FATAL O ROUBO DO 13.º CARRO

Depois de já ter furtado objectos de 12 carros, Albertino Paiva da Mota acabou por ser descoberto acidentalmente quando em pleno dia, utilizava o fruto do décimo terceiro roubo. Actuava normalmente com mais uma ou duas pessoas.

O último roubo foi consumado na madrugada de 4 para 5 do corrente, no largo da Estrela. Ele tinha decidido dar uma volta com Lusitano Araújo Rego e Rogério Coutinho, num carro de que era proprietário. Chegados ao largo da Estrela apoderaram-se de um Morris que ali se encontrava estacionado e levaram-no para a Damaia. Aí retiraram diversos objectos do interior do carro roubado que abandonaram. Quando no sába-

do à tarde, se encontravam em S. Pedro de Alcântara a montar no carro do Albertino, os objectos desviados, foram surpreendidos por dois agentes da PSP que lhes deram voz de prisão. Após algumas horas de interrogatório, Albertino Paiva confessou os restantes furtos.

A DISCUSSÃO TERMINOU COM MORTE

Após uma discussão, um homem matou outro com um corta-papel, que lhe espetou no peito. O crime ocorreu na estrada de Benfica. António José Varela de 55 anos foi a vítima.

A discussão iniciou-se na residência de Joaquim Pedro Maria da Silva, pintor da construção civil. A certa altura o António Varela pretendeu agredir o Joaquim Pedro com um ferro. Este, reparando num livro que continha um corta-papel, pegou-lhe, deixou cair o ferro e pegou no livro, apanhando-o e espetou-o no peito de António Varela que já chegou sem vida ao Hospital de S. José.

APARECEU A SOBRINHA DOS VISCONDES DE CARNAXIDE

A sobrinha dos viscondes de Carnaxide, Teresa Maria de Noronha e Castro, de 5 anos, que, conforme foi divulgado, havia desaparecido no sábado da casa de seus

tios, já apareceu, segundo revelaram estes familiares.

A menor ausentara-se para parte incerta, devido a desentendimentos familiares.

AFOGADO NA CAPARICA

Vítima de afogamento, quando se encontrava a tomar banho numa das praias da Costa da Caparica, morreu, a caminho do hospital de Almada, o jovem Manuel Soares de Paiva, de 8 anos, filho de Joaquim Gomes de Paiva e de Maria Assunção Henriques, moradores na Quinta de Marquês de Abrantes, em Lisboa.

O infeliz, quando se sentiu aflito, foi socorrido por várias pessoas que, sem resultado, fizeram todas as tentativas para o salvar.

Despistou-se e atropelou três pessoas

Despistou-se um automóvel no sítio do Póbral, S. João das Lampas, e atropelou três pessoas, uma das quais, a pequena Maria do Carmo Ferreira da Rosa, de 10 anos, teve morte quase imediata. As restantes vítimas, Manuel Ferreira Rosa, de 48 anos, pai da criança, e Lídia Pereira Lageiro, de 47 anos, ambos moradores em Póbral, ficaram gravemente feridos, tendo sido transportados para o Hospital de S. José, onde se encontram internados.

A viatura era conduzida pelo carpinteiro José Gomes Pedrosa, de 52 anos, que seguia acompanhado da sua mulher, Gertrudes Branca Pedrosa, moradores em Lisboa, na Rua da Beneficência, 97. O casal encontra-se igualmente internado no Hospital de S. José com vários traumatismos.

Quintuplos

LIÈGE, 7 (FP) — Três rapazes e duas raparigas nasceram, de um parto, na noite de sábado para domingo, na Clínica Saint Vincent, em Rocourt, perto de Liège. Dois dos rapazes morreram. A mãe, Marie Louise Jacquemin, de 27 anos, já tinha um filho com 6 anos.

DL/ESPECTÁCULOS

TV

O PECADO DA MÁ-LÍNGUA

Na homilia da missa de ontem, o sacerdote, em comentário à transfiguração de Cristo diante dos apóstolos, disse-nos que *«as lutas, as dificuldades, as incompreensões e até mesmo as perseguições, fazem parte do plano de Deus para a salvação de cada um de nós»*.

O sacerdote, infelizmente, esqueceu-se de nos dizer como conseguira entrar no conhecimento do plano de Deus. Além de que, se Deus possui planos tão facilmente intuíveis dos homens, não se pode dizer que seja um Deus por aí além.

Temos a seguir a declaração da necessidade de uma transfiguração nossa, de uma transformação interior a qual *«deve assentar numa luta que todos devemos travar no mundo, vencendo o orgulho, a cupidez dos nossos sentidos, imolando o corpo para triunfo do espírito»*.

Pelos modos ainda não chegámos ao tempo de se abandonar a injúria do corpo como pretexto da defesa da alma. Custa a destruir o mito da folha de parra. A serpente continua, pelos modos, a ser o grande inimigo. Quando o desenvolvimento harmonioso do homem tem outros inimigos que se representam no tipo de relações desumanizadas instauradas na sociedade.

O sacerdote, na linha do comentário, falou numa virtude *«que anda arredia de certas pessoas e ambientes»*: a discrição. Acrescenta: *«Há chamas que nunca se teriam ateado se não lhes tivesse soprado a má língua da indiscrição e da inconfidência»*.

E depois: *«Vivemos num clima de insinceridade. Lamentável dizê-lo, mas é verdade»*. E ainda: *«Há quem viva o prazer sádico da bisbilhotice. Trata-se de doentes de espírito, merecedores da nossa compreensão e da nossa compaixão. E em vez de lhes dar ouvidos, não seria melhor ajudá-los a curarem-se, dizendo-lhes com caridade não nos interessa a conversa»*.

Acabada a Missa, seguiu-se a rubrica *«O Dia do Senhor»* ainda à responsabilidade de Videira Pires. Ouvimos, a certa altura que *«continua o martírio da Irlanda do Norte. O recrutamento da violência obriga a Inglaterra a tomar medidas ainda mais enérgicas»*.

Mais: *«A própria Bernadette Devlin, que pretendeu apresentar-se como a encarnação de Joana d'Arc, soube-se agora que é uma mulher de fraca moralidade, inteiramente dedicada à causa do socialismo anarquista»*.

Fazemos votos para que Bernadette Devlin tome conhecimento destas palavras para se encetar um diálogo frutuoso, sobre moralidade e imoralidade, com o responsável da rubrica. A menos que...

A menos que se trate de simples questão de má-língua, pecado tão justamente castigado na homilia acima indicada. E nesse caso, o melhor é não darmos ouvidos.

HÓQUEI A DAR

PARA O TORTO

Primeiro era o som. O mar

da multidão, como se tivéssemos um búcio colado aos ouvidos. Depois, de choque, as imagens vieram. Vieram as sombras a movimentarem-se, ora estranhamente perto, ora estranhamente longe, a perseguirem uma bola indistinta no rinque escuro, ponto minúsculo que foi durante quatro vezes ponto final.

Recordo-me das vicissitudes que atravessaram as emissões deste campeonato, anunciadas e logo adiadas. Foi assim durante três noites consecutivas. Isto começou mal logo de princípio, há coisas que se vê logo que tem que ser.

Recordo-me, ainda, de uma célebre transmissão doutro Portugal-Espanha, feita de cá. Recordo-me e tenho vergonha com os exageros patrióticos cometidos. Ao pé dessa inconsciência, a emissão da TV espanhola foi de uma angelical sobriedade.

Recordo-me de uma mesa-redonda sobre hóquei em patins e dos optimismos que então lavravam. E agora? Agora vai ser o descalabro. Depois de um fracasso tamanho, é sempre assim: começamos à procura dos bodes explicatórios e dos bodes expiatórios. Como se o mal fosse apenas do hóquei. Como se o mal não estivesse em todos os desportos. Como se o mal não estivesse no corpo todo.

Enfim. Recordo-me que a TV espanhola nos deu uma transmissão de grande sobriedade, tecnicamente muito avançada em relação àquilo que se faz cá. E não quero recordar-me dos comentários de Fernando Vaz Garcia: com eles, com o processo de repetir aquilo que a imagem nos diz ou de falar de coisas que nada têm a ver com o que se passa no rinque, com tal processo demos um passo atrás nos domínios do comentário desportivo.

Assim se entende a evolução lá pelos territórios do Lumiar?

MADEIRA: PARAÍSO... DO LUGAR COMUM

A Madeira. A Madeira é uma pequena palavra no mar imenso do lugar-comum. A Madeira é o cesto de flores que o Atlântico leva no braço. Juntamente com tudo isso, a Madeira já tem, a partir de agora, o prazer a honra, a maravilha de apanhar com, perdão!, de apanhar a televisão portuguesa. Agora é que a Madeira vai ver como é. Agora é que a Madeira vai passar a ter saudades do tempo em que era autenticamente uma ilha.

A Madeira. Vimo-la (?) ontem, através de um documentário de João Mendes. Rica fotografia, sim senhor. Que lindas vistas tem a Madeira. E mar? É fantástico, pá! Há mar por todo o lado. Parece bruxedo. Os alcantis medonhos, etc. Fora isso, o balhinho da Camacha. Tinha de ser. Tudo muito limpinho, muito asseado, não há dúvida: a televisão lava mais branco. Aquilo não é uma ilha: aquilo é uma câmara de desinfecção. É um caminho para a felicidade.

Eu quero ir para a Madeira. Lá sou irmão do Atlântico. Lá



Por MÁRIO CASTRIM



as pessoas estão tão contentes. Lá as pessoas sorriem para mim. Lá os turistas ingleses tiram fotografias coloridas. Lá as fotografias nunca ficam tremidas.

Eu quero ir para a Madeira. Lá toda a gente trabalha naquilo que muito gosta. Ou descarregam bananas, ou se vergam nas vindimas ou levam pipos às costas ou abrem sulcos no chão. Como se costuma dizer: em íntima comunhão com a na-

tureza. E se isto não é poesia, se isto que digo e o documentário nos mostrou não é poesia da pura, então é porque já não existe poesia neste mundo.

Eu quero ir para a Madeira. Lá as pessoas fazem coisas estranhamente delicadas: velhas bordam, velhos empurram carinhos de mercadorias. Com uma grande serenidade, com uma nobre compostura. Ah, como deve ser bela uma terra onde até a miséria é suave e

tranquila é (Deus me perdoe!) um halo de Beleza!

Eu quero ir para a Madeira. Lá tenho os grandes hotéis à minha espera, entre céu azul e açafates de flores. Lá tenho as grandes piscinas e as grandes comodidades. Lá tenho a amável companhia de meus camaradas milionários ingleses e nórdicos. Lá tenho, para festejarmos a boa alegria e a boa vida, garrafas de 1815.

Eu quero ir para a Madeira. Lá tenho principalmente o ciclerone ideal: o Virgílio Teixeira, campeão dos lugares-comuns paisagísticos e não só. Muito feliz da grande honra que lhe concedeu a televisão portuguesa. A recordar os tempos em que foi galá. A aconselhar-nos: *«Venham ver-nos e não se arrependem»*.

Madeira. Documentário sobre a Madeira. Torno à minha:

o mar, o mar por todo o lado. Palavra nunca pensei que! E as bananas, e os vinhos, e o balhinho! Coisas que tanto podiam ser na Madeira como noutra sítio, sei lá. Ah, que rica fotografia! Os olhos, esses, ficaram refastelados.

Madeira, Madeira, quem és tu?

MÁRIO CASTRIM

P.S. — E não falarei dos fados sem nervo nem horizonte de Maria do Espírito Santo. E não falarei do ceguinho a fazer uma galinha crioula que devia estar de arromba. E não falarei das partidas do ténis, tão partidas, tão partidas... E não falarei da corrida de ciclismo e dos comentários de timão perdido de Alves Barbosa. Não falarei de uma data de coisas porque sou homem discreto e de muita paciência. M.C.

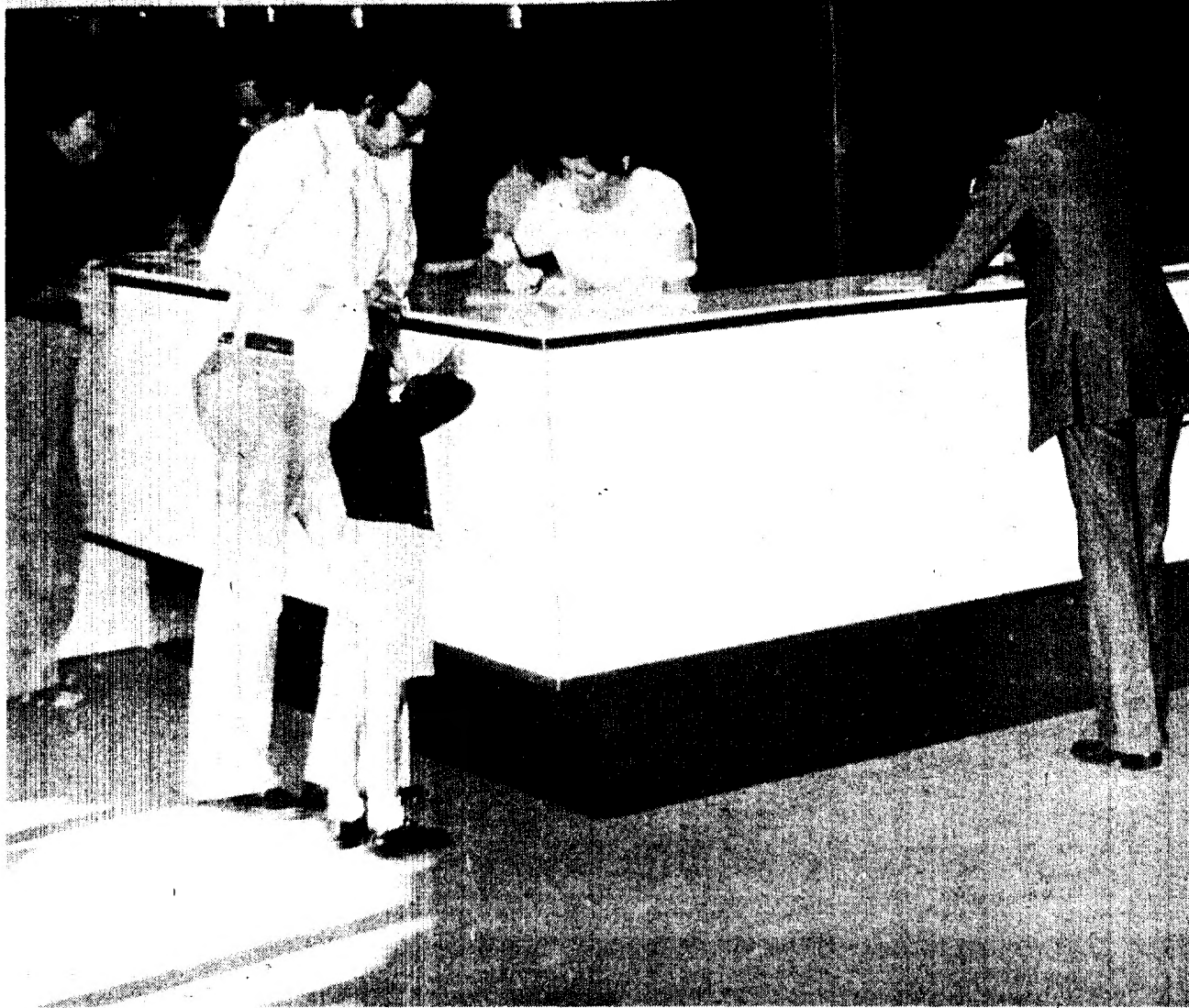
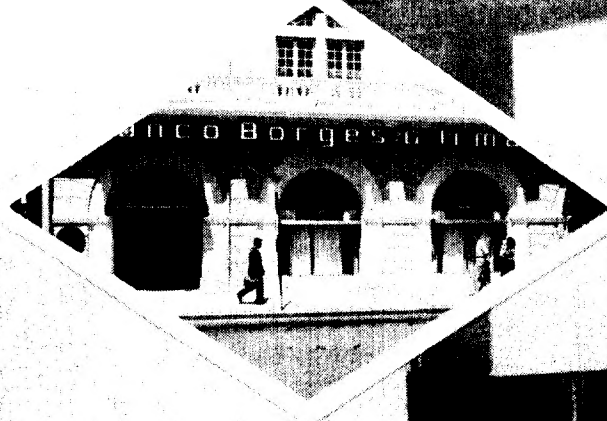
AGÊNCIA DE
AVEIRO
novas instalações



com toda a comodidade tem ao seu dispor os nossos serviços nas novas instalações desta Agência

Banco Borges & Irmão

Ponte Praça, Edifício Arcada



PORTUGAL

nos CAMPEONATOS DO MUNDO DE CICLISMO.
(Estrada) em GAP (França) a 6 de Agosto.

Com o patrocínio do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

DL / ESPECTACULOS

Smic sim, Smac talvez, Smoc não

Título: SMIC, SMAC, SMOC
(smic, Smac, Smoc)
Realização: Claude Lelouch,
1971 (França)
Intérpretes: Amidou, Charles
Gerard, Jean Colomb, Catherine
Alegret, Francis Lai, etc...
Distribuição: Rank Filmes.
Estreia: Cinema S Jorge
(3.8.1972)

**Título: CHAMAVAM-LHE
REI (The King)**
Realização: Don Reynolds,
1971 (Itália)
Intérpretes: Richard Harrison,
Klaus Kinski, Anne Puskin,
etc...
Distribuição: Distribuidores
Reunidos
Estreia: Cinema Politeama
(3.8.1972)

Claude Lelouch, que muitos en-
terram anualmente, de cada vez
que dele sai um novo filme, re-
gressa com uma película aparen-
temente desconcertante que con-
vira não julgar de forma precipi-
tada e taxativa. **Smic, Smac, Smoc** não é o que uma certa
crítica francesa e medíocre e
conformista — (transcrita pela
publicidade) diz, mas também
não é o enorme panfleto, reac-
cionário e convencional, que
muitos nela vêem. Cremos que
Smic, Smac, Smoc representa
uma etapa importante na carre-
ira de Lelouch, ainda que acabe
por ser um filme relativamente
falhado e até perigoso. Mas, va-
mos por partes. Primeiro, há
que fazer justiça à coragem de
Lelouch: autor muito comercial,
senhor de grandes êxitos, produ-
tor, realizador, argumentista, fo-

tógrafo, distribuidor dos seus
próprios filmes (e de outros, que
coloca em França), Lelouch po-
dia repetir receitas, não abdicar
de certas fórmulas que anterior-
mente se mostraram de óptimos
resultados. Por exemplo, no ca-
so de **Um homem e uma mu-
lher**, de **Viver para viver** ou
no de **O Homem de quem eu
Gosto**. **Smic, Smac, Smoc** pre-
tende, pelo contrário, ir contra
as fórmulas anteriormente expe-
rimentadas.

Em vez de burgueses e **play
boys**, vamos encontrar agora
três operários de construção na-
val e uma empregada; em lugar
de grandes intérpretes, de êxito
seguro (estilo Trintignant, Bel-
mondo, Candice Bergen, Girar-
dot, Anouk Aimée, etc), eis que
nos surge um grupo de belas
pessoas que parecem enorme-
mente divertidas, trabalhando e
improvisando episódios; em vez
de um grande orçamento e de
meses de filmagens, temos um
orçamento reduzido (em relação
ao tipo médio da produção fran-
cesa, duzentos mil francos é
uma autêntica bagatela) e oito
dias de filmagem; em substi-
tuição de uma intriga fortemen-
te dramatizada, eis que nos sur-
ge um amontoado de sequências
(quase todas elas constituídas
por planos de duração invulgar)
que constituem uma espécie de
pequena crónica do quotidiano;
em vez de actores debitando um
diálogo previamente estudado,
um conjunto de pessoas convi-
vendo frente à câmara, improvi-
sando diálogos e prolongamen-
tos de situação; um lugar de
uma fotografia e de uma banda

A crítica de
**LAURO
ANTONIO**

sonora peçadas de rodriguiños,
surge-nos uma fotografia efecti-
vamente cuidada, mas granula-
da, uma banda sonora efectiva-
mente feliz e fácil de entrar no
ouvido do público, mas rudi-
mentar, instrumentalmente po-
bre, música de Francis Lai feito
ceguinho do acordeão...

Enfim concordemos que
Lelouch escolheu correr certos
riscos. Sera honesto, pelo menos
referi-los. Desonesto, igno-
rá-los, minimizá-los.

Tudo isto é verdade, tudo isto
é divertido, tudo isto dispõe
bem o espectador que do cine-
ma pouco mais pede do que
uma diversão. A partir daqui,
porém, surgirão algumas reser-
vas de peso que desonesto tam-
bém seria ignorar. Quatro ope-
rários divertem-se durante um
fim de semana. Lelouch, que
não sabe quais são os diverti-
mentos habituais dos operários
e não sabe discutir os seus pro-
blemas de trabalho, de salário,
de habitação, de ócio, resolveu
criar personagens, estilizadas
alguns dos seus aspectos, e pô-
las a divertirem-se «à rico». Ou
seja, Lelouch, que sabe fazer
filmes sobre os problemas (ou
os falsos problemas) da burgue-
sia endinheirada, obriga os seus

personagens-operários a mima-
rem o comportamento de milio-
nários em Saint Tropez. O que
deixa prevalecer alguns dos as-
pectos dos seus filmes anteriores
(ambientes, automóveis, descon-
tração no comportamento, na
existência, alegria, etc). Ora
uma tal atitude implica graves
riscos, tornando socialmente in-
característica uma classe, desen-
raizando figuras, idealizando
comportamentos que vão até à
utopia (cena na esquadra),
etc... Será aquela classe operária,
a classe operária francesa? Bem
sabemos o perigo (e a realidade)
nas sociedades de consumo pe-
queno-burguesa, da tentação
que sobre o operariado ela mo-
biliza, mas essa tentação nunca
deveria ser dada como solução
(existindo alegremente, despreo-
cupadamente, os quatro progra-
mas dançam, bebem, vão «às
meninas», cantam e tocam...),
mas apresentada sim de um pon-
to de vista realista e crítico. O
que Lelouch não faz.

Parece-nos, portanto, que se
há alguma novidade no cinema
de Lelouch, ela é apenas formal,
não de essência. Com outros
personagens, o seu cinema con-
tinua a ser burguês de raiz para
ser consumido, como objecto de
certo luxo plástico, pela própria
burguesia. **Viver, Amar, Mor-
rer**, foi, ainda assim, a sua única
grande ruptura.

Agora passemos ao **western
italiano** da semana. **Chama-
vam-lhe Rei**, de Don Reynolds,
com o inquietante Klaus Kinski
e Richard Harrison nos protago-
nistas. Um carregamento de ar-
mas que não chega ao seu desti-
no: daí pode surgir um tremen-
do conflito entre americanos e
mexicanos... Mas, tenhamos cal-
ma, que Richard Harrison está
ali para as encomendas. Respei-
tada a ordem, a virtude é recom-
pensada, os bandidos castigados,
o espectador brutalizado. Mais
uma, a acrescentar à lista...

DL show

Lídia Ribeiro esteve a actuar
no Casino de Espinho. Consta
que já firmou contrato para no-
va temporada.

Durante uma sessão comemora-
tiva do «Dia de Portugal» or-
ganizada pelo Consulado Geral
de Portugal em Boston foi con-
decorado António Alberto Cos-
ta pelo seu trabalho aos micro-
fones da WGCY de New Bed-
ford, principal órgão dos portu-
gueses radicados em Nova In-
glaterra.

Nas discotecas de Lisboa está
já à venda o primeiro LP de
Duarte Mendes, actualmente
um dos «trufos» da etiqueta
«Orfeu».

O Coro da Juventude Musical
Portuguesa que, dirigido por
Francisco d'Orey, ganhou o pri-
meiro prémio num encontro in-
ternacional de coros disputado
em Inglaterra regressa esta se-
mana a Lisboa.

Também há notícias da «Co-
muna»: Maria do Céu Guerra
está de férias em Londres e Ma-
ria Emilia Correia já começou
a ensaiar. O espectáculo que es-
te grupo se propõe estreiar em
Setembro já vai adiantado. Pena
é que não lhe resolvam o proble-
ma dos subsídios.

Foi constituído o júri dos exa-
mes dos Alunos dos cursos de
Pintura e de Escultura da
Secção de Belas Artes da Aca-
démia de Música e Belas-Artes
da Madeira.

Duarte Reboredo e Castro
(pintor), Luísa Clode (esculto-
ra) e Elia Pimenta (pintora) se-
rão os examinadores.

Prepara-se a estreia num dos
cinemas da capital do filme de
Miloš Forman «O Baile dos
Bombeiros».

MICK JAGGER: Reforma aos trinta e três

LONDRES — Mick Jagger, chefe do grupo pop «Rolling
Stones», deixará esta actividade dentro de quatro anos, segundo
o próprio revelou numa entrevista concedida ao «Daily Mirror».

Quando fizer 33 anos abandona isto. E a altura de um homem
ir fazer outra coisa. Ainda não sei muito bem o quê.

Jagger, que voltou recentemente de uma viagem aos Estados
Unidos e ao Canadá, durante a qual se registaram alguns incidentes
de violência, declarou que não é de maneira nenhuma milionário,
que «Metade do seu dinheiro lhe foi roubado», e que há na
sua profissão «muitos parasitas e pouca gente honesta».

VII Festival internacional da canção popular do Rio de Janeiro

'Ultrapassada a barreira dos dez mil mantém-se o "suspense"

Faltam três dias de «suspense». Um «século» de espera. Jo-
sé Afonso ultrapassa os dez mil
votos. Duarte Mendes, depois
de duas cartadas sensacionais de
mil e tal e dois mil e tal votos,
respectivamente, em três dias,
eis que pára. Porque Eis a
classificação, de todos os in-
terpretes votados:

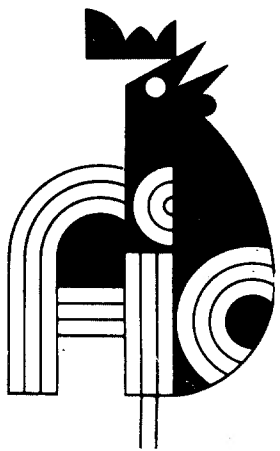
Adriano Correia de Oliveira e
João Henrique, 84; 21.º, Ga-
briel Cardoso, 76; 22.º, Introito,
73; 23.º, Maria da Glória, 68;
24.º, Luis Cília, 63; 25.º, An-
tónio Macedo, 62; 26.º Sérgio
Godinho, 58; 27.º, Manuel José
Soares, 56; 28.º Os Plutónicos,
51; 29.º, Dário de Barros, 50;
30.º, João Braga, 49; 31.º Fer-

1.º JOSÉ AFONSO	10.007
2.º DUARTE MENDES	5823
3.º HUMBERTO MASCARENHAS	1891
4.º JOSÉ CID	1833
5.º FLORENCIA	1628
6.º ISABEL FONTES	1350
7.º MARIA DE LOURDES RESENDE	838
8.º JOSÉ JORGE LETRIA	492
9.º PACO BANDEIRA	415
10.º ANTÓNIO CALVÁRIO	277

11.º, José Mário Branco, 271;
12.º, Carlos Mendes, 251; 13.º,
Carlos Alberto Moniz, 171;
14.º, Francisco Fanhais, 150;
15.º, Simone, 145; 16.º, Teresa
Paula de Brito, 119; 17.º, Hum-
berto de Castro, 105; 18.º, Tere-
sa Silva Carvalho, 104; 19.º,

nando Lito, 40; 32.º, Manuel
Freire, 36; 33.º, José Barata
Moura, 35; 34.º, José Matilde
e Lenita Gentil, 31; 36.º, Víto-
rio Santos e Duo Ouro Negro,
26; 38.º, Tozé Brito, 21; 39.º
Max e Andrea, 20; 41.º, Joa-
quim Cordeiro e Maria Clara,

18; 43.º, Fernando Tordo, 16;
44.º, Maria da Fc e Luis Romão
e Leonel Sena, 14; 47.º, Ilda
Marques, Manuel Vargas e José
Cheta, 13; 50.º, Manuel Bran-
quinho e Luis Gois 11; 52.º,
Sérgio Borges, 9; 53.º, Deniz
Cintra, 7; 54.º, Maria Valejo e
Hugo Maia de Loureiro, Gual-
berto Caterra e Madalena
Iglesias, 5; 58.º, Artur Garcia e
João Perry, 4; 60.º, Américo Pe-
reira e Luis Galhardo, 3; 62.º,
Mário Simões, 1111, Rafael Fi-
gueiredo e Armando Pedrosa,
2.º Último lugar, com um único
voto: Sissi, Paulo Jorge, An-
tónio Mafra, Alice Amaro, Car-
los Portugal e Gina Maria.



BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR — TELEF. 790168

Comunica que, por motivo de férias dos seus empre-
gados, se encontra encerrado até ao próximo dia 21.

restaurante
arameiro
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Anjo 21
PRÊMIO DO S. N. I.

RESTAURANTE
POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES
E CEIAS
EXPERIMENTE O FAMOSO
CHISPE A CHEN KÓ-LÓ
PAÇÓ D'ARCOS
(Junto ao jardim)
Telef. 243 38 78

TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80

AMANHÃ
SALSICHA ESTUFADA COM
COUVE LOMBARDA
4.ª FEIRA
FEIJOCA C/ ENTRECOSTO

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA
(Contratos especiais em casu-
amentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Collina
Rua Filipe Folque, 46-A
AMANHÃ
FEIJOCADA
À TRANSMONTANA

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES
DA COZINHA PORTUGUESA

ADEGA MESQUITA
jante

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

ONKYO
CANALS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

Tórpido, *adj.* Que entorpece, que causa torpor. || Dormente; em quietação; entorpecido. || Que estaciona e não mostra tendência para melhorar ou para se agravar. || *Pat.* Diz-se de qualquer lesão (ferida, úlcera, etc.) e de certas doenças que não têm tendências para melhorar nem para piorar e se mantêm estacionárias.

Torvilha, *s. f.* Aparelho para enxofrar vinhas.

Torvilhar, *v. t.* *Bras.* O *m. q. torpedear*.

Torpidude, *s. f.* O *m. q. torpeza*.

Torpor (*pô*), *s. m.* Entorpecimento. || *Modorra*, sonolência; estado de languidez. || *Inércia* da alma; indiferença; insensibilidade psíquica. || *Afrouxamento* de acção; apatia.

Torporoso, (*ô*), *adj.* Que sofre de entorpecimento, de inércia.

Torquês, *s. f.* Grafia brasileira da palavra *turquês*, instrumento metálico para segurar ou agarrar. || Nome vulgar de um coleóptero e de um crustáceo.

Torquisco, *s. m.* Espécie de arma antiga.

Torra, *s. f.* Acto ou efeito de torrar. || *Provinc. alent.* Esgotamento de águas nos canteiros dos alagamentos dos arrozais. || *Bras. da Baía.* Designação que nas larvas diamantíferas dão aos carbonatos de qualidade inferior. || *Pancadaria*, sova.

|| *Censura*.

Torração, *s. f.* Acto de torrar. || Casa onde se torra.

Torração, *s. f.* Acto de torrar. || Casa onde se torra.

Torradeira, *s. f.* Utensílio que serve para torrar pão.

Torrado, *adj. e p. p.* de torrar. Que se torrou; seco ao sol ou ao lume; torrificado. || *Enegrecido*, escurecido. || *Bras.* Assado; frito. || *Murchado*, seco (falando-se de plantas). || O *m. q. tórrido*. || *S. m. Bras. do N.* Espécie de rapé. || O *m. q. ropé*.

Torrador (*ô*), *adj.* Que torra. || *S. m.* Aparelho para torrar café, chicória, etc.

Torragem, *s. f.* O *m. q. torração*.

Torralta — *Constituição* — empresa que tem por objectivo principal a exploração da indústria hoteleira e turística podendo dedicar-se a todos os ramos de actividade que considere necessários ou convenientes ao incremento daquela, tendente a proporcionar aos turistas não só a maior diversidade possível de atracções — recreativas, culturais e desportivas — como a maior tranquilidade no gozo de férias.

Formas de participação — a Torralta é uma sociedade aberta à participação de todos.

Desenvolvimento actual — os actuais empreendimentos da Torralta desenvolvem-se na praia do Alvor, centro turístico de uma região turística, em Troia, uma enorme praia no centro do progresso, e no Alentejo onde possui coutadas e zonas de pesca de rio além de apoio infraestrutural aos empreendimentos turísticos.

Torralta O QUE SOMOS



TORRALTA

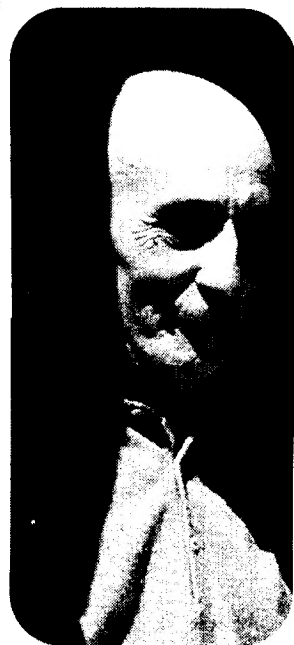
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

DL /REPORTAGEM

Teatro popular no Minho

REVIVEU-SE O "AUTO DA FLORIPES"

A paragem, pela primeira vez, da automotora N.º 5015 e a representação popular, ao ar livre, do secular «Auto da Floripes», tanto do agrado das gentes daquela região minhota, — foram os números grandes do programa de sábado da tradicional festa da Senhora das Neves, pequeno lugar da freguesia de Barroselas, a quinze quilómetros, a sul, de Viana do Castelo. Mas, Senhora das Neves, apenas é lugar, geograficamente. As suas moradias mais recentes, mercê daque-



«Carlos Magno» tem 68 anos e é alfaite

les que emigraram; os seus cafés e até mesmo um estabelecimento onde entrámos, que tinha de tudo, como a fazer-nos lembrar um supermercado, — dão-lhe foros de autêntica freguesia. Pois no sábado, de temperatura pouco convidativa, caiu ali meio mundo. E não eram apenas gentes modestas daquela redondeza que se deslocaram à Senhora das Neves. De muitos outros pontos do País, incluindo Lisboa, vieram pessoas, atraídas pela representação do tradicional espectáculo.

A festa começara logo de manhã, com a saída da procissão, da igreja de Mujães, em honra da Nossa Senhora das Neves.

De tarde, e já próximo das 15,30 horas, todos acorreram ao apeadeiro, a aguardar a paragem da desejada automotora. Música e foguetes assinalaram o acontecimento.

E foi ali, precisamente, onde também nós aguardávamos aquele veículo ferroviário, que indagámos onde poderíamos contactar com alguém ligado à represen-

tação do «Auto da Floripes». Não poderíamos ter tido mais sorte. A primeira pessoa a quem nos dirigimos, já um tanto carregada de anos e até com certa deficiência visual, era nem mais nem menos que a figura central de célebre auto.

— Não há directores nem ensaiadores, começou por nos dizer. Ajudámo-nos uns aos outros, e cada um faz o que pode, acrescentou.

— Como se chama?

— Manuel Alves Miranda. A automotora, entretanto, iniciara, vagorosamente, a sua marcha, a caminho de Viana do Castelo. Os passageiros, das janelas das carruagens, debruçavam-se, contemplando o cenário festivo do apeadeiro.

Acompanhámos o sr. Miranda até à sua casa, que dista dali umas escassas centenas de metros.

Fomos conversando. E com que entusiasmo ele nos falava do auto!...

— Quantos anos tem, sr. Miranda?

— Já cá cantam 68.

— E que faz?

— Sou alfaite. Mas agora já nem trabalho. A vista já não me ajuda... Entrámos na sua vivenda. Uma modesta casa de rés-do-cyão. Mostrou-nos, com certa emoção e um tanto orgulhoso, um folheto sobre o auto, onde figura uma fotografia sua, no papel de «Imperador Carlos Magno».

Não nos deixou sair de casa sem que bebéssemos uma «pinga». Pediu à mulher uma garrafa e um saca-rolhas, e outro remédio não tivemos se não de beber uns goles...

Tiveram muitos ensaios?

— Uns cinco ou seis. E todos aos domingos, pois todos nós trabalhamos e não temos tempo para festas.

— Aos quantos anos começou a representar?

— Sem a menor hesitação. Tinha vinte anos.

— Há dificuldades em conseguir «comediantes»?

— Não se pode dizer que haja muita. Mas agora — diz-nos um tanto magoado — «a gente nova só pensa na bola». Eu até já queria afastar-me destas «coisas». Já não vejo muito interesse por esta tradição da minha terra. Eu nasci aqui.

A hora da representação aproximava-se. O sr. Miranda teria de estar, com tempo, no local do espectáculo.



Misto de pantomina, recitativo e bailado

Um recinto com modesta vedação de madeira, ao ar livre, e com entradas pagas, serve de cenário à popular representação, que prendeu a assistência durante quase duas horas, sem intervalo algum.

Um longo estrado serve de palco. Um plátano junto, permitiu que uns tantos espectadores gozassem de benéfica sombra.

Nas duas extremidades do estrado, bandas de música

colaboram no auto, uma reminiscência do velho teatro popular.

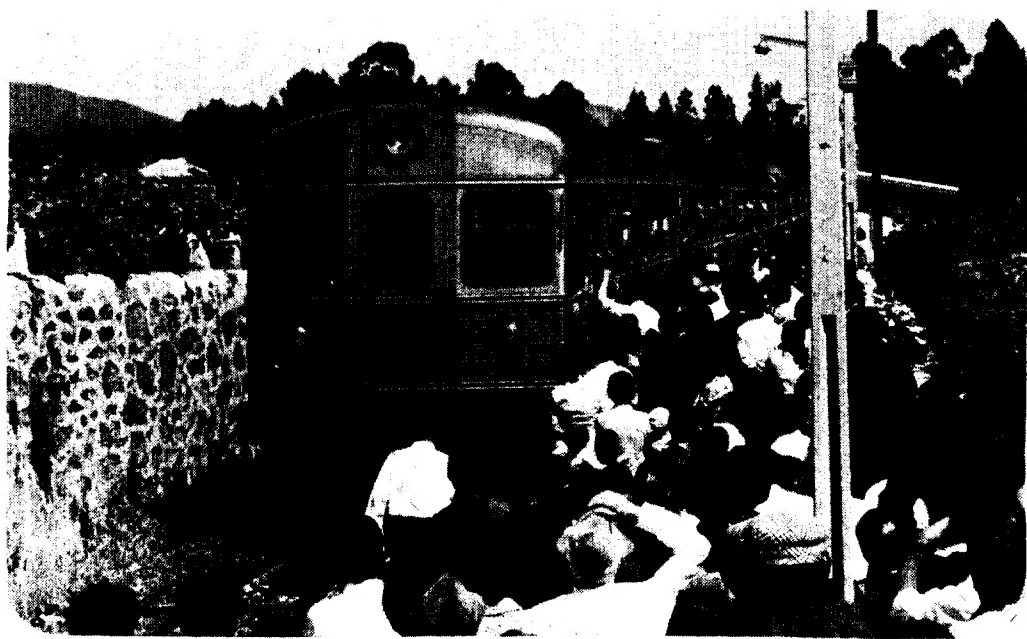
A sua representação, há anos, sofreu algumas intermitências, por falta de guarda-roupa apropriada. O auto é um misto de pantomina, recitativo e bailado.

Os figurantes, todos eles, são dali. Alguns vivem do campo. Têm a quarta classe. O sr. Miranda possui a terceira. Que, para o tempo, disse-nos ele — já era muito...

A representação começa com a chegada dos quinze cristãos. Entre eles, o Imperador Carlos Magno, o cavaleiro Oliveiros e o escudeiro Guarim.

O imperador ostenta espada, e o Oliveira empunha uma lança. Os restantes, caçadeira ao ombro.

Vêm depois os turcos, com a sua indumentária, amarelo e vermelho, sendo principais figuras: almirante Balaão (o rei turco ou rei mouro); seu



A automotora parou pela primeira vez

filho Ferrabrás, rei da Alexandria, e o bobo Brutamontes.

Entre Oliveiros e Ferrabrás, trava-se vivo combate, invocando o primeiro protecção divina, que o segundo procura convencer a depor as armas e a aliar-se aos turcos.

Oliveiros, porém, não aceita a proposta e acabou por levar de vencida Ferrabrás.

Os turcos vêm depois, levando Oliveiros sob prisão.

Acto contínuo, surgem uns quantos cristãos e levam Ferrabrás.

Entretanto, chega ao estrado a Floripes (Maria Basília Martins Dias, de 16 anos), irmã de Ferrabrás, que se colocou ao lado do rei turco. Após a prisão de Oliveiros, Carlos Magno mandou embaixadores avistar-se com o rei. Foram presos. O rei, porém, enviou dois emissários ao campo cristão. Foram corridos a tiro.

Floripes, imediatamente, libertou Oliveiros e os companheiros, e fugiu com eles para o campo de Carlos Magno. O rei recriminou-a, e ela, um tanto afastada, diz-lhe:

«O senhor meu pai me perdoe! Esta acção mal considerada! Se lhe fiz esta ofensa! Foi pra ser mulher casada».

O rei perdoou-lhe e convidou-a a dançar com ele, ao que ela anuiu.

Finalmente, e acompanhado dos seus séquito, o rei e o imperador enfrentaram-se.

Os turcos foram aprisionados, dois a dois, terminando assim a luta, em jeito de bailado. E logo a seguir, todos os participantes no auto entoaram, em coro, uma loa em honra de Nossa Senhora das Neves, que o público muito aplaudiu. O papel de Floripes, agora já é desempenhado por um elemento feminino, disse-nos no final um dos figurantes. Os tempos já são outros. Dantes, nenhuma mulher cá da terra se prestava a isto... Era sempre um rapaz.

Podemos já anunciar, segundo disse o sr. Manuel Alves Miranda, que nos surpreendeu, deveras, pelo vigor e entusiasmo com que desempenhou o seu papel de «Imperador Carlos Magno» — o «Auto da Floripes», devido à iniciativa da Gulbenkian, será representado em Lisboa no próximo dia 21.

Uma equipa da televisão belga, em serviço no Minho, filmou algumas cenas do auto, para o programa «Visa pour le monde».

A equipa, que virá também ao Porto, é composta por George Desin, Jean François Boucher e pelo nosso colega Quirino Teixeira.

POR QUE CONFIAM NA

BOLEX



TANTOS CINEASTAS?

Porque **BOLEX** cultiva uma tradição de **alta qualidade!**

Porque **BOLEX** modifica e inventa sem descanso, apontando o caminho do progresso!

Por isso, o número de cineastas **BOLEX** não deixa de crescer e, não obstante, são os mais exigentes...

Existem câmaras **BOLEX** para amadores e profissionais, desde as mais simples às mais evoluídas.

Por exemplo, a **BOLEX 233 COMPACT** é simples, prática e robusta. Pode acompanhá-lo por toda a parte, fazendo sempre filmes excepcionais!

Informe-se no seu habitual fornecedor foto e cine.

Representantes exclusivos: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A. R.L.

Divisão Foto-Cine, Rua dos Douradores n.º 10-11SBOA Telef. 361545/678.

A VISO

ABASTECIMENTO DE ÁGUA ZONA DE CASAIS-MEM MARTINS, MEM MARTINS E ALGUEIRÃO

Avisam-se os Senhores consumidores que estes Serviços, por motivos de força maior, têm que suspender o abastecimento de águas àquela zona, entre as 14 e as 19 horas, nos próximos dias e até aviso em contrário.

PREMIOS BRASILEIROS DE ARTES E LETRAS

Artistas e escritores portugueses e brasileiros têm agora vários prémios ao seu alcance, instituídos pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, no Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura. Serão atribuídos numa mostra de artes visuais, os prémios de aquisição de pintura, gravura e desenho, e, ainda, os prémios Adelino de Magalhães, Casimiro de Abreu e Leopoldo Miguez, para obras literárias e artísticas.

No caso da mostra será atribuído um prémio de doze mil cruzeiros, para pintura, com o

nome de Baptista da Costa, e um outro no valor de oito mil cruzeiros, para gravura ou desenho, com o nome de Prémio Guignard, além de menções honrosas.

No que respeita à literatura, os prémios são atribuídos a obras inéditas ou publicadas no ano anterior que têm os nomes de Adelino Magalhães Casimiro de Abreu e Leopoldo Miguez têm o valor de vinte mil, dez mil e vinte mil cruzeiros, respectivamente.

As inscrições podem ser feitas nas repartições públicas fluminenses, até ao dia 4 de Agosto.

DESTAQUES

Hoje na

TV

I PROGRAMA

22.50 — Os Pioneiros da Pintura Moderna — Eduard Munch

«Os Pioneiros da Pintura Moderna», criaram uma linguagem nova, independente da forma e da cor, porque tinham alguma coisa para dizer.

Eduard Munch, viveu de 1863 a 1944 e foi o artista escolhido por Lord Clark para incluir, nesta série.

O seu programa começa na pequena cidade de Aagardstrand, na Noruega. Embora Eduard Munch ali tenha vivido pouco tempo, foi ali que ele se inspirou. E tudo o que viu, as árvores, as casas, a praia, ele guardou dentro de si toda a vida.

Eduard Munch era filho de uma longa linha de médicos, de «pastores» (padres) e de professores.

O primeiro grande quadro de Munch é «A Criança doente». Crianças doentes foi aliás, o assunto de muitos dos seus quadros. Mas durante anos os seus estilos modificaram-se. Ele atravessou um período de impressionismo, e então descobriu uma simples técnica, quando transportou para a tela um estado de espírito a que chamou «Ciúme».

Munch desenvolveu um movimento chamado de «Expressionismo» e desde 1982 tentou encontrar símbolos visuais para certas ideias gerais ou estados de espírito.

Munch não foi só pintor. Os seus trabalhos em gravura de madeira e litografia foram igualmente impressionantes.



Pioneiros da pintura moderna.

II PROGRAMA

20.30 — Uma mãe para Eddie — A Escolha

Eddie adoece com uma constipação e é tratado pela dr.^a Liz Park, em substituição do dr. Berger o médico da família que está em férias. Liz e Tom Corbet enamoraram-se um do outro. Eddie, Norman e Tina estão radiantes com a possibilidade de Tom casar. Mas Liz tencionava ir estudar 3 ou 4 anos com o dr. Carl Meisen, o melhor cirurgião infantil. Uma recaída de Eddie leva-a a pensar no que poderia ser útil como cirurgião. E desiste do casamento para se consagrar inteiramente à sua vida profissional.

22.00 — Noite de cinema — Os dez da Legião

Muitas das histórias passadas na Legião Estrangeira, são hoje clássicos do cinema. Bastará lembrar «As Quatro Penas Brancas», «Beau Geste», «A Bandeira» ou «A Patrulha Perdida» para comprovar a nossa afirmação.

Os tempos mudaram, porém, e a Legião Estrangeira já não é encarada com a mesma aura romântica, de escalo de homens, que surgia nos filmes atrás citados.

Paradoxalmente, foi o filme de hoje, «Os Dez da Legião», um dos primeiros a abalar o prestígio do famoso corpo legionário. De facto, o argumentista Ronald Kibec (o mesmo de «O Pirata Vermelho») transformou a fita numa entusiástica e brincalhona desfilada de aventuras.

Tudo se passa ao nível da convenção, claro está, mas sente-se o dedo do argumentista James Bellah (o mesmo que escreveu para Ford a sua trilogia militar). E esse dedo reconhece-se na maneira como emprega a astúcia para vencer a guerra. Nada de heroísmos inúteis ou lutas desnecessárias: rapta-se a princesa e evita-se o conflito. Numa palavra, muitas vezes a coragem e a valentia são necessárias para evitar a guerra e não para provocá-la.

Para dar corpo a esta história, bem típica do filme americano de aventuras, estiveram o produtor Harold Hecht (o mesmo de «Marty») e o produtor associado Robert Aldrich, cujo filme «Doze Indomáveis Patifes» se aproxima um pouco destes soldados do Riff. Burt Lancaster que faz impecavelmente o sargento Kincaid, a bela Jody Lawrence, no papel da princesa, e o veterano Gilbert Roland, dão ao filme a medida do indiscutível talento.

RESUMO: O caid Hussin, chefe dos Riff vai atacar a cidade de Tarfa, onde está situado o Quartel-General do 42.º Regimento da Legião Estrangeira... O sargento Mike Kincaid, acompanhado de nove homens, parte para o deserto, com o fim de ocupar as forças da Caid até o regimento regressar a Tarfa e poder defendê-la. Com aquele diminuto número de homens, Kincaid consegue entreter os Fiffs durante 5 dias, vendo assim coroado de êxito e seu intento, e que vale a aos seus homens uma merecida condecoração.

Comércio de oleaginosas

Dois diplomas dos Ministérios das Finanças e Economia — Decreto n.º 273/72 e Portaria n.º 427/72, introduzem as alterações ao regime legal do comércio das Oleaginosas e Oleos Vegetais. O primeiro altera a redacção do n.º do art. 5.º e 6.º do decreto de 1939 que constitui o diploma orgânico da

respectiva Comissão Reguladora: «Considerando que o diploma orgânico da Comissão Reguladora das Oleaginosas e Oleos Vegetais — diz-se no preâmbulo — apenas prevê a existência de taxas sobre produtos importados e que, de acordo com as obrigações decorrentes da Convenção de Estocolmo que insis- tua a Associação Europeia de

Comércio Livre, não poderão ser cobradas taxas sobre produtos importados que não recaiam igualmente sobre a produção nacional, torna-se necessário proceder à revisão das taxas actualmente existentes de modo a assegurar a conformidade dessas imposições com as obrigações por nós assumidas internacionalmente».

Por esta razão, a portaria publicada simultaneamente, de harmonia com o decreto anterior, estabelece «novo regime de taxas a cobrar pela Comissão Reguladora das Oleaginosas e Oleos Vegetais, de modo que a base da sua incidência, para além dos produtos importados, abranja igualmente os de fabrico nacional. Só por esta forma»

afirma-se no preâmbulo da portaria — «se torna possível abolir o carácter discriminatório de uma tributação que incida exclusivamente sobre os produtos importados, a qual contraria as obrigações por nós assumidas no quadro da E.F.T.A. No novo regime as matérias-primas deixam de ser passíveis de taxas, passando estas a incidir apenas sobre os produtos finais».

Na portaria inclui-se uma relação dos produtos que ficam afectos à disciplina da Comissão Reguladora e uma segunda relação das taxas a cobrar, por quilograma, e que na verdade incide fundamentalmente sobre os sabões de várias características e outros produtos de limpeza para uso doméstico.

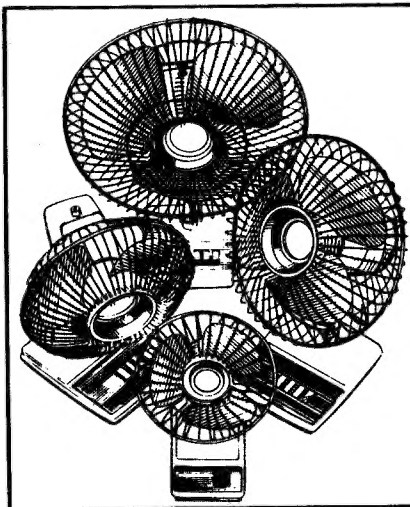
Da Argentina em romagem de saudade

Chegou a Lisboa, procedente de Buenos Aires, um grupo de 68 emigrantes portugueses, residentes há muitos anos na Argentina e que se deslocam a Portugal em romagem de saudade.

A excursão, que se realiza pela quarta vez, foi organizada pelo Clube Português daquela cidade, colectividade fundada há 52 nos.

**Refrescante
Como a brisa do mar**

Com as novas ventoinhas Philips acabou-se o calor insuportável, asfixiante, dos dias e das noites quentes de Verão. É como se você tivesse em casa ou no escritório a brisa que vem do mar. Experimente. Sinta a frescura agradável que lhe proporcionam as ventoinhas Philips.



Um destes modelos é o ideal para o seu caso e para a sua casa:

Ventoinha HR 3102 — Diâmetro das pás: 20 cm | Duas velocidades com comando por teclas | Oscilatória | Pás protegidas por guarnição cromada.

Ventoinha HR 3103 — Diâmetro das pás: 25 cm | Três velocidades com comando por teclas | Movimento oscilatório de 45º nos dois sentidos | Ajustamento vertical até 20º para a frente e 65º para trás.

Ventoinha HR 3104 — Diâmetro das pás: 30 cm | Três velocidades com comando por teclas | Pás protegidas por guarnição cromada | Movimento oscilatório de 45º nos dois sentidos | Ajustamento vertical até 20º para a frente e 65º para trás.

Ventoinha HR 3105 — Diâmetro das pás: 40 cm | Três velocidades com comando por teclas | Pás protegidas por guarnição cromada | Movimento oscilatório de 45º nos dois sentidos | Ajustamento vertical até 20º para a frente e 65º para trás.

Todos os modelos são silenciosos e permitem a sua fixação mural.

PHILIPS

comprando propriedades a

J. PIMENTA

SARL

o seu dinheiro valoriza-se

APARTAMENTOS MOBILADOS

REBOLEIRA	CASCAIS	VENDA NOVA
Lote 12 — Tipo 150-B — 240 contos	Torre 1 — desde 500 contos	Lote 2 — Tipo 150-B — 250 contos
Lote 25 — Tipo 150-B — 240 contos	Torre 5 — Cruzeiro Sul — 400 contos	Lote 2 — Tipo 73 — 215 contos
Lote 61 — Tipo 150 — 260 contos	Torre 5 — Horizonte — 580 contos	
Lote 61 — Tipo 150-A — 260 contos	Torre 6 — Horizonte — 580 contos	

ANDARES — Paço de Arcos

Andares c/3 assoalhadas — 400 contos
c/4 — 500 contos

GARAGENS	MORADIAS	ARMAZÉNS
REBOLEIRA — AMADORA Servindo para recolha de automóveis, armazém ou fins industriais. Área 1371 b2... 5.500 contos » 1808 m2... 6.500 » Podendo ser vendidos interligados.	CASCAIS Desde 900 contos	AMADORA — BAIRRO JANEIRO Pr. D. João I, 1-C — 1.000 contos VENDA NOVA — AMADORA Lotes 1, 2 e 3 — 1.100 contos.

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

REBOLEIRA — AMADORA	CENTRO DA AMADORA
Conjunto de Estabelecimentos interligados — 10.000 contos — lotes 19 e 20. Conjunto de Estabelecimentos interligados — 4.320 contos. Conjunto de Estabelecimentos interligados, podendo vender-se por fracções, 4.000 contos.	Av. Santos Matos, 10. Conjunto de Estabelecimentos interligados — 4.800 contos.



50 mil contos de propriedades construídas para escritura imediata

200 mil contos de propriedades em construção para venda

Consulte

J. PIMENTA

SARL

Edifício-Sede — Queluz: Av. António Enes, 25
Telef. 95 21 75

Escritório em Lisboa: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43 - 4 78 43

Escritório no Porto: Rua Campo Alegre, 17

Luanda: R. Eng.º Artur Torres, 17 a 21

AGENTES EM TODO O PAÍS

PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO

CASCAIS	REBOLEIRA	PAÇO DE ARCOS	AMADORA
Estabelecimentos Comerciais desde 300 contos. Estabelecimento Comercial no centro da Vila, R. Regimento de Infantaria 19, n.º 30. Preço 5.000 contos para exploração ou construção. Apartamentos mobilados no Alto da Pampilheira, com vista de mar e serra, desde 350 a 660 contos. Andares de 3 a 6 assoalhadas, de 550 a 1.100 contos, e moradias de diversos tipos.	Armazéns e Estabelecimentos Comerciais desde 47.500\$00. Apartamentos mobilados, num plano de 700 unidades, desde 180 a 330 contos. Andares e propriedade horizontal de 3 assoalhadas — 400 contos.	Estabelecimentos Comerciais desde 595.500\$ a 698.500\$. Apartamentos mobilados, com vista de mar e junto à praia, desde 200 a 550 contos.	Estabelecimentos Comerciais desde 360 a 1.450 contos. Apartamentos mobilados desde 380 a 500 contos. Andares de 5 assoalhadas em frente do Jardim Parque, desde 880 contos.
PORTO	LISBOA	COIMBRA	LUANDA
Apartamentos Mobilados — 550 contos. Andares de 4 ass. — 750 contos.	Apartamentos desde 700 a 750 contos. Armazém à Pr. do Chile. OLIVAIS Apartamentos desde 450 a 475 contos. Andares — com 3 e 4 assoalhadas — 450 e 500 contos.	Desde 200 a 350 contos.	Desde 370 a 380 contos.

EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS

Áreas disponíveis de 2000 m2 a 20 000 m2 na zona industrial de Sacavém

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Cascais: Conj. Turístico da Pampilheira
Telef. 283938
Paço de Arcos: Bairro Comendador J. Matias — Telef. 2431423 - 2433511
Reboleira (Amadora): Edifício Ociras — Telef. 933670

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Lisboa: Praça Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 563083
Amadora: Avenida Santos Matos, 10 — Telef. 931953 - 935115
Queluz: Rua. D. Maria I, 30 — Telef. 952021 - 952022

REPORTAGEM

102 ANOS AINDA LÚCIDOS EXIGEM UMA CAMA LARGA

Venho da injeção, amor
Foram as primeiras palavras de Joaquina Gonçalves Rocha, quase a fazer 102 anos.

Vive no Bairro Municipal da Quinta da Calçada, dum subsídio que a Santa Casa da Misericórdia lhe dá, mensalmente, no valor de 150 escudos. Desse dinheiro ela deve retirar os 60 escudos que paga de renda, na casa pré-fabricada da Câmara Municipal, mais sete mil e quinhentos para o pagamento do aluguer do contador da água.

Veio da injeção, porque não anda boa do coração. A vista também lhe falha. Uma perna partida há dez anos mandou-a para casa sem possibilidades de continuar o seu negócio de venda de toalhas, ceroulas, aventais.

Ando a tratar-me no Hospital de Santa Maria, com um senhor doutor. Olhe, comprei agora um bocadinho de carneiro para fazer um caldinho para o almoço.

AS QUEDAS DA CAMA

É uma velhota carinhosa. Sabia que nasceu em 1871, e faltam sete meses para fazer 102 anos. Nasceu na Mouraria (por cima da esquadra, nessa altura). Viveu sempre em Lisboa, e casou com um marujo. Ele era mais velho três anos, e morreu em 1954.

Gostava de ter uma cama mais larga, porque de noite, quando me volto, às vezes caio. Cá a avózinha gostava era de ter uma cama maior, para poder descansar um bocadinho o corpinho, magoado.

Uma enfermeira do Hospital de Santa Maria já lhe disse que a vão levar a um sítio onde lhe darão uma cama nova. Mas a «avózinha» pede-nos que a ajudemos. Nada mais quer. A maior parte dos móveis não lhe pertence, e o fogão a petróleo da-lhe cabo da cabeça:

Essa porca dessa máquina está sempre a entupir. Está a fazer-me maluca. Mas coitadinha, é ali que se faz o comerzinhos cá para a avózinha.

A respeito de comida diz-nos que nunca se preocupou com isso.

Sou um pintassilgo a comer

A LIMPEZA

Todo este bairro é de casas

pré-fabricadas. Numa delas com duas divisões, habita a nossa «avózinha». Uma limpeza impressionante, uma arrumação que se pode dizer invulgar. Tudo em ordem, desde o quarto à outra sala. A cama é na verdade muito estreita. Também no quarto, os santos de devoção. Muitos.

Falamos da limpeza.

Vem cá uma mulher a dias, de uma senhora doutora ali do Hospital. Vem à terça-feira, leva a roupinha, arruma tudo isto. Traz-me também um frango. À sexta-feira vem outra, que me traz um bocadinho de carneiro, e essas coisas dão-me para a semana toda: Mas agora as senhoras estão para fora, esta semana ela não veio e foi por isso que eu comprei aquela carne e o chicharro.

A «avózinha» Joaquina gostava de ter a casa limpa. E faz questão de que notemos o facto. Quanto aos seus gostos, o que quer é paz, sossego e estar quieta.

Quero estar no meu lar, amorzinho. Quando as galinhas se deitam, eu vou para a cama. Às vezes levanto-me muito cedo porque a cama me faz doer o corpinho.

Depois são os dias de solidão. Filhos não tem, morreram. Uma filha morreu aos 19 anos, um filho aos 22. Com a morte do marido ficou só, no sítio onde hoje mora.

Tenho estes retratos todos, porque vêm cá dar-mos. Olhe, esta menina e o marido foram para a Alemanha e vieram cá deixar os retratos.

Na parede oposta ao seu altar alinham-se as fotos. De saudade.

A MEMÓRIA

Nascida em Lisboa, como já dissemos, nunca de cá saiu. Trabalhou grande parte da vida como mulher a dias, e ganhava cinco escudos por um período que ia das oito da manhã às oito da noite.

Depois já nem os cinco mil réis em podia ganhar. Começaram a faltar-me as forças. Fui para uma fábrica de rebuçados, do senhor Branco, ali para Nossa Senhora de Fátima. Ganhava dois tostões por cada quilo de rebuçados. Depois parti a perna e já não posso trabalhar. Vim para aqui e para aqui fiquei.

Quanto à memória diz que «como fazem muito barulho, a velhota está maluquinha». Mas lembra-se de algumas coisas:

Sou do tempo da gente real, da Rainha D. Amélia, D. Carlos, Maria Pia. Lembro-me do senhor Sidónio, daquele que mataram. Esses ainda os vi. Mas este último o senhor Salazar, nunca cheguei a vê-lo a não ser em retratos.

Falamos da televisão. Das coisas que existem. Diz que já não vê, que não se interessa por essas coisas. Mas às vezes os senhores doutores vêm buscá-la para ela ir apanhar ar.

Em casa dos senhores doutores é que eu vejo isso. Eles vêm buscar-me e dão-me almoço. Às tantas vêm trazer-me de novo.

Aproxima-se o fim. A avózinha quase chora. Dá-nos um abraço, um beijo. E a despedir:

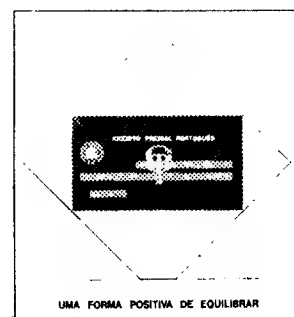
Obrigado, meus senhores. Obrigado e não esqueçam a caminha.

Sim, não esqueçamos a caminha, para consolar um corpo com 102 anos de canseiras. Num época em que se discutem os problemas da velhice...

ROGÉRIO VIDIGAL



— Quero estar no meu lar, amorzinho



FOMENTO INDUSTRIAL

A SUA ÂNSIA DE DESENVOLVIMENTO
SERÁ APOIADA POR NÓS!
CONSOANTE AS SUAS NECESSIDADES
E POSSIBILIDADES DE ÊXITO.
TRABALHAMOS A CURTO, MÉDIO OU LONGO PRAZO.
EFICIÊNCIA NOS ESTUDOS TÉCNICO-ECONÓMICOS.
SEGURANÇA NAS INFORMAÇÕES.
RAPIDEZ NA EXECUÇÃO.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

DIGITAL

ORA DIGA-NOS ...

A MORTE PREOCUPA-O?

Ninguém gosta de morrer. Atarefadas com a vida, grande parte das pessoas não se lembra (flizmente) da morte. No entanto, ela aparece por aí a cada esquina. Todos os dias ela é notícia. Nós sabemos-lo bem. Daí a nossa pergunta.

Para ser franco, não tenho medo nenhum da morte — responde prontamente José Ramon Martinez Brito, ascensorista de hotel. — Sei que mais tar-



reira tenha encontrado a resposta em sonhos.

É a coisa que mais me preocupa — responde Adelino Vocente, de 70 anos, que foi trabalhador da construção civil no «tempo em que ainda não havia reforma». Tenho um raio de um medo, que nem queira saber! Gostava de viver mais uns anitos. Vamos lá a ver. Quando era novo não pensava nisso, mas agora que o fim está a chegar é o diabo.



de ou mais cedo tenho de morrer, por isso não me importo.

Se ela tiver que vir, que venha opina o motorista António da Costa Ferreira que, na altura, estava deitado sobre a relva do Parque.

A gente mal tem tempo para pensar na vida... porque é que eu havia de preocupar-me com a morte? Como continuou a dormir, talvez o sr. Costa Fer-



XVI FESTIVAL DE SINTRA

De 8 a 30 de Agosto

INÍCIO DO FESTIVAL

Amanhã (8 de Agosto) — 21,45 horas

CONCERTO SINFÓNICO

Teatro Carlos Manuel — Sintra

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Direcção: maestro VICTOR ALESSANDRO
Solista: RÉGIS PASQUIER (violinista)

Programa

Candide — abertura BERNSTEIN (Orquestra)
Concerto em ré maior, op. 77 BRAHMS (Violino e Orquestra)
Sinfonia n.º 5 em mi menor, op. 64 TCHAIKOWSKY (Orquestra)

Próximo espectáculo:

Quinta-feira (10 de Agosto) — 21,45 horas
— LOTAÇÃO ESGOTADA —

Recital de piano e violino — Palácio Nacional de Queluz

REGIS PASQUIER (violinista)
TANIA ACHOT (pianista)
Piano STEINWAY

Os bilhetes ou assinaturas vendem-se na Agência da S. E. I. T., Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra, Tel. 981157. No dia do espectáculo, a partir das 20 horas, no local onde este se realize.

Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa — Sintra ou Queluz, com partida de camioneta do Marquês de Pombal.

A IMPRENSA EM ESPANHA

NEGOCIA-SE A REAPARIÇÃO DO JORNAL "MADRID"

O Conselho administrativo da empresa do diário «Madrid» enviou aos jornais da capital espanhola uma nota sobre a situação actual das diligências para a reaparição do periódico, que, como se sabe, deixou de circular devido a uma sanção aplicada pelas autoridades do país, segundo informa o jornal Ya, de Madrid.

Por acordo da Junta geral da Associação da Imprensa de Madrid, na sua reunião de 28 de Abril passado, ficou constituída uma comissão, integrada pelos seguintes membros: D. Manuel Axnar, director da Agência «Efe»; D. Guillermo Luca de Tena, presidente da Imprensa Espanhola e director da revista «Blanco e Negro»; D. aquilino Morcillo, director do «Ya»; D. Lucio de Alama, presidente da Associação da Imprensa de Madrid e da Federação de Associações da Imprensa de Espanha; e D. Jesus Picatoste, presidente de Gedy-ma (Gestora do diário «Madrid») e redactor-chefe do mencionado diário. Esta comissão tem por fim procurar solução para a reabertura do jornal «Madrid», através de conversações com as autoridades e com a empresa que o edita-

va, até ao momento da sua proibição por ordem da Direcção-Geral da Imprensa, de 25 de Novembro passado.

A Assembleia Nacional de Associações da Imprensa Espanhola, celebrada de 12 a 16 de Junho último, ratificou a mencionada comissão, entregando a sua presidência ao embaixador Aznar. Desde então, em cumprimento da missão recebida, a comissão solicitou do director-geral da Imprensa, as condições mínimas para a reaparição do «Madrid». Estas condições foram expostas ao proprietário da empresa, D. António Garcia Trevijano que as aceitou, em carta de 10 de Julho.

Após a aceitação integral das exigências oficiais, os trabalhadores do jornal não entendem que obstáculos possam subsistir para que o «Madrid» não esteja de novo e já, na rua, em contacto com os

seus leitores. A nota assinala que, procurando uma explicação para esta pouco clara situação, aquela Comissão tem mantido vários contactos com as autoridades da empresa.

Este conselho de empresa — acrescenta-se na referida nota — ao deixar constância expressa dos extremos anteriores, quer chamar a atenção para o facto indelmentível das 225 famílias que o fecho do diário «Madrid» deixou numa situação económica que se deteriora progressivamente, tanto mais que deixaram de se conceder adiantadamente que poderiam levar a prejuízos irreversíveis e irreparáveis.

Segundo estas notícias, a Comissão citada continua a trabalhar, não só para conseguir a reabertura do periódico, como também para empregar os trinta jornalistas afectados pelo fecho.

CURSO DE BIOLOGIA NA GULBENKIAN

Com a assistência de vinte participantes, inicia-se hoje no Cemitério de Biologia do Instituto Gulbenkian de Ciências, o 2.º curso de actualização para professores de Biologia do Ensino Secundário, que terá a duração de 3 semanas.

O principal objectivo do curso é a divulgação dos métodos e técnicas de ensino orientado como inquérito e investigação científica, tendo como fulcro o trabalho do próprio aluno. Trata-se, assim, de divulgar métodos e técnicas aplicáveis, não só nas aulas como em actividades extra-curriculares.

EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS

Promovido pela direcção-Geral da Educação Física e Desportos, está a decorrer nas instalações do Centro de Estágio e do Estádio Nacional, até ao dia 18, um estágio de formação sobre a problemática da Educação Física para as crianças dos sete aos 12 anos, que conta com a participação de 100 professores primários.

Os professores participantes são oriundos de todos os distritos sm que, no ano escolar findo, se iniciou a acção de renovação pedagógica relativamente à educação física.

MINI-VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Por iniciativa da Sociedade Estoril-Sol, realiza-se no dia 26, às 16 horas, no parque privativo do Casino Estoril, a «Volta a Portugal em bicicleta-miniatura», destinada a crianças com idades compreendidas entre os cinco e os 13 anos.

Os concorrentes serão agrupados em três categorias, em função da idade, sendo atribuídas taças aos cinco melhores classificados de cada grupo.

As inscrições podem ser feitas na secretaria do Casino Estoril.

AMADORES DE RÁDIO EM CONCURSO

No próximo dia 20 do corrente mês de Agosto, a estação CT 1 RS promove um concurso destinado aos radioamadores portugueses. O concurso denominar-se-á «Contest» M. P./R.S. e nele podem participar, apenas, estações de Portugal Continental, Insular e Ultramarino. Mais informações poderão ser colhidas junto a Filipe Martins, P.O.BOX, 210, Coimbra.

PARA O SEU CABELO

Os Institutos científicos Capilares «SAINT-ANTOINE», DE PARIS, especializados no cuidado e conservação do cabelo, comunicam que em Lisboa se situam na Avenida da República, 2, 7.º andar (junto ao Saldanha), com o telefone 56 02 72, encontrando-se aberto ao público todos os dias úteis das 10.30 às 12.30 e das 15 às 19.30 horas.

Em 30 minutos de exame sem nenhum compromisso diremos se o nosso método pode ser eficaz no seu caso.

Para consulte sobre os métodos a seguir podem os interessados apresentar-se nas horas acima mencionadas ou marcar por telefone.

Os Institutos SAINT-ANTOINE DE PARIS estão montados de forma às senhoras e aos senhores clientes não perderem tempo.

Para os clientes de fora de Lisboa podem preparar-se aplicações a fim de serem aplicadas nas suas casas.

Cientificamente os processos dos Institutos SAINT-ANTOINE DE PARIS são os mais avançados para resolver o problema do cabelo no ramo da COSMETOLOGIA.

Em Portugal:
LISBOA — Av. da República, 2 — Tel. 56 02 72.

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 819, 5.º-Esq. — Tel. 3 68 10

Em Espanha:
MADRID — BARCELONA
SARAGOÇA — SEVILHA
MÉME METHODE A
NEW YORK — LONDON
— PARIS — BRUXELAS
— MILAN

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIQUESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

em 3 linhas

Foi nomeado vice-presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima o sr. José Carvalho de Sousa; e foi concedida, com público louvor, a exoneração de idêntico cargo no Município de Santarém, solicitada pelo sr. eng. Carlos Alberto Guimarães de Oliveira.

///

Foram condecorados os srs. coronel Manuel Leitão Pereira Marques, com o grau de oficial da Legião de Mérito, dos Estados Unidos da América do Norte e o major piloto aviador Manuel Temudo Sobral Bastos, com a Medalha de Aeronáutica, da França.

///

Foram mandados publicar nas províncias ultramarinas o Decreto-lei n.º 223/72, de 30 de Junho, e a Portaria n.º 362/72, da mesma data, respeitantes ao formulário dos diplomatas legais.

///

O secretário do Governo Civil do distrito de Setúbal, sr. dr. Manuel Fernando da Cunha Cardoso entrou, a seu pedido, na situação de licença ilimitada.

///

Foi nomeada, provisoriamente, assistente do serviço regional do Instituto de Assistência aos Tuberculosos a sr.ª D. Maria Manuela de Jesus Oliveira Cardoso Pereira.

///

Estão abertos concursos para provimento dos lugares de conservador dos Registos Civil e Predial de Redondo e de notário em Arraiolos, ambos de 3.ª classe.

///

Passa a constituir encargo de orçamento para 1973 a participação de 380.000\$00 concedida à Misericórdia da Lousã, para a obra de remodelação do Hospital da Misericórdia local.

///

Foi nomeado vogal das comissões de delimitação com o domínio público marítimo, como representante da Direcção-Geral de Portos o sr. eng. Análide da Silva Guerreiro.

///

Exonerado, a seu pedido, o sr. eng. Francisco Manuel Vieira Rebelo de Andrade do cargo de delegado da Direcção-Geral da Educação Física no Funchal, foi substituído pelo sr. eng. Mário Capelo Ramos.

///

Está aberto concurso para a execução da empreitada de regularização do rio Jamor na zona do Palácio Nacional de Queluz. O valor da caução provisória é de: 89.000\$00.

///

Está aberto concurso para a execução da empreitada de regularização do rio Jamor na zona do Palácio Nacional de Queluz. O valor da caução provisória é de: 89.000\$00.

///

foram aprovados os estatutos da instituição particular de assistência, denominada Associação Benéfica dos Súditos Britânicos em Portugal, com sede em Lisboa.

DL/GERAL

ESTAÇÃO DO CAIS DO SODRÉ: MERCADO SEM ALVARÁ

O Cais do Sodré sempre teve os seus vendedores ambulantes, os seus pregões e o seu público. Zona de intenso tráfego huma-

no, ali chegam diariamente milhares de pessoas vindas dos arredores de Lisboa, da outra Banda e da zona da Costa do Sol, o

Cais é o sítio propício ao negócio rápido e menor da fruta e das flores e até de vestuário. Ultimamente, esta actividade aumentou de modo considerável, transformando a entrada da estação ferroviária num autêntico mercado matinal. A certas horas da manhã, gente e mercadoria amontoam-se dificultando aos mais apressados a rapidez de um percurso.

Estou aqui há quatro meses: antes estive na Praça do Comércio. Isto aqui é melhor e é pior: é melhor para vender e é pior por causa do barulho e das zaragatas que às vezes há entre colegas — disse-nos Manuela Silva, uma das muitas vendedoras que por ali tentam ganhar a vida.

A vida ganha-se melhor em cada comboio que chega a Lisboa. Os passageiros começam a sair à rua e são aliciados pelo apregoar castiço das vendedoras:

— Vamos embora meninas, que é a 3\$50 o quilo! ou então: Embrulha e manda prá tulha!

Ana Maria, apesar de nova, já por ali anda vai para dez anos e acha que o local é «assim-assim»:

— O Terreiro do Paço, onde estava antes era melhor: havia muita freguesia. Não quer dizer que aqui não se venda. Sobretudo de manhã e no Verão ainda se consegue fazer negócio. Mas no Inverno é impossível.

Não é sem problemas que o negócio vai avançando. Há os fiscais, o público e os próprios negociantes. Com a polícia é sempre o mesmo desassossego. O público às vezes sente-se in-



A minutos do comboio, sempre se arranja tempo para regatear a fruta

comodado com tal balbúrdia pela rua. As vendeiras, concorrendo cada vez mais entre si, chegam, de quando em quando, a vias de facto.

— Se começam a puxar p'ro torto, há logo descontrolo. De vez em quando há zaragata — confessa-nos um dos que participam na venda.

Quem também se queixa são os condutores dos táxis que vêm, naquele mercado desautorizado, um inconveniente para as suas manobras. Entre um cliente que sai e outro que entra, o sr. Francisco Reis explica:

— Estes vendedores todos prejudicam o movimento dos carros e dos clientes. Fazem dis-

to uma praça e isso incomoda muita gente.

Facilidade no negócio e harmonia para todos parecem ser os dois pontos insolúveis da «praça» do Cais do Sodré, lugar de pequenas lutas e desejos, atrás de um cesto de fruta. No Cais do Sodré como noutros locais onde o negócio é outra fruta.



Mercado à antiga com a melhor das vantagens: tudo à vista do freguês

Dizem os leitores ADULTOS NA UNIVERSIDADE

De Jorge Felizardo Silva de Lisboa recebemos a seguinte carta:

«Tenho lido com interesse o noticiário publicado pelo Diário de Lisboa sobre a próxima entrada, na Universidade, de adultos que não dispõem das necessárias qualificações académicas. A iniciativa do ministro da Educação parece-me excelente, mas penso que ela corre o risco de atingir apenas uma minoria. De facto, não basta publicar um despacho, possibilitar o exercício de um direito até porque, quanto a mim, há muito tempo que a Universidade devia estar aberta a todos portugueses. De facto, a existência do despacho não é suficiente se o Minis-

tério da Educação não criar, brevemente, institutos pré-universitários que preparem os adultos para a entrada na Universidade. Julgo saber que esses institutos existem noutros países. Se eles forem fundados entre nós, então sim, ter-se-á dado um grande passo na democratização do ensino. Não faltaria gente para encher esses institutos, que deviam ministrar um tipo de ensino adaptado à mentalidade de pessoas que trabalham e que, na maioria dos casos, já perderam os hábitos de estudo. Frequentar um curso de Verão, e simultaneamente prepara os candidatos aos exames de segunda época do 7.º ano, não me parece uma boa solução».

PORTAGENS GRATUITAS

Assinado pelos nossos leitores, srs. António Pires de Matos e Rui Henriques, recebemos uma carta sobre as dificuldades de acesso a Lisboa, que a seguir publicamos... sem grande esperança:

«Temos lido nos jornais várias sugestões das autoridades responsáveis pelo trânsito, relativas à grande concentração de tráfego nos dias de início e fim de férias e na «ponte» do feriado 15 de Agosto.

Numa das sugestões dizia-se que os automobilistas deveriam escolher trajectos diferentes do habitual, no regresso a Lisboa. No entanto, para os que regressam do Sul, deparamos com

uma dificuldade. Somos levados a acreditar, depois de cuidadosa consulta dos mapas das estradas, que para atravessar o rio Tejo, nas zonas de acesso a Lisboa, são as pontes de Salazar e de Vila Franca de Xira dois dos principais «gargalos» que provocam engarrafamentos. Ou melhor, não são as pontes que provocam as longas «bichas», mas sim as paragens para pagamento de portagem.

Ora, depois de demoradamente termos matutado no assunto, ousamos apresentar uma sugestão que nos parece ideal: a suspensão de portagem no início de «pontes» e noutros dias em que o afluxo de veículos o justifique».

O DRAMA DE UMA POPULAÇÃO SEM ÁGUA

Do sr. José Joaquim Fernandes, residente na Rua Diogo Cão, n.º 40-4.º Dr., em Lisboa, recebemos a carta que a seguir transcrevemos e que põe em relevo a angustiante situação que a falta de água criou na povoação de Cabanas, no conselho de Palmela:

Os habitantes da povoação de Cabanas, do conselho de Palmela, estão a viver momentos de inquietação, aliás bem justificados. E que o deficientíssimo abastecimento de água às belas e modernas habitações e não são clandestinas — daquela povoação, que se estava a fazer sentir há já uns meses, agravou-se agora mais, com a falta total do precioso elemento, desde o dia 28 do mês findo. E quantos prejuízos morais e materiais tem causado àquela gente.

Por mais estranho que pareça, os contínuos e angustiantes apelos dos habitantes da referida localidade não são ouvidos pelas autoridades do conselho, que nem mesmo têm dado qualquer atenção às notícias publicadas em vários jornais da capital, quando a situação das pessoas que vivem em Cabanas. Parece que ali o século XX ainda está a uns quantos séculos de distância...

Consta que a causa actual se deve à avaria de uma das bombas — que, diga-se em abono da verdade, estão avariadas

cada instante. (Também ainda só há vinte anos que trabalham permanentemente). E o pior é que nem se pensa em arranjar a bomba avariada, nem em comprar outra nova. Mas a água que fornece a Câmara é paga e até se paga a que não se gasta.

E já agora atrevemo-nos a perguntar: não será possível comprar as bombas necessárias para acabar de uma vez para sempre com esta vergonhosa e deprimente situação? Então a Federação dos Municípios de Setúbal ainda não entrou em funcionamento? Ou estaremos, mais uma vez, a dialogar com surdos?

Mete dó o que se está a passar e ainda mais se nos lembramos que é uma localidade com tantas belezas naturais, com um subsolo tão fértil em água potável e aqui tão perto de Lisboa, 30 Km apenas, de modo que bem podia dizer-se que os ecos dos apelos tão angustiantes dos habitantes de Cabanas podiam ser ouvidos pelos nossos governantes aos quais cabe, como é de esperar, a solução do premente problema. Assim o esperamos e desejamos para bem do progresso e bem estar daquelas populações rurais, pois ali também trabalha, noite e dia, um bom punhado de honrados portugueses. Sim, ali também é Portugal. Aqui fica mais um apelo que representa o sentir comum de todos aqueles habitantes.

MOTORISTAS DE TÁXIS CONTRA O "BARRETE"

Os motoristas de táxi de Lisboa não querem andar de boné. O movimento não é geral, naturalmente. Há os que não se importam nada com o boné, os para quem é indiferente andar com ou sem, os que não querem discutir o assunto. Mas a grande maioria está contra o uso do boné. Diz-nos um destes:

O sr. já viu o que é ter de trazer o «barrete» no maior dos calores de Verão? E se o tiramos, pumba, lá vêm os duzentos «paus» de multa. Para conseguirmos

andar sem casaco, foi uma luta dos diabos. Agora, é o boné. Serviremos nós melhor ou pior o cliente se não trouxermos o «barrete»? De resto, a imposição de que somos vítimas nem sequer obedece a qualquer decreto-lei. Trata-se duma postura e uma postura pode-se eliminar facilmente.

O facto está apontado, como nos pediram os motoristas de táxi de Lisboa. Vamos tirar-lhes o «barrete» da cabeça eliminando a tal postura obsoleta?

CAMISAS POR MEDIDA

O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

Técnicos-vendedores

EMPILHADORES

Firma representante em exclusivo de reputadas marcas pretende admitir para entrada imediata. Indispensável possuir conhecimentos de inglês e francês, boa apresentação e viatura própria.

Resposta ao N.º 609.

DL/ESTRANGEIRO

A GREVE PORTUÁRIA

Todo o gado em Inglaterra poderá ter de ser abatido

LONDRES, 7 (ANI e FP) As reservas de tabaco estão a esgotar-se, uma montanha de tomate no valor de um milhão de libras (65 mil contos) apodrece, as rações para animais estão a baixar para um ponto crítico e os abastecimentos vitais para as ilhas de Orkney e Shetland foram suspensos.

Estas são algumas das consequências da greve portuária que hoje entrou no décimo primeiro dia sem que, segundo o representante dos grevistas, se lhe possa prever um fim próximo.

Apesar de ter sido proclamado o estado de emergência na quinta-feira, o Governo ainda não recorreu à tropa para proceder à descarga de mercadorias nos portos nem a outras medidas.

Os importadores de tabaco que fornecem as fábricas de cigarros comunicam que as suas reservas estão a aproximar-se do fim.

Na ilha de Guernsey, no Canal da Mancha, os cultivadores de tomate calculam ter já deixado fora setenta milhões desde que a greve começou. O nevoeiro impediu que se concretizassem os seus planos para o transporte aéreo deste fruto para a Inglaterra.

Os agricultores pediram ao Governo para utilizar tropas na descarga de rações para animais e o sindicato nacional dos lavradores declarou que se essa medida não for tomada rapidamente todo o gado terá de ser abatido antes do tempo.

RECUPERAÇÃO «TORY»

A popularidade dos conservadores que tinha vindo a diminuir desde o princípio do ano, aumentou consideravelmente, segundo uma sondagem publicada hoje pelo «Daily Express». A oposição trabalhista, que disputava em Junho de uma vantagem de 4 por cento sobre os «tories», só tem agora 6 por cento.

A popularidade pessoal de Heath subiu 9 por cento e o «leader» da oposição, Harold Wilson, só tem agora uma vantagem de 2 por cento sobre o primeiro-ministro.

O jornal londrino acentua que a sondagem foi feita de 7 a 24 de Julho, isto é, na

semana em que os cinco estivadores foram presos e o país esteve à beira da greve geral.

PETRÓLEO AFECTADO

ABERDEEN, 7 (R) Os estivadores deste porto do Norte da Escócia deixaram de trabalhar com abastecimentos essenciais para plataformas de prospecção petrolífera no Mar do Norte.

As plataformas de prospecção petrolífera podem ser abastecidas de víveres e outros produtos por helicóptero. Contudo, se a laboração parar, nenhum barco poderá chegar até junto delas, provocando a paralização maciça do programa de prospecção e a perda de somas consideráveis em dinheiro.



George McGovern e Sargent Shriver, candidatos respectivamente à presidência e vice-presidência pelo Partido Democrático, que ontem conferenciaram em casa do primeiro, nos arredores de Washington. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

A investidura de McGovern considerada por Salinger um acontecimento capital

TOURS, 7 (FP) Um diário regional francês, «La Nouvelle République du Centre-Ouest», publica hoje um artigo sobre as eleições presidenciais americanas, assinado por Pierre Salinger, antigo porta-voz do presidente Kennedy.

«A investidura de McGovern pelo Partido Democrático é um acontecimento capital», escreve Salinger. «Com ele se rompeu a coligação da velha guarda democrática, que presidiu aos destinos do partido desde a eleição de Franklin Roosevelt em 1932», acrescenta.

O espírito da nova coligação, formada pela «união dos jovens, dos negros, dos pobres, das mulheres e de uma parte da classe trabalhadora», tem por base, segundo Salinger, «um desacordo fundamental com a vida americana».

Tal como se apresenta hoje e «o desejo dos americanos se libertarem do papel de polícia do mundo que a América tem vindo a representar depois da guerra».

McGovern afirma o antigo porta-voz da Casa Branca, «senão profundamente as feridas que o Vietnam deixa no coração da sociedade americana».

O candidato democrático escreve ainda Salinger não é «nem um revolucionário, nem um radical». A seu ver, a mais importante realização de McGovern é ter permitido de novo aos jovens tomar parte no jogo político, graças à sua posição firme quanto ao fim da guerra no Vietnam e a revolta de lhes conferir responsabilidades no decorrer da campanha.

Embora Nixon esteja em melhor posição», conclui Sa-

linger «ninguém pode contestar as possibilidades de McGovern, a oitenta dias das eleições».

OBJECÇÕES A Shriver

WASHINGTON, 7 (ANI) Os componentes da Comissão Democrática Nacional reúnem-se hoje para iniciarem o processo de selecção de Sargent Shriver, escolhido por McGovern para candidato à vice-presidência.

A votação final para a nomeação deve realizar-se amanhã.

A escolha de Shriver foi recebida com satisfação geral pelos membros da comissão, embora se tenham levantado algumas objecções.

McGovern e Shriver conferenciaram ontem por duas vezes em casa do primeiro, nos arredores de Washington.

O PERIGO DAS BORBOLETAS

FOIX, 7 (FP) Várias localidades do Alto Ariège, em particular Aix-les-Thermes, estão a ser vítimas duma invasão de borboletas. Para a combater, as autoridades não acham nada melhor do que cortar, à noite, a iluminação das ruas e recomendar aos habitantes que fechem bem as janelas para não se ver luz do exterior. Esperam, assim, que os alados invasores deixem de ser atraídos pela luz e batem em retirada.

CIMEIRA EGÍPTO-SOVIÉTICA

CAIRO, 7 (R) Dirigentes soviéticos estão a abrir caminho para uma conferência cimeira com o presidente Anwar Sadat, que recentemente acabou com a presença militar russa no Egipto, segundo afirma hoje o autorizado Al Ahran.

Essas diligências soviéticas foram reveladas por uma mensagem do chefe russo Leonid Brejnev, entregue ao presidente Sadat apenas um dia depois de ter sido anunciado no Cairo e em Moscovo que todos os técnicos militares soviéticos abandonariam o Egipto.

Segundo Al Ahran, cujo director Mohamend Hassanein Heykal é um amigo íntimo do presidente Sadat, a mensagem soviética exprime alta estima pela amizade egípcio-soviética e dá grande relevo à sua consolidação.

A notícia de «Al Ahran» aparece exclusivamente como a notícia principal da primeira página, sob um grande cabeçalho.

Assevera que a mensagem de Brejnev iniciaria extensos contactos entre o Cairo e Moscovo, abrindo o caminho para uma cimeira entre os dirigentes dos dois países.

Não havia qualquer referência ao local de uma confe-

rência ao mais alto nível, mas na sua mensagem de 7 de Julho aos chefes soviéticos, terminando a sua mensagem de 7 de Julho aos chefes soviéticos, terminando com os serviços de técnicos militares russos no Egipto, o presidente Sadat afirmava que quaisquer consultas futuras entre dirigentes dos dois países deveriam efectuar-se no Cairo.

Antes de entregar a mensagem ao presidente Sadat, o embaixador soviético no Cairo, Vladimir Vinogradov, realizou várias viagens entre o Cairo e a Cimeira, onde os três principais chefes soviéticos se encontram de férias.

No Cairo, Vinogradov avisou-se com o primeiro ministro Aziz Sidky, o conselheiro presidencial para questões de segurança nacional, Haf Ismail, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Mourad Ghaleb.

RECURSO À INTERPOL

TRIESTE, 7 (R) Bombeiros dominaram o grande incêndio nesta cidade, que custou, pelo menos, 5 milhões de libras (cerca de 70000 contos) em petróleo, desde que sabotadores provocaram na sexta-feira explosões num depósito de armazenamento.

A polícia pediu o auxílio da Interpol para prender os sabotadores.

O grupo de guerrilheiros da Palestina «Setembro Negro» afirmou em Beirute que os seus

homens fizeram ir pelo ares os depósitos e uma das teorias que a polícia está a investigar é a de que extremistas italianos ajudaram a realizar a operação de sabotagem.

Quase 500 mortos em 3 anos no ULSTER

BELFAST, 7 (ANI) Dois soldados ingleses morreram e outros dois ficaram feridos na explosão de uma mina colocada numa estrada perto da fronteira com a República da Irlanda. O veículo ficou envolto numa bola de fogo e foi destruído pelas chamas, anunciou um informador do exército.

Em Belfast, foi encontrado o corpo de um jovem não identificado. O rapaz fora morto a tiro e o corpo foi encontrado na área protestante de Donegall, perto do acesso a uma das principais auto-estradas para o sul, anunciou um informador.

Com estas três mortes subiu para 498 o número de vítimas destes três anos de lutas no Ulster. Desde segunda-feira passada, dia em que o exército ocupou as zonas proibidas do Ira, já foram mortas 6 pessoas.

Na capital, centenas de jovens armados com barras de ferro e paus derrubaram os portões de um novo posto do exército, no

bairro católico de Andersonstown.

Os manifestantes, cerca de quinhentos, deitaram fogo a um carro blindado que bloqueava a entrada do posto, antes de os soldados conseguirem fazer recuar a multidão, com balas de borracha. Os jovens ripostaram com pedras e garrafas e a batalha prolongou-se por duas horas.

A batalha começou depois de uma marcha de 200 católicos na direcção de um estádio de futebol, como protesto contra a ocupação pelo exército do campo e de duas escolas próximas, para instalação de um novo posto militar.

UGANDA: Acusados de sabotagem 40 a 80 000 asiáticos

KAMPALA, 7 (R) Espera-se que o Presidente Idi Amin convoque hoje o alto comissário britânico, Richard Slater para o informar oficialmente acerca da decisão de expulsar asiáticos ugandeses, possuidores de passaportes britânicos.

A alta comissão revelou que não fora ainda oficialmente informada da intenção do general Amin, anunciada num discurso que proferiu na sexta-feira a todos os 40000 a 80000 asiáticos britânicos dentro de três meses.

Noutro discurso que pronunciou a noite passada durante uma corrida de motocicletas em Kampala, o presidente Amin

afirmou que a sua decisão era final. Sugeriu, também, que restrições poderiam ser aplicadas a indivíduos de outras nacionalidades que não fossem cidadãos ugandeses.

Um comunicado sobre o assunto seria emitido hoje, revelou o presidente, mas não indicou qual o seu conteúdo.

O presidente Amin acusou os asiáticos de sabotarem a economia do país e de terem lucros excessivos, fazerem fraudes com a moeda e de se recusarem a ajudar ugandeses a estabelecerem-se no comércio e na agricultura.

Os asiáticos ordenavam a vaca, mas não a alimentavam para dar mais leite», obser-

vou o chefe do Estado no discurso que pronunciou no fim da semana.

Entretanto, para a maior parte dos asiáticos desta capital a vida tem decorrido normalmente como é habitual. Muitos deles, possuidores de passaportes britânicos, afirmaram a jornalistas que não acreditavam que fosse fisicamente possível expulsar tantas pessoas do país dentro de três meses.

Em Londres, um funcionário do ministério do Interior declarou numa entrevista que concedeu à rádio que um influxo repentino de imigrantes poderia o problema do excesso de população em algumas cidades britânicas.

O «Concorde» russo em ensaios

MOSCÓVO, 7 (FP) O primeiro Topolev-44 de série, rival soviético do Concorde franco-britânico, começou os voos de ensaio, indica hoje a «Pravda».

O TU-44 levou, pela primeira vez, um passageiro, Barachev, jornalista da «Pravda». O aparelho é uma versão melhora-

da do prototipo e está dotado com novos equipamentos técnicos, afirma o jornal.

O voo de ensaio durou duas horas e 7 minutos e o aparelho ultrapassou a velocidade «Mach-2». A tripulação era de cinco membros.

A decolagem, pilotagem e aterragem do TU-44 são auto-

máticas. O aparelho tem 40 lugares, isto é, mais 20 que o número até agora anunciado pela Imprensa soviética.

O prototipo numerado um do TU-44 efectuou o primeiro voo em 3. de Dezembro de 1968. Nos ensaios, atingiu a velocidade de 2530 km/h., a 8500 metros de altitude.

DI/ESTRANGEIRO

CHILE: Tensão entre o Governo e a extrema esquerda

SANTIAGO DO CHILE, 7 (FP) — Uma verdadeira prova de força opõe desde ontem a extrema esquerda chilena ao governo de União Popular apoiado por uma coligação de formações da esquerda clássica.

Um grave incidente está na origem da brusca tensão verificada nas relações entre as formações da extrema esquerda e o governo presidido por Salvador Allende.

No sábado de manhã, uma centena de polícias pertencentes ao corpo dos carabineiros e a polícia civil abriu fogo sobre um grupo de habitantes de «bairro de lata» que resistia a uma operação classificada pelas

autoridades de rotina e destinada a localizar um fugitivo acusado de delitos de direito comum. Um morto e dez feridos, entre os quais quatro polícias, foi o balanço da refrega.

Cento e sessenta pessoas ficaram detidas durante algum tempo sendo depois restituídas à liberdade, com excepção de vinte.

O «bairro de lata», denominado «Quartel Moncada», em homenagem à primeira operação de guerrilha tentada em 1953 por Fidel Castro em Havana, é um reduto do Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR), uma das mais importantes formações da extrema esquerda chilena.

FUNCIONÁRIOS SUSPENSOS

O presidente Salvador Allende decidiu suspender provisoriamente das suas funções dois altos funcionários da polícia civil, depois de ter designado uma comissão encarregada de investigar o incidente.

A decisão do chefe do estado chileno uw, segundo afirmam nos meios governamentais, se mostra muito preocupado com a situação, foi tomada depois de reunir com os chefes dos partidos da coligação governamental, os ministros de Estado e os responsáveis pela polícia.

«SANÇÕES DRÁSTICAS»

Segundo a extrema-esquerda,

a polícia, neste incidente, agiu nas melhores tradições «dos regimes reaccionários que precederam o actual regime».

Na opinião das autoridades, hrata-se de uma «provocação deliberada «por parte dos «ultras», acusados pelo Partido Comunista de estarem a fazer «o jogo dos inimigos do povo».

Os observadores consideram que a gravidade do incidente reside no facto de, pela primeira vez desde a subida do governo de união popular ao poder, se ter derramado sangue, sendo certo que o chefe do estado tem vindo a repetir que a revolução chilena se faz na legalidade e sem violências.

A extrema esquerda reclama

sanções drásticas contra os responsáveis que são, em seu entender, os chefes da polícia e o ministro do Interior, Jaime Suarez, em funções há apenas dois dias depois de o seu antecessor ter sido destituído em fins de Julho pela maioria parlamentar da oposição conservadora.

DIVERGÊNCIAS

O incidente é o primeiro do género desde que a coligação dos partidos da esquerda clássica, que agrupa comunistas, socialistas, radicais e diversas formações da esquerda, se encontra no poder. Na opinião dos observadores, este incidente reflecte profundas divergências entre o

regime e os mais impacientes dos revolucionários chilenos.

O governo deseja conduzir a evolução no respeito pelas instituições e liberdades democráticas, enquanto que a extrema esquerda — e no primeiro plano o MIR — prefer o caminho da revolução armada, considerando que o governo «faz reformismo e não revolução».

Estas divergências de interpretação da experiência chilena, que se caracteriza pela eleição livre de um marxista como presidente da república (facto único no mundo), contribuíram para criar na esquerda do regime uma segunda frente de oposição que veio juntar-se à formada pelos partidos centristas e conservadores.

PEQUIM FAVORECE A RESTAURAÇÃO DE RELAÇÕES COM O JAPÃO

TOQUIO, 7 (R) A china parece favorecer a restauração de relações diplomáticas com o Japão logo que o primeiro-ministro kaponês Kakuei Tanaka visitar Pequim, provavelmente no próximo mês, segundo anunciam hoje jornais desta capital.

Essas notícias de correspondentes japoneses em Pequim citavam fontes diplomáticas da capital chinesa e de delegações nipónicas de visita a esta cidade.

Diziam ainda que a China desejava uma declaração conjunta do primeiro-ministro chinês, Chou En Lai, e de Tanaka para restabelecer as relações diplomáticas, cortadas há cerca de 40 anos, e trocar embaixadores.

Acrescentaram que o Japão reconheceria os três princípios da china para normalizar as relações, incluindo a anulação do Tratado de Paz de 1952 entre Tóquio e a China Nacionalista.

A declaração conjunta exigia ratificação parlamentar. O Japão estabeleceu as relações diplomáticas com a União Soviética com uma declaração conjunta em 1956.

CALEIDOSCÓPIO

DEPENDÊNCIA AMERICANA

WASHINGTON, 7 — (ANI) — A dependência norte-americana do petróleo do Médio-Oriente aumentará dos actuais 5 por cento para 34 por cento em 1985 — declara Stephan Wakefield subsecretário do Interior para o sector da energia.

As necessidades diárias de petróleo nos Estados Unidos deverão, segundo Wakefield, subir dos 15 milhões de Barris em 1971 para perto de 27 milhões em 1985.

MUDOU DE IDEIAS

SKENFRITH, (País de Gales), 7 — (ANI) — O noivo de Elizabeth Fischer deixou-a à espera meia hora na igreja e depois enviou-lhe um bilhete dizendo: «Desculpa. Mudei de ideias». Todavia, Elizabeth Fischer, de 20 anos, decidiu não cancelar a recepção aos 75 convidados para a boda e foi vestida de noiva que a todos atendeu

no hotel onde se realizou o copo de água.

CARBURANTE CONFISCADO

MANILA, 7 (R) — O presidente Ferdinand Marcos das Filipinas deu ordens à Polícia para confiscar todos os abastecimentos essenciais de carburante, a fim de se combater o açambarcamento em áreas da ilha de luzon, devastadas pelas inundações.

AUMENTO DE IMPOSTOS

ESSEN, (Alemanha Federal), 7 — É possível que os impostos sobre o rendimento tenham de ser aumentados no segundo semestre do próximo ano — declara o ministro alemão da economia e finanças Helmut Schmidt, numa entrevista concedida ao «Neue Ruhr Zeitung». O ministro esclarece que a receita respectiva é necessária para o financiamento de novos hospitais, jardins de infância, escolas e universidades.

«Caminho da imperatriz»

RIO DE JANEIRO, 7 (R) — Uma equipa de alpinistas austríacos e alemães chegou hoje ao pico do Pão do Açúcar, escalando a vertente norte da montanha, que até agora nenhuma equipa conseguira vencer.

Os quatro alpinistas, Werner Haim, Felix Kuen, Hannes Gasser e Hans Stutzig, que no Pico do Pão do Açúcar foram saudados por uma banda, disseram aos jornalistas que a vertente norte da montanha, quase perpendicular, foi uma das mais difíceis de escalar de todas quantas têm vencido até agora.

Os quatro homens começaram a escalada no domingo, e deram à vertente norte do Pão do Açúcar o nome de «Caminho da imperatriz Leopoldina», a qual, austríaca de nascimento, foi a primeira mulher do imperador Dom Pedro do Brasil.

Quando os alpinistas chegaram ao cume da montanha, sob chuva cerrada, foram ali saudados pelo consul austríaco, Wilhelm Knope, por entidades oficiais e desportistas, e por uma banda militar da polícia que faz ouvir os hinos nacionais do Brasil e da Austria.

WASHINGTON, 7 — (ANI) — Os norte-vietnamitas poderão tentar mais uma ofensiva «espectacular» ainda este ano, mas se o fizerem serão seriamente batidos — declarou o secretário da defesa norte-americana, Melvin Laird.

Laird acrescentou que o bombardeamento do Vietname do Norte continuará até Hanói acabar com a invasão através da zona desmilitarizada, ou até se negociar um tratado de paz.

O secretário da defesa exprimiu as suas opiniões ao ser entrevistado pela televisão.

«Os norte-vietnamitas têm suficiente capacidade para lançarem mais um ataque em força, se o fizerem serão expulsos com grandes perdas» — disse Laird.

«Penso que seria um erro da parte do inimigo, e penso que sofreria uma grande derrota frente às forças do Vietname do Sul».

No fim do Outono é que se sentirá completamente a repercussão destes ataques e, entretanto, as tropas do sul deterão o inimigo — declarou ainda o secretário norte-americano.

A retirada das tropas norte-americanas do Vietname vai concluir-se ainda mais rapidamente do que tinha sido anteriormente anunciado pelo presidente Nixon — acentuou Laird. — No fim deste mês deve ser anunciado o regresso de mais tropas.

Perguntaram-lhe se a aviação norte-americana tinha bombardeado deliberadamente diques, no Vietname do Norte, como medida militar. Laird declarou que os seus conselheiros não acreditavam que esse procedimento fosse útil nem justificável, sob o ponto de vista humanitário.

«Nunca alvejamos propositalmente um dique ou uma barragem» — acentuou Laird.

EX-MINISTRO PROCESSADO

SAIGÃO, 7 — (FP e R) — A agência vietnamita de Imprensa confirma que o vice-presidente sul-vietnamita, Tran Van Houg decidiu mandar processar o antigo ministro da Defesa general Van Vy e outros. As contas bancárias deste devem ser congeladas e os seus bens imóveis arrolados para garantia o pagamento das indemnizações que venham a ser exigidas pelos prejudicados pelo «Fundo de Auxílio Mútuo e Pou-

pança de Exército» criado por aquele general. O general Van Kim e ainda mais quatro pessoas implicadas no caso devem ser suspensas das funções que ocupavam nas cinco empresas comerciais e industriais criadas com os capitais do fundo.

Já anteriormente, perante os primeiros resultados do inquérito, o general Van Vy fora demitido de ministro da Defesa e depois passado à reforma compulsivamente, sendo-lhe proibido sair do país até à conclusão definitiva do referido inquérito.

Sete coronéis e quatro civis receberão também sanções.

TANQUES DESTRUÍDOS

Caças-bombardeiros americanos destruíram 14 tanques de fabrico soviético perto da auto-estrada Phnom Penh-Saigão — a maior concentração dessas máquinas de guerra já vistas no Camboja — segundo anunciou hoje na capital sul-vietnamita um informador do comando dos Estados Unidos.

Esse comando comunicou que ataques aéreos táticos destruíram ontem nove dos tanques norte-vietnamitas e hoje mais cinco.

PILOTO CAPTURADO

HANOÍ, 7 — (FP) — O piloto de um dos seis aparelhos americanos abatidos no Vietname do Norte foi capturado — anunciam hoje em Hanói. O aviador foi feito prisioneiro em Haiphong.

Os defensores dessa cidade, destruíram três dos aparelhos, um F-4, um F- 05 e um A-7. Dois outros aviões, cujo tipo não foi indicado, foram postos fora de combate pela defesa anti-aérea de Hanói. O sexto, um «Phantom», foi abatido na província de Thanh Hoa, 160 quilómetros ao sul da capital norte-vietnamita.

ACIDENTE FERROVIÁRIO

CARACHI, 7 (FP) — Morreram trinta pessoas e ficaram feridas cinquenta, na colisão registada entre um comboio de passageiros que vinha de Carachi e outro de mercadorias parado em Liaquarpur, 650 quilómetros a noroeste desta cidade.

A rádio anunciara que tinham morrido 60 pessoas e ficado feridas 150 no acidente.

A locomotiva e várias carruagens sofreram avarias, mas o tráfego não foi perturbado.

VIETNAME:

Os americanos retiram mais depressa



«O presidente Nguyen Van Thieu demitiu o ministro da Defesa Nguyen Van Vy (na foto) por suspeitas de estar envolvido num esquema de desvio das economias de soldados sul-vietnamitas. O primeiro-ministro Tran Thien Khiem tomou conta da pasta da Defesa. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Haiphong, «cidade heroica», ocupa o primeiro lugar no combate aos bombardeiros e ao bloqueio dos portos decidido pelo presidente Nixon, escreve o jornal «Nhan Dan», que conclui: «Ninguém poderá esmagar a

nação vietnamita. A ferocidade dos americanos é, um sinal de fraqueza e a sua perfídia uma manifestação de cobardia.

O número de aviões americanos abatidos no Vietname do Norte é agora de 3 805.

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O SÉCULO»

COM O SEU CONJUNTO DE DIVERTIMENTOS REPRESENTAÇÕES DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA E OUTRAS INSTALAÇÕES, TORNA-SE PARA LISBOA A SUA MAIOR ATRACÇÃO

De tudo para comer e para beber — para todas as idades, todos os gostos e todas as bolsas

À Meia Noite: 64.º sorteio de um moderno colchão Climax, oferta da Climax Portuguesa — Equipamentos e Mobiliário de Conforto, Lda.

ABERTURA ÀS 19 HORAS

DL/GERAL

REGRESSO ÀS FONTES?

Continuação da pag. 3

PURA E DURA?

Observemos por fim a interpretação de um dos mais experimentados políticos; o estudo dos resultados do referendo de Abril teria convencido o primeiro magistrado da Nação de que a política de abertura ao centro que seguira desde a sua eleição, em vez de lhe fazer ganhar novos apoios, havia provocado a perda dos sufrágios de milhares de pessoas que desde sempre votavam na U.D.R. Ao aceitar o risco de ver os «reformadores» ganharem ao primeiro escrutínio nas próximas eleições, teria deliberadamente optado por uma campanha de regresso às fontes, puras e duras, do gaulismo — pelo qual não se nitria outrora, no Eliseu, uma simpatia por aí além, mas que seria capaz de galvanizar as hostes gaulistas sobre as quais sopravam ultimamente os ventos da dúvida e do abatimento.

Haveria muito a fazer para tornar «puro e duro» um regime onde o dinheiro tem tamanho lugar. É duvidoso que o novo Governo, por muito que se prove a pureza das suas intenções, consiga convencer os franceses antes do dia da eleição. De qualquer maneira, a moda, por agora, não é a da pureza-e-dureza. Apostar nelas, se o Parlamento fosse eleito segundo a proporção, seria incontestavelmente perigoso. Mas o caso é que é eleito por escrutínio duplo em cada bairro. Em quantas circunstâncias, se houver batalha triangular, chegará o «reformador» antes do candidato da maioria? — que estará isolado, a maior parte das vezes, frente a dois ou três porta-vozes das esquerdas.

Mesmo se admitirmos que certos eleitores centristas — como aqueles que em tempos idos asseguraram o triunfo do Rocard sobre Couve de Murville — votarão ao segundo escrutínio num socialista ou num radical de esquerda, de

preferência a um ponpidoliano, podemos concluir que muitos deles hesitarão em eleger um comunista, e que o «programa comum» das esquerdas, tendo em conta a propaganda anticomunista do regime, exercerá sobre muita gente um efeito de dissuasão muito mais do que de sedução.

De todas as maneiras, mesmo que a coaligação U.D.R. — independentes — C.D.P. não tornasse a reunir a maioria, o centro ver-se-á obrigado a fornecer-lhe o apoio necessário para evitar uma crise do regime, ameaçando esta conduzir a uma aventura que o seu eleitorado está longe de desejar. E nada nos diz que não viessem a dar-se algumas desistências no campo da esquerda unida.

E se esse belo cálculo caísse por terra? Se a união popular, ao contrário do prognóstico mais corrente, obtivesse a maioria dos lugares? O chefe do Estado parece pouco inclinado — depreende-se da insistência que põe em denun-

ciar a ameaça que pesa, segundo ele, sobre as instituições — a encarregar Mitterrand, e muito menos Marchais, de formarem Governo. Se, graças à actuação da censura, a Assembleia viesse a derrubar o primeiro-ministro que ele tivesse designado, o presidente, segundo tudo nos indica, pediria ao povo que arbitrasse o diferendo quer pronunciando a dissolução da Assembleia, quer pronunciando em referendo a inatuição do regime presidencial.

O menos que podemos dizer é que o presidente não deve ter necessidade de chegar a esse ponto.

De todas as maneiras, seria optarmos por uma visão muito limitada das coisas resumir a parada das eleições à batalha entre uma maioria e uma oposição supostamente homogêneas. Na verdade, o seu resultado influenciará o desenrolar de uma série de outras batalhas, as mais discretas das quais não serão as menos importantes.

INFORMAÇÃO ECONÓMICA

DESEMPREGO TECNOLÓGICO

3 713 pessoas foram vítimas do desemprego tecnológico durante o primeiro semestre de 1971, de acordo com estatísticas referentes ao mundo do trabalho publicadas recentemente pelo Ministério das Corporações. Os volumes agora publicados referem-se à situação do emprego em Portugal tratando em especial de mercado de emprego, subemprego, remunerações, formação profissional e custo de vida.

Das pessoas atingidas pelo desemprego tecnológico 3 505 tiveram protecção legal enquanto 208 não beneficiaram dela. A quantidade de mulheres atingidas foi superior à dos homens. Os números foram de 1885 e 1828 respectivamente. Na indústria transformadora foi onde se verificou a maior quantidade de desempregados; exactamente 3 076. Segue-se o comércio, bancos e seguros com 298; os serviços com 135; a indústria extrativa com 101; a construção e obras públicas com 78 e os transportes, armazéns e comunicações com 25.

O desequilíbrio verificado na quantidade total de homens e mulheres desempregados sobretudo reflectido pela indústria transformadora onde conheceram o desemprego 1 787 mulheres e 1 289 homens.

BALANÇO

AUTOMÓVEIS — Por despacho dos ministros do Ultramar e da Economia, a Fábrica de Automóveis de Moçambique foi autorizada a proceder nas suas instalações fabris, situadas na Machava, à montagem de viaturas automóveis de turismo da marca «Honda» ou tipos similares, a título experimental, sob as seguintes condições:

Depender a execução do empreendimento, da aprovação pelas Direcções-Gerais de Economia (Ministério do Ultramar) e dos Serviços Industriais (Ministério da Economia) de um estudo económico-financeiro elucidativo das vantagens de empreendimento, quer no aspecto de saída de divisas quer nos preços a praticar, comparando-os com preços de mercado — os como do mercado nacional.

A importação de veículos deverá satisfazer à designação internacional C.K.D., devendo a empresa proceder, nos veículos a montar, a uma incorporação de produto nacional de forma progressiva.

Os veículos montados devem subordinar-se ao cumprimento das medidas que venham a ser impostas rela-

tivamente ao controle da qualidade e preços.

BLOQUEIO — O Chile não obteve nenhum crédito a longo prazo nas instituições multilaterais do hemisfério ocidental desde que o Governo de Salvador Allende tomou posse, teria declarado o subsecretário chileno da Economia de acordo com uma notícia inserta no jornal brasileiro «Diretor Económico».

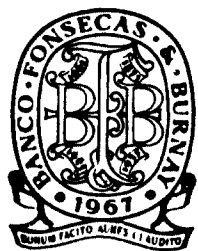
Entre os organismos citados por aquela autoridade figuram o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Apesar de o Chile ter apresentado projectos, aqueles organismos não adotaram decisões a tal respeito, acrescentou. O anterior, somado a uma série de acontecimentos configu-

ra o que Garreton qualificou como bloqueio invisível contra o país.

MANGANES — Jazigos de manganês, quartzos hidrotermais e outros terão sido encontrados por simples inspecção do terreno no distrito de Cabinda.

O primeiro manifesto foi apresentado à Direcção dos Serviços de Geologia e Minas por uma entidade de Luanda e diz respeito a um jazigo no local denominado Ganda Congo, no Belize, região de Maiombe; o segundo, pertence a uma entidade de Lisboa, respecta a uma área de 100 ha em Sanvo, área do posto de lândana.

CUSTO DE VIDA — Aumentou de sete por cento o custo de vida em Espanha no primeiro semestre deste ano, segundo informa o jornal madrilenho ABC. Este aumento apresenta, porém, uma tendência para um decréscimo em relação aos anos anteriores. A alimentação é o sector que mais



BANCO FONSECAS & BURNAY

**TEM O PRAZER DE PARTICIPAR
A INAUGURAÇÃO
(EM INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS)
DA SUA NOVA AGÊNCIA DE**

BRAGA

PRAÇA DA REPÚBLICA (ARCADA)
Telef. 22663

FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente



**TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?**

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telef. 36744/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45

DL/AUTOMOBILISMO E MOTOCICLISMO

I GRANDE PRÊMIO DO ESTORIL

ANGEL NIETO "SUPERSTAR"

O motociclismo nacional de velocidade recebeu neste fim de semana o seu maior impulso desde que existe. Com a estreia do Autódromo do Estoril no desporto de duas rodas e a presença de concorrentes estrangeiros de real valor, especialmente Angel Nieto actual campeão do mundo na classe de 125 cc e vice-campeão em 50 cc, teve a modalidade aquele despertar que esperamos venha a ter continuidade efectiva e justificada. Mas se do ponto de vista internacional a jornada foi positiva e de valor desportivo indiscutível, não é menos verdade que no âmbito nacional teve expressão e mostrou até que, com máquinas à altura, também te-

mos quem seja capaz de demonstrar qualidades. Assim aconteceu com as exhibições de Carlos Marques e Azarujinha, Carlos Marques o nosso piloto de velocidade com melhor palmarés mostrou ontem na última corrida que até mesmo quando não conhece uma máquina pode tirar dela o suficiente partido para obter uma posição destacada.

Na prova para concorrentes nacionais com máquinas até 50 cc, praticamente não houve histórias. Manuel Massadas e António Costa Paulo destacaram-se e mantiveram essas posições até ao baixar da bandeira xadrez. Manuel Massadas subiu ao podium mas foi Costa Paulo

que ganhou por força de um protesto contra a máquina de Massadas. A fábrica segundo foi divulgado não permitiu a verificação técnica da máquina e o piloto foi desclassificado. Em 125 cc ganhou Francisco Casquilho, e em 250 cc Rui Aranha, que tomou o comando da prova e o manteve até ao fim. Em 500 cc a vitória foi para Francisco José Neto, um piloto português sem prova entre nós, dado que vive radicado na Holanda, enquanto em 750 cc triunfava Carlos de Sousa.

Nas provas internacionais Angel Nieto foi rei e senhor. Ganhou as de 50 e 125 cc, a segunda das quais com mais de uma volta de avanço sobre o

mais directo competidor, e só não viu baixar a bandeira xadrez na prova de 250 cc porque uma avaria mecânica o impediu disso. Nessa prova, brilhou a grande altura o nosso piloto Carlos Marques que obteve o 2.º lugar na final depois de ter comandado a prova durante algumas voltas. Também nesta mesma prova, de que sairia vencedor Victor Palomo Juez, teve actuação digna de mérito Jaime Azarujinha que veio a ocupar a terceira posição. Foi sem dúvida uma das provas que mais entusiasmou o público e onde houve mais luta.

CLASSIFICAÇÕES

CORRIDAS NACIONAIS

50 cc — 1.º, António Costa Paulo; 2.º, Fernando Ribeiro; 3.º, Augusto Gaspar; 4.º, Victor Fontinha; 5.º, Joaquim Lourenço; 6.º, Francisco Algarve; 7.º, José Manuel Silva; 8.º, Alfredo Tomás; 9.º, José Pires Almas; 10.º, José Luis Sousa; 11.º, Manuel da Silva Almeida; 12.º, José Lopes Veiga; 13.º, Marciano Amaral; 14.º, Henrique Sando e Silva.

125 cc — 1.º, Francisco Casquilho; 2.º, Vasco Moura; 3.º, José Manuel Baptista.

250 cc — 1.º, Rui Aranha; 2.º, Mário Ferreira Chaves; 3.º, Fernando Jorge Gamito; 4.º, Paulo Furtado Costa; 5.º, José

Carlos Marques no comando da prova de 250 cc seguido de Azarujinha, Angel Nieto e Francisco Bover Marti

Manuel Fonseca; 6.º, José Fernandes Simões; 7.º, Alberto Ferreira Pinto; 8.º, João Peres Brarens.

500 cc — 1.º, Francisco José Neto; 2.º, Nani; 3.º, Hugo Silva; 4.º, Virgílio Vieira; 5.º, Alfredo Tomaz.

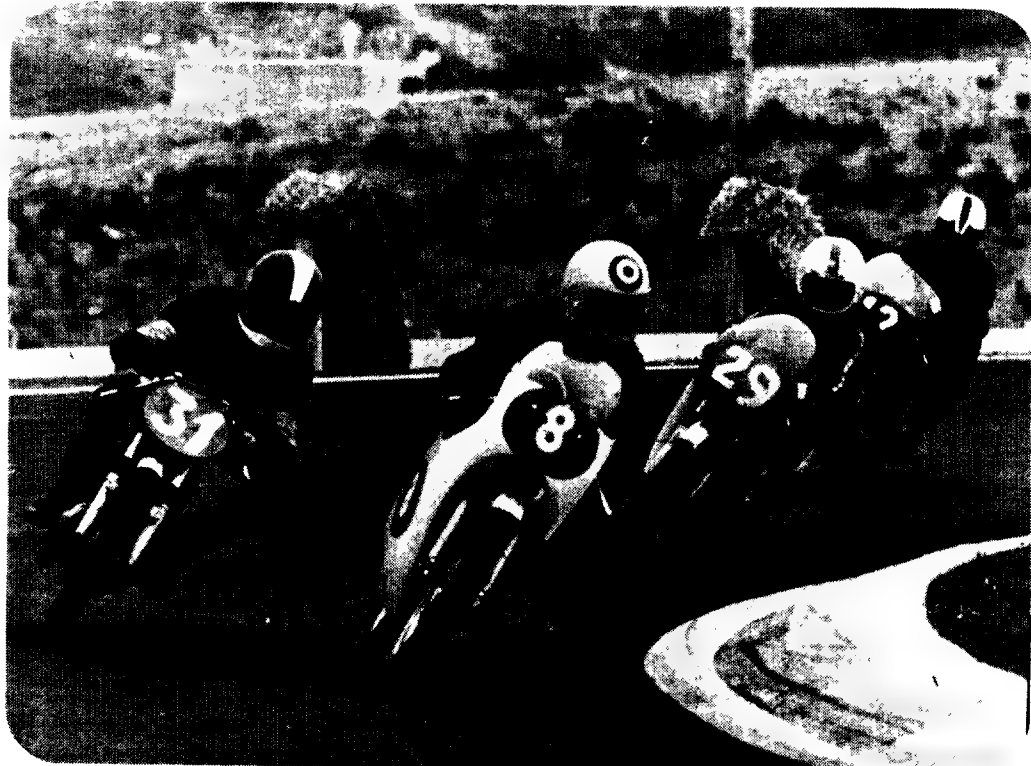
750 cc — 1.º, Carlos Franco Sousa; 2.º, Manuel Leitão; 3.º, Jaime Azarujinha; 4.º, «Lagos»; 5.º, Manuel Silva; 6.º, Carlos Marques.

INTERNACIONAIS 50 cc — 1.º, Angel Nieto; 2.º, Benjamim Grau Marin; 3.º, José Lopez Mteo; 4.º, Jaime Alguesua-

ri; 5.º, Luiz Lopez Mateo; 6.º, Joaquim Gali.

125 cc — 1.º, Angel Nieto; 2.º, Fernando Gonzalez de Nicolas; 3.º, Juan Pares March; 4.º, Victor Palomo Juez; 5.º, Henrique Escuder Bernat; 6.º, Francisco Bover Marti; 7.º, Benjamim Grau Marin; 8.º, Francisco Casquilho; 9.º, Ramon Gali; 10.º, Luiz Lopez Mateo.

250 cc — 1.º, Victor Palomo Juez; 2.º, Carlos Marques; 3.º, Jaime Azarujinha; 4.º, Ivan del Alcázar Armada; 5.º, Juan Sanchez Gonzalez; 6.º, Francisco Cufi; 7.º, Joaquim Boadella.



Uma sugestiva imagem da principal prova da jornada, quase no seu início, quando ainda muitos concorrentes seguiam quase colados.

6 HORAS DE NOVA LISBOA

VITÓRIA INESPERADA DE CARLOS SANTOS E ROGER HEAVENS (CHEVRON B 21)

NOVA LISBOA, ANGOLA, 6 — A dupla Carlos Santos-Roger Heavens venceu as «Seis Horas De Nova Lisboa», conseguindo ultrapassar nos últimos momentos da corrida o francês Gerard Larrouse que desde a avaria registada no «Lola» de Nicha Cabral parecia ter assegurado a vitória na prova.

O francês deve ter sido vítima de uma avaria quando faltavam apenas três minutos para terminar a corrida, e disso se aproveitou a dupla luso-britânica, conseguindo o primeiro lugar, após uma prova de grande regularidade.

Durante bastante tempo a luta para o primeiro lugar travou-se entre as duplas Vic Elford-Gerard Larrouse e Nicha Cabral-Swietlick, ambas em Lola T 280 do Team Bonnier.

Com a passagem do meio dia a prova ganhava novo interesse, pois a luta começou a ser travada entre os dois «Lolas» conduzidos por Gerard Larrouse e por Nicha Cabral.

Ao completar cinquenta voltas ao circuito, o volante portu-

guês conseguiu tomar a dianteira, posição, que manteve durante algum tempo, para, cerca de 13 horas, voltar à situação anterior a vinte segundos do seu mais directo competidor, Nicha Cabral perdeu depois bastante tempo devido a uma avaria na bomba de gasolina, permitindo que Carlos Santos e Roger Heavens ascendessem ao terceiro lugar. Entretanto assistia também a equipa brasileira constituída por Norman Casari e Jan Balder.

Depois de quatro horas de prova, a equipa Gerard Larrouse — Vic Elford continuava no comando, com quatro voltas de avanço sobre o outro «lola», tripulado pela dupla Nicha Cabral-Claude Swietlick, que, entretanto, foi perdendo terreno. O «leader» realizou até esse momento a volta mais rápida, à média de 115,851 km. por hora.

Quando faltavam trinta minutos para terminar a prova, continuavam firmes as três primeiras posições. Nicha passava na meta em sexto lugar, sem hipóteses já de recuperar ou de discutir o resultado da corrida.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

1.º, Carlos Santos Roger Heavens (inglês), (Chevron B 21), 184 voltas, à média de 108,610 quilómetros horários; 2.º, Vic Elford-Gerard Larrouse, (Lola T-290) 181 voltas (103,910); 3.º, Larama-Waldemar Teixeira, (Ford Capri) 2600 RS, 167 voltas; 4.º, Ivo Brandao-Cardoso Albernaz, (Porsche 911), 167; 5.º, Claude Swietlick-Nicha Cabral, (Lola T-290), 165; 6.º, André Wicky-Max Oliver, (Porsche 90802); 7.º, Mabilio Albuquerque-José Bandeira, (BMW 2002 T1); 8.º, António José Oliveira-Fernando Coelho, (BMW 2002T1); 9.º, Tino Pereira, (Ford Capri 2600 GT); 10.º, Santos Peras, (Suabaru 1300 G); 11.º, José Veiga-José Reis, (NSU TT); 12.º, Silveira Machado-Helder Sousa, (Opel Supermanta); 13.º, Silveira Machado-Helder Sousa, (Opel Supermanta); Emílio Marta-Herculano Areias, (Ford GT 40) foi desclassificado.

Dos 18 carros que alinharam à partida só treze terminaram a prova.

VOLTA A S. MIGUEL

ANTÓNIO BORGES O VENCEDOR

António Borges, em Porsche 911 S, foi o vencedor da VIII Volta à Ilha de S. Miguel, que ontem terminou em Ponta Delgada. Em segundo lugar classificou-se uma equipa local constituída por Roberto Mota-Nemésio Pereira, em Opel 1604 S. Das 31 equipas que alinharam à partida apenas 14 chegaram ao fim. A primeira etapa foi a que provocou maior rasaria, levando ao abandono de 11 concorrentes, entre os quais Américo Nunes (avaría na suspensão) e António Carlos Oliveira (diferencial partido). a prova foi fértil em incidentes de que foram vítimas algumas das melhores equipas presentes. Luís Netto que sofreu um despiste continuou em prova mas abandonou mais tarde com o radiador furado, enquanto Heitor Morais ficou no troço da Trunqueira, com a suspensão partida.

Giovanni Salvi, após uma boa recuperação, conseguiu sair para a segunda etapa em segundo lugar mas despistou-se deixando António Borges sozinho e com o caminho aberto para conquistar o título de campeão nacional de rallyes. Outro golpe de teatro envolveu Mário de Figueiredo que estava a fazer uma prova sensacional e ficou a 50 quilómetros do fim, com uma avaria na bomba de gasolina. Por sua vez Jorge Raposo de Magalhães em Grupo 2 com o seu pequeno Datsun 1200, a discutir sensacionalmente o primeiro lugar do campeonato, neste agrupamento. Outra nota de sensação foi o excelente comportamento das equipas locais que conseguiram excelentes resultados.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º — António Borges-Pedro Garcia (Porsche 911 S), 14 272 pontos;
- 2.º — Roberto Mota-Nemésio Pereira (Opel 1604 S), 14 515;
- 3.º — Luís Tavares-Mário Riley (Opel 1604 S), 15 126;
- 4.º — Raposo de Magalhães-Luís Pedreira (Datsun 1200), 15 175;
- 5.º — Carpinteiro Albino-A. Santos (Fiat 125 S), 15 363;
- 6.º — Celso V. da Silva-Sales Grade (Datsun 1600 SSS), 15 592;
- 7.º — António Câmara-Rago Costa (Opel Manta) 15 592;
- 8.º — António Hintze-Silva Henriques (Datsun 1600 SSS), 17 274;
- 9.º — Jaime Benitez-Pedro Roriz (Datsun 1600 SSS), 18 012;
- 10.º — Vasco Paiva-Carlos Câmara (BMW 1600) 19 515;
- 11.º — Acácio Alvim-C. Mendonça VW, 19 991;
- 12.º — Conceição Santos -Nuno Câmara (Datsun 1600), 20 257;
- 13.º — José Gamboa-Latieno (Datsun 1200), 20 582;
- 14.º — Alceu Carneiro-José Bernardo (BMW 2000), 21 863.

compre na BAIXA compre melhor



SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O CARTÃO SOTTOMAYOR

AS CASAS ASSINALADAS COM =

ACEITAM-NO

modas e confecções

A BRUXA
MODAS
PREÇOS ESPECIAIS
FIM DE ESTAÇÃO
R. Trindade Coelho, 36-C
Telef. 328765

MODAS
Gama
RUA DOS FANQUEIROS,
141-143 — Lisboa-2
Telef.: 32 78 26

confecções
Ribalta
para homem e senhora
lanifícios novidades
rua dos fanqueiros, 199 telefone 874253 lisboa

MAISON LOUVRE
CONFECCÃO PRÓPRIA
PARA
BEBÉ E CRIANÇA
ROSSIO - 106

Romano
ÚLTIMAS NOVIDADES
DA MODA MASCULINA
R Augusta, 216
Telef. 322073 - LISBOA

ANTIGOS
ARMAZENS DO ROSSIO
(NOVAS INSTALAÇÕES)
Linha MALHAS PERFUMARIA LINGERIE
1.º piso PRONTO A VESTIR senhora e homem CAM-SARIA
2.º piso TECIDOS
79 - ROSSIO - 79

meia lua
PRONTO A VESTIR
MAI HAS PARA
SENHORA e HOMEM
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36 12 54

Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO
A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/3221122

CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO
A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/3221122

MONTEIROS & JORGE, LDA.
MALAS
ARTIGOS DE VIAGEM
SAPATOS
Rua Augusta, 113 - 115
T: 32 69 56 — LISBOA

Paris em Lisboa
MODAS E
CONFECCOES
77, CHIADO, 81

Rampa
MALHAS—MODAS—CONFECCOES
PRONTO A VESTIR
SENHORAS — HOMEM — CRIANÇAS
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 15 — LISBOA
Telef. 32 48 95

artigos diversos

GALERIA
SÃO DOMINGOS
T. NOVA S. DOMINGOS,
30-32

PASTELARIA
«Benard»
R. Garrê, 101

ARMAS — MUNIÇÕES
CAÇA
PESCA
DESPORTOS
A. M. SILVA
(ARMEIRO)
RUA DA BÊTESGA, 1 — TELEF. 361313/4/5

A MELHOR CASA
DE BRINQUEDOS
KERMESSE DE PARIS
R. 1.º de Dezembro, 127
Telef. 35031

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, CI SARL

LFNTES ZEISS
ORMA 1000 (in-
quebráveis)
CURVAL (Essel
Paris)
BAUSCH
& LOMB, ETC.
LENTES
DE CONTACTO
Execução rápida e perfeita de todo o receituário médico
ASSISTENCIA TÉCNICA
(Apetrechado com as mais modernas máquinas)
Praça dos Restauradores, 78 Telef. 32 83 58 LISBOA

Casa Eurico Santos
MALAS * PASTAS * LUVAS
RUA DA PRATA, 234-236
— LISBOA —
Salão de exposição e vendas no 1.º andar

QUEM
NÃO ANUNCIA
ESCONDE-SE

PASTELARIA
MARQUES
R. Garret, 72

JOGUE
NO
CAMPIÃO

Costa & Branco
Artigos de Decoração
Balanças — Ménage
LISTAS DE CASAMENTOS
R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa

JOGUE
NO
CAMPIÃO



CASA AFRICANA
161 RUA AUGUSTA 171
1872 CENTENÁRIO 1972
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM TODAS AS SECÇÕES

CAMPEONATO MUNDIAL DE CICLISMO

DL/DESPORTOS

BASSO DESTRONA MERCKX

AGOSTINHO: a evidência do último lugar

Um italiano de 27 anos, de nome Marino Basso, é o novo campeão mundial de estrada, profissionais, pois venceu a corrida disputada em Gap, ontem à tarde, num percurso de 272,574 quilómetros, (18 voltas de 15,143 metros), com o tempo de 7 horas 15'59", à frente do seu compatriota Bitossi, do francês Guimard e do belga Eddy Merckx, que assim perdeu o título conquistado no ano transacto.

Dos portugueses nem é bom falar. Agostinho foi o único sobrevivente, classificando-se em 42.º e último lugar, a cerca de 11 minutos do campeão, tendo dado o habitual trambulhão, quando seguia na peugada de Merckx, na décima terceira volta. Os demais, foram-se retirando à medida que as forças faltavam, Leonel Miranda na 10.ª volta, Firmino Bernardino e José Martins aos 200 quilómetros e assim sucessivamente. Como, aliás, 47 dos 89 concorrentes.

Basso é um «sprinter» de créditos reconhecidos por todo o mundo velocipedico, tendo vencido já onze tiradas da Volta à Itália e quatro no Tour, além de um certo número de provas no seu país. De qualquer modo este é o seu primeiro grande triunfo internacional. Nascido em 1 de Junho de 1945, em Rettergole, perto de Vicenza, onde reside, tem 1,73m de altura, pesa 66kgs e é profissional desde 1966.

A partida foi dada às dez horas, e antes já o campeão mundial, Merckx, declarara que não se renderia sem luta.

O português Joaquim Leite e o francês Raymond Riote estavam à frente do pelotão ao completar-se a primeira das dezoito voltas, que foi percorrida em 22 minutos e 5 segundos, com uma média de 41,143 quilómetros por hora.

No fim da terceira volta, o francês Cyrille Guimard chefia o pelotão.

Colados a Guimard seguiam Joaquim Leite, o belga Josef de Schoenmaecker e o italiano Michele Dancelli, sob a vigilância do pelotão com os restantes ciclistas.

A média baixara para 39,782 quilómetros.

Nesta volta tentaram fugir o francês Bernard Thevenet, o holandês Tino Catabak, o italiano Giovanni Cavalcanti e o belga André Dierickx. Conseguiram

um avanço de 300 metros, mas foram apanhados ao 12.º quilómetro.

Na quarta volta deu-se uma fuga do inglês Hugh Porter, que, em Marselha, na semana passada, ganhara o terceiro dos seus títulos mundiais de perseguição. Levou na sua roda o suíço Eric Spahn e o italiano David Boifava. Este grupo distanciou-se 45 segundos de um outro de três homens — o francês Yves Hazard, o holandês Mathieu Pustjens e o italiano Giancarlo Polidori — seguindo o pelotão com um atraso de 59 segundos.

Porter furou na descida na quinta volta, e passou a ter um atraso de 37 segundos dos «líders» — Spahn e Boifava.

O calor apertava fortemente havendo entre o público quem desfalecesse.

A polícia calcula a multidão de espectadores à volta de 60.000, com uns 25.000 no topo da subida.

Ao completar-se a sexta volta Spahn e Boifava tinham um avanço de um minuto e 24 segundos sobre Porter estando o pelotão a 2,09 minutos. Em todas as equipas se verificaram muitos furos.

Porter foi apanhado e ultrapassado pelo pelotão na sétima volta, que terminou com três minutos e quarenta segundos de atraso. Em seguida, Porter abandonou.

O duo Spahn-Boifava estava, entretanto, dois minutos e seis segundos à frente do holandês Marinus Wagtmans, com o pelotão a seis minutos.

Na nona volta o pelotão reagiu e Spahn foi apanhado.

Boifava conseguiu adiantar-se de novo, na décima volta, que terminou um minuto e 29 segundos antes do pelotão, à frente do qual seguiam o italiano Vladimiro Panizza e o belga Roger Swerts. Entretanto abandonava, entre outros, o português Leonel Miranda.

Ao fim da 11.ª volta, o avanço de Boifava sobre o pelotão era de um minuto e 26 segundos.

A aventura de Boifava terminou à 12.ª volta no topo da mesma encosta dos Embeyracs que lhe permitira escapar-se aos 50 kms, na companhia de Porter e de Spahn. Aos 182 km Barras, Panizza e Basso levavam 5, de vantagem a um pelotão arrastado a toda a velocidade por Eddy Merckx. Na descida, operou-se o reagrupamento, excepto para os irmãos Gosta e Thomas Peterson, que, muito atrasados, tinham perdido todas as esperanças.

Pouco depois, registou-se o clássico trambulhão de Joaquim Agostinho que ia na cola de Merckx. O português, que caíra juntamente com o espanhol Oliva, perdeu terreno mas conseguiu recuperar.

A lista das desistências, aos 200 km, era já bastante extensa, nada menos de 24 corredores,

entre eles os portugueses Bernardino e Martins.

Depois, aos 208 km, na pequena encosta que se sucede à longa descida para GAP, um grupo de dez homens desmembrou o já bastante amputado pelotão. Os fugitivos eram todos favoritos: Merckx, Roger de Vlaeminck, Verbeeck, Vanizza, Bitossi, Dancelli, Basso, Mortensen, Zoetemelk, e Guimard. Aos 212 km levavam 45, de avanço. A partir de então a diferença foi aumentando de maneira impressionante. 15 km mais adiante, Merckx e os seus companheiros de fuga tinham 2. 57. de avanço sobre Gimondi, Danguillaume, Perurena e Mudde-mann, enquanto que o pelotão vinha a 3. 15. A distância entre os três grupos foi-se cavando até que aos 243 km. O da frente estoirava: Guimard arranca e é logo apanhado e depois Merckx imita-o seguido por Bitossi e Zoetemelk. Guimard junta-se-lhes um pouco mais adiante.

A encosta dos Embeyracs, na última volta, causa novos estragos: Verbeeck, Roger de Vlaeminck e Panizza ficam para trás. A cinco quilómetros da meta, Bitossi surpreende todos os seus adversários e escapa-se. Distância-se 150 metros. Na apertada curva que precede a longa recta da meta ainda 100 metros de vantagem. Todavia, atrás dele Basso, Guimard, Merckx e Zoetemelk atacam a fundo. A 100 metros da meta Bitossi ainda tem 20 metros. Olha para trás julgando a vitória assegurada e é nesse preciso momento que Basso, num arranque extraordinário o ultrapassa sobre a linha e triunfa, ganhando por meia roda.



«Meia roda de vantagem ao fim de quase trezentos quilómetros de corrida. O suficiente para uma explosão de alegria e um título de campeão mundial»



Choro também pode ser alegria. Como o de Basso após concluir o campeonato em vencedor



dois «sprinters» italianos no «podium»: Basso (primeiro) e Bitossi (segundo)

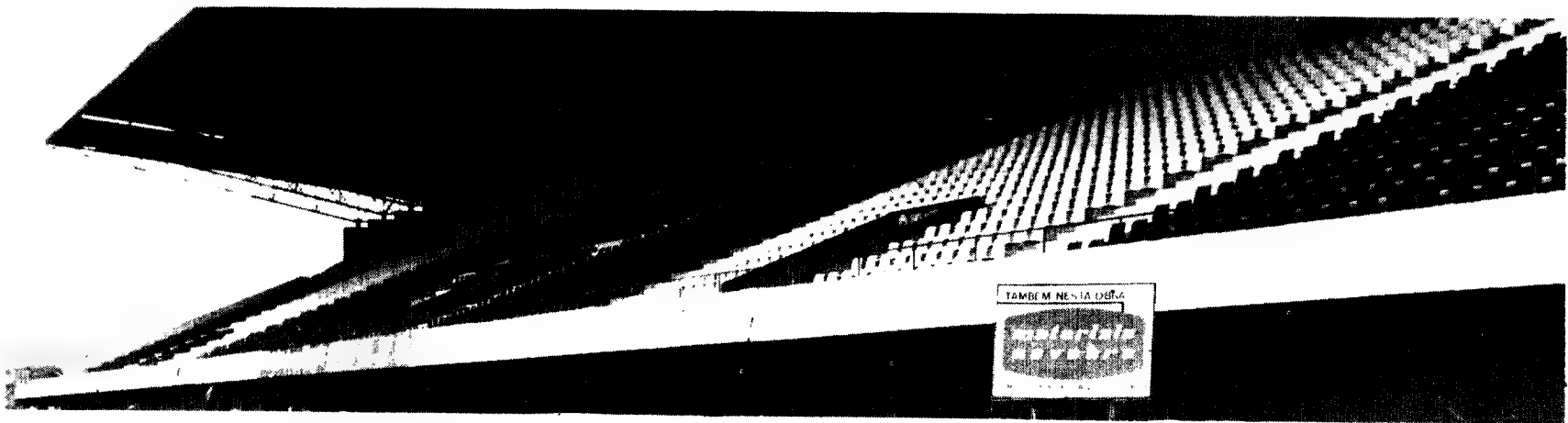
CLASSIFICAÇÃO

1.º, Marino Basso (Itália), 7h 5. 59. (média de 38 km 392); 2.º, Franco Bitossi (Itália), 3.º, Cyrille Guimard (França), 4.º, Eddy Merckx (Bélgica), 5.º, Joop Zoetemelk (Holanda), 6.º, Michele Dancelli (Itália), 7.º, Leif Mortensen (Dinamarca), 8.º, Frans Verbeeck (Bélgica), todos com o mesmo tempo; 9.º, Danguillaume (França), 7h 7. 06. 0.º, Felice Gimondi (Itália) MT, 11.º, Vladimiro Panizza (Itália) 7h 7. 8. 12.º, Roger de Vlaeminck (Bélgica) 7h 7. 13. 13.º, Karl-Heinz Muddemann (Alemanha) 7h 8. 03. 14.º, Domingo Perurena (Espanha) 7h 0. 42. 5.º, Santiago Lazcano (Espanha) 7h 10. 44. 6.º, Wilfried, Peffgen (Alemanha) 7h 6. 00.

A seguir entrou todo o pelotão, com o mesmo tempo e com o português Agostinho a fechar (42.º lugar), igualmente com 7 horas e 6 minutos certos.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Baptista Cardoso. Rua Cândido dos Rêis, 12 SESIMBRA

AUTÓDROMO DO ESTORIL



A MAIS VASTA GAMA EM PRE-FABRICADOS DE BETÃO

Materiais Novobra forneceu as bancadas pré-fabricadas com pavimentos Novobra para este importante empreendimento automobilístico

DL/DESPORTOS

TORNEIO INTERCONTINENTAL

Porto e Setúbal numa "finalíssima"

Futebol Clube do Porto e Vitória de Setúbal vão disputar, em Luanda, uma «finalíssima» do Torneio Intercontinental. Ontem, empatando com o Sporting (a zero golos) e batendo o Belenenses (2-1), portistas e setubalenses ganharam esse direito. «Leões» e «restelistas» ficaram, assim, pelo caminho: um deficiente início de temporada, sem dúvida, embora os dirigentes dos dois clubes da cauda desta tabela, teimem em alijar culpas dos resultados para cima dos árbitros que dirigiram as suas actuações. A verdade, porém, é que Sporting e Belenenses ainda estão, em matéria de preparação, afastados do Porto e do Vitória: que possuem excelentes valores individuais e estão a ser estruturados por mãos de mestres.

VITÓRIA CATEGÓRICO

No jogo de Luanda alinharam: BELENENSES — Mouri-

nho; Murça, Calado, Freitas e Pietra; Quaresma e Godinho; Luis Carlos, (Laurindo), Gonzalez.

V. SETUBAL — Vaz; Rebelo (Conceição), Cardoso, José Mendes e Carriço; Octávio, José Maria e Matine; Arcaño, J. Torres, J. JOÃO (Praia).

Luis Carlos (a passe de Godinho) fez o primeiro tento, ianda não havia 6 minutos. Mas o Vitória, muito melhor equipa, plenamente consciente do seu valor, actuou sem preocupações: e, com a maior naturalidade venceu, graças a dois golos de Duda (aos 46 minutos, a endosse de Octávio; aos 49, recebendo um cruzamento de Arcaño).

O Belenenses, em dois momentos, poderia ter virado o resultado: mas incríveis falhas na «zona da verdade» continuaram a pesar no seu rendimento.

Octávio e Gonzalez foram os melhores futebolistas no terreno. Os mais discretos: Rebelo (que está nitidamente fora de forma, porter saído da demora-

da lesão) e Ernesto (a quem Scopelli pretende tornar médio de ataque).

NULO DECEPCIONANTE

Não passaram das 20 mil pessoas as assistentes ao jogo em Lourenço Marques, entre Futebol Clube do Porto e Sporting. Eis as formações:

F.C. Porto — Rui; Gualter, Manhiça, Rolando e Guedes; Pavão, Celso e Oliveira (Ricardo); Flávio, Abel (Helder Ernesto) e Malagueta.

SPORTING — Botelho; Bastos, Laranjeira, José Carlos Pereira; Dani, Manaca, Gonçalves Vagner) e Alvaro Jorge; Yazalle e Nndo (Marinho).

O frágil e inoperante ataque sportinguista foi uma «pera doce» na boca da firme defesa portista. Os passes, da média «verde», esbarravam também, sistematicamente, nos cortes dos homens das Antas, muito atentos, desembaraçados e activos. E, embora Flávio tenha dado um

festival de golos perdidos, o resultado final foi um nulo em branco. Botelho, Laranjeira e Bastos jogaram como gente grande. Do lado do grupo de Riera, já mais apto a competir, brilharam Rui, Gualter e o soberrano Rolando.

A pontuação deste Torneio Intercontinental ficou assim: Porto e Setúbal, 4; Sporting, 3; Belenenses, 1. A «decisiva» efectua-se na 4.ª feira, pelas 21 horas, no Estádio dos Coqueiros, em Luanda.

O Sporting regressa já hoje a Lisboa: a chegada ao Aeroporto da Portela está prevista para as 6 e 30 de amanhã. O Vitória rumará à capital após o embate de quarta-feira: chegada anunciada para as 9 e 50 de 5.ª feira. O Porto jogará ainda no Lobito, no dia 13, o mesmo sucedendo com o Belenenses que, igualmente, fará uma exibição perante o Lusitano do Lobito, amanhã, à tarde. Retorno a Lisboa previsto para as 8 e 50 de quinta-feira.



Joaquim Serra falhou por pouco na sua tentativa de ultrapassar os 4,70 metros. Mas é dele o novo «record» da vara: 4,60 metros

CIMEIRA DE XADREZ

Spassky reduz diferença

RAYKJAVIK, 7 — O russo Boris Spassky, actual campeão do mundo, ganhou ontem o 11.º jogo do Campeonato Mundial de Xadrez, vencendo o norte-americano Bobby Fischer, ao 31.º movimento.

Fischer continua á frente agora com seis e meio contra quatro e meio. São 24 os jogos do campeonato, faltando disputar 13, a não ser que um dos contendores ganhe tal avanço que não seja necessário realizar todas as partidas.

O candidato ao título, Bobby Fischer chegou só um minuto atrasado para a 11.ª partida.

O campeão mundial, que jogou com as brancas, abriu com a jogada favorita de Fischer,

peão de Rei, e foi imediatamente para detrás do palco.

Depois de conseguir «furar» pelo meio de uma multidão que o aguardava à entrada da sala, Fischer olhou para o tabuleiro e respondeu com o **peão do bispo de rainha**, sentando-se, em seguida, à espera de Spassky. Como este não aparecesse, Fischer foi também atrás do palco. Os dois jogadores regressaram pouco tempo depois.

Até ao nono lance, o jogo foi uma cópia, movimento por movimento, da sétima partida, que terminara empatada. No décimo lance, porém, Spassky fez a jogada que os entendidos haviam indicado ao comentarem a sétima partida: tomou o **bispo de rei** de Fischer com o **bispo da rainha**, e, daí em diante, obrigou-o a defender a **rainha**, fazendo-o perder tempo.

Em dado momento Fischer tomou o chamado «peão envenenado» no oitavo lance, indicando que os dois jogadores prepararam algo de novo para esta partida.

«Bobby vai hoje despedaçá-lo» afirmava Fred Cramer, colaborador de Fischer e vice-presidente da Federação Internacional de xadrez.

Já o principal conselheiro de Spassky, Nicolau Krogus, não tinha a mesma opinião e dizia, enquanto esfregava as mãos:

«Vai ser muito interessante, muito interessante mesmo».

No 24 lance, em que Fischer não conseguiu defender a **rainha** encurralada, o grande mestre dinamarquês Bent Larsen declarou:

«Fischer deveria era desistir já».

Pouco depois, Spassky sacrificava um **bispo** e um **peão**, para reforçar ainda a sua posição, e o comentário do grande mestre Jens Envoldsen foi este:

«É ridículo continuar. Fischer deveria reconhecer a derrota, não fez erros de **pamatória**, mas Spassky conseguiu uma acção brilhante».

Como se não lhe chegasse a preocupação da derrota, Fischer teve novo contratempo ao sair da sala: o seu carro não «pega-

va» e teve de pedir boleia ao Rev. William Lombardy, um norte-americano seu amigo.

Antes da partida Fischer encarregara um dos seus «segundos», Cramer, de verificar se havia alguma camera de TV oculta na sala.

O presidente da federação islandesa, Gudmundur Thorarinson, revelou que se estuda a possibilidade de processar Fischer, pois a exigência de manter afastada a TV faz com que a federação perca dinheiro. Mas, acrescentou que «há possibilidade de outra solução».

Apesar da desvantagem, Spassky mantem-se perfeitamente calmo e tem recebido inúmeros conselhos dos grandes mestres que o acompanham. Entretanto, a sua provável baixa de forma é seguida com certa emoção na União Soviética, pois receia-se ver perder a hege-

monia do país no intelectualizado desporto.

Spassky está, no entanto, decidido a bater-se encarniçadamente para provar ao mundo inteiro que ainda não disse a última palavra.

Em primeiro lugar, Spassky terá de esforçar-se já a partir de amanhã, para não se encontrar em «Zeitnot» por volta da 4.ª hora de jogo, fonte principal dos grandes erros que comete. Para isso, terá de evitar perder a maior parte do tempo de reflexão nos quinze primeiros lances, quando não tem de enfrentar nenhuma inovação do adversário.

O «Zeitnot», é inabitual em Spassky, portanto, será possível corrigir-se para não ter de sofrer os efeitos dessa verdadeira obsessão do jogador de Xadrez. (FP, Renter, UPI e D/L).

“Tartan” deu novos “records”

Com características muito especiais (os atletas tentam o seu melhor a fim de que consigam o maior aval de pontuação) acabou ontem nas pistas do Estádio Nacional a disputa da «Taça dr. Fernando Amado». E, para já, temos que foi alcançado o melhor resultado do atletismo português: pois os sportinguista Carlos Lopes fez, na prova da légua, o tempo de 13 minutos e 46,8 segundos, que fica a constituir novo «record» nacional. A pista de «tartan» talvez tenha m.: 200 m., Helena Ferro, 26,1 s.; Altura, Marília de Carvalho, 1,50 m.

influência no caso, mas não devemos esquecer que Lopes conseguiu já, durante esta época, fazer menos de 14 minutos por quatro vezes. Também outro sportinguista conseguiu nova marca nacional: foi Joaquim Serra que, com a vara, conseguiu ultrapassar a fasquia colocada à altura de 4,60 metros. Outro resultado promissor de que algo mais poderá ser conseguido, foi o do benfiquista Fernando Silva, nos 400 metros, igualando o «record» nacional (que pertence a Barceló de Carvalho) com 47,2 segundos. Estes êxitos levam a acreditar que estamos a ingressar numa nova e boa época para o atletismo.

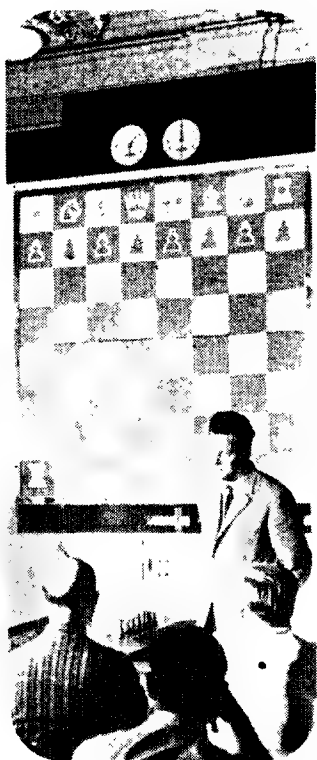
Vejam quem foram os vencedores das provas:

MASCULINOS: 110 m. bar., Alberto Matos, 14,8 s.; Disco, José Luís Fernandes, 46 m.; 1500 m., Fernando Mamede, 3 m. 48,7 s.; Altura, João Ganso, 1,95 m.; 100 m., Fonseca e Silva, 10,8 s.; 400 m., Fernando Silva, 47,2 s.; Dardo, Carlos Eufrásio, 61,80 m.; 5000 m., Carlos Lopes, 13 m. 46,8 s.; Comprimento, Abreu Matos, 7,09 m.; Estafeta 4x100 m., Benfica (Abreu Matos, Mena Antunes, Carlos Cardoso e Fonseca e Silva), 42,3 s.; 400 m. bar., Alberto Matos, 52,4 s.; 200 m., Fernando Silva, 21,7 s.; Peso, José Luís Fernandes, 15,88 m.; Vara, Joaquim Serra, 4,60 m.; Estafeta 4x400 m., Sporting (João Pacheco, José Carvalho, Fernando Mamede e Francisco Pinto), 3 m. 23,5 s.; Triplo salto, Júlio Fernandes, 14,14 m.; 3000 m. obst., Vasco Pereira, 9 m. 08 s.; Martelo, Carlos Sustelo, 59,16 m.; 800 m., Carlos Cabral, 1 m. 51,1 s.

FEMININOS: 100 m., Júlia Moisés, 12,6 s.; Peso, Fernanda Gonçalves, 9,84 m.; 400 m., Filomena Vieira, 59 s.; Comprimento, Manuela Simões, 5,03 m.



Aí está ele, Carlos Lopes, caminhando para o melhor resultado de sempre do atletismo nacional. Não há rival para ele na prova da légua.



Em Moscovo, o embate é comentado publicamente. Aqui vemos Yuri Kotkov, «grande mestre», explicando a atento auditório o modo como Spassky embargou, ontem, a vitoriosa marcha de Fischer.

Mundial da Corunha

Triunfo do melhor e está tudo dito

Afinal, eram infundadas todas as esperanças lusitanas na reconquista do título mundial de hóquei em patins: porque a selecção espanhola mostrou bem claro que continua a ser a melhor, não se adivinhando adversário que consiga batê-la, dentro ou fora do seu território. Contra força não há resistência: e o ditado ficou uma vez mais demonstrado, perante a magnífica lição dada por Nogué e os seus companheiros, que arrecadaram, só pela vitória sobre Portugal, um prémio particular e especial de cem mil pesetas (45 contos).

Durante o torneio da Corunha, a selecção portuguesa apenas conseguiu efectuar uma exibição de gala: foi contra a Holanda, já que a goleada conquistada frente à Austrália não pode ser considerada face à categoria do adversário. Em todos os restantes encontros, a selecção portuguesa nunca se encontrou verdadeiramente, tendo arrancado algumas vitórias (contra adversários sem o mínimo de categoria), mercê do valor ímpar de alguns dos nossos jogadores, exímios no trabalhar da bola. Muita coisa pode explicar o inéxito da nossa representação no «XX Campeonato do Mundo de hóquei em patins». No entanto, antes de analisarmos as exibições do nosso «cinco» no ringue da Corunha, passemos em revista as restantes selecções, já que nada há melhor do que o sono tranquilo, para esclarecer dúvidas e evitar juízos precipitados...

A LUTA DOS ÚLTIMOS

Três selecções viajaram até à Corunha com o único objectivo: não ficarem na última posição. Realmente, logo na jornada inaugural, o Japão, a Nova Zelândia e a

sobre o gelo), não podia ficar atrás da Nova Zelândia, da Austrália e do Japão. A sua velocidade surpreendeu muitas selecções de maior categoria, sendo uma delas a portuguesa. Daí o considerar-se como certa a classificação final. Vem depois um lote de quatro selecções: cada uma com as suas características, cada qual com o seu modo de jogar e deixar jogar. A Xélgica terá desaprendido alguma coisa, enquanto a Holanda continua a viver do fôlego de Holtoff. Todavia, nesta selecção começam a surgir dois pequenos «monstros», criados à imagem e semelhança de Holtoff: fois «miúdos» que vieram dos juniores, e que irão dar muito que falar. Chile e Argentina vieram ver como era (cá na Europa), para se prepararem para lá (América do Sul). Das duas formações, a mais forte é a Argentina: não só porque nos venceu, mas, também, porque se classificou em terceiro lugar. Tem um hóquei já adulto e jogadores de boa craveira técnica. Ao contrário do Chile que, sem jogadores tão rodados e ricos tecnicamente, ficou um pouco mais atrás na pauta classificativa.

Por ORLANDO DIAS AGUDO

Austrália, demonstraram não possuírem as mínimas condições para discutir um lugar honroso na tabela final. Eles próprios (simpáticos e eternamente sorridentes) diziam terem realizado a viagem com o único objectivo de aprender. Daí que, nos jogos entre si, a luta para a fuga ao último lugar tenha entusiasmado o pouco público que se interessou pelo torneio. O mais fraco foi o Japão, que não somou um único ponto, tendo marcado tantos golos como o número de jogos que realizou. Austrália e Nova Zelândia, sem dúvida duas futuras potências do hóquei patinado, mostraram que já sabem alguma coisa, mas tendo ainda muito pouco aprender. No entanto, o entusiasmo e o interesse que têm podem fazer elevar o nível do seu hóquei, não nos admirando nada que daqui a seis ou oito anos surjam num torneio mundial para discutirem os lugares cimeiros.

A MEIO DA TABELA

Cedo se adivinhou também o «meio» da tabela classificativa: com uma ou outra alteração, resultante de uma ou outra surpresa, aos Estados Unidos (equipa que veio de frio, pois os seus elementos são praticantes do hóquei

A Alemanha nem sequer chegou a constituir surpresa: já o ano passado, no «euro-peu» de Lisboa, a selecção germânica tinha dado o sinal do seu avanço. Este ano, na Corunha, ractificou a impressão deixada em Lisboa. E, para o ano, o «europeu» será na sua terra, o que pode querer dizer muito ao «eterno predomínio» ibérico.

A Espanha renovou o título mundial. Da justiça deste triunfo fala por si só a vitória sobre Portugal. Continua com a mesma formação de há alguns anos, só que Nogué aprendeu todos os truques da modalidade. Villalonga defendeu-se quando a velocidade ameaça surpreendê-lo. Villa sabe puxar o adversário para a tabela lateral onde o despieque sempre o favorece. E Sabater, na hora da despedida, continua a ter a utilidade dos velhos tempos: enquanto Garcia nem sequer foi chamado a utilizar todos os seus recursos. Dura, a selecção espanhola? Sem dúvida que sim, mas isto do hóquei em patins tomou o caminho da dureza e a Espanha só fez aquilo que era mais indicado: aproveitar.

Falta a selecção portuguesa. Para falarmos dela, vamos conversar com o travesseiro, pois há muita coisa que merece reflexão...

FUTEBOL E BIGAMIA: Gustavo Pena, «capitão» da selecção mexicana de futebol, foi preso e acusado de bigamia quando a equipa ia partir numa digressão pela América Latina. A detenção, no Aeroporto Internacional da Cidade do México, deixou espantados os colegas de Pena e este declarou que a acusação era uma intriga. A polícia disse que a queixa era apresentada pela senhora Consuelo Perez Domingue de Pena, filha do toureiro Silvério Perez. Pois Gustavo Pena ficou no México e os seus companheiros partiram para a Costa Rica, onde vão disputar o primeiro jogo da digressão.

VELA: José Manuel Quina classificou-se em 6.º lugar, com 34 pontos, na classe «fins» da prova pré-olímpica que se realizou em Travemuende (Alemanha Ocidental).

SETUBAL: Como reconhecimento do valor social e da força que representam os Jogos Juvenis, as forças vivas da cidade do Sado estão a dar o maior apoio à comissão organizadora da segunda edição dos jogos da juventude setubalense.

MADEIRA: Está a decorrer no Funchal a primeira fase de um curso de monitores de voleibol, que é orientado pelo prof. Manuel Puga. Também de 4 a 21 deste mês, na mesma cidade, se realiza um curso de andebol cuja direcção técnica foi confiada a José Machado da Costa.

HÓQUEI EM PATINS: A Federação de Patinagem resolveu adiar para o dia 11 do corrente a jornada do Campeonato Metropolitano da I Divisão em virtude de alguns dos clubes interessados na prova terem tido jogadores integrados na selecção nacional.

MULHER DE FORÇA: A atleta soviética Faina Melnik bateu o seu próprio «record» mundial feminino no lançamento do disco com um arremesso de 66,76 metros. O anterior máximo era de 65,48 metros.

PUGILISMO: Bill Brennan, presidente da Associação Mundial da modalidade, declarou

que vai recomendar a realização de um combate-desforra entre o campeão mundial dos pesados (Joé Frazier) e o presidente Muhammad Ali (Cassius Clay). O presidente alega que Frazier não põe o seu título em jogo contra o seu principal opositor e que já é tempo de o fazer, pois todo o mundo está à espera de tal combate...

ESPINHO: O Sporting local começa hoje os trabalhos de preparação com vista ao «Nacional» da II Divisão. O treinador Monteiro da Costa conta com alguns reforços, entre os quais se contam o ponta de lança Augusto (ex-Vianense) e Soeiro (ex-Boavista), os quais já firmaram contrato com o clube da Costa Verde.

ANGOLA TERÁ HÓQUEI: Com a presença de equipas da Metrópole, de Angola e de Moçambique, haverá em Luanda, de 14 a 18 do corrente, um torneio quadrangular de hóquei em patins, comemorativo do cinquentário da fundação do Sport Luanda e Benfica. O calendário dos jogos, a disputar no Estádio Henrique Miranda, é o seguinte:

Dia 14: Sport Luanda e Benfica — Spot Lisboa e Benfica — Futebol Clube de Luanda — Desportivo de L. Marques.

Dia 15: Sport Lisboa e Benfica — Futebol Clube de Luanda e Grupo Desportivo do B. C. A. — Sport Luanda e Benfica.

Dia 16: Futebol Clube de Luanda — Sport Luanda e Benfica e, Desportivo de Lourenço Marques — B. C. A.

Dia 17: Futebol Clube de Luanda — B. C. A. e, Desportivo de Lourenço Marques — Sport Lisboa e Benfica.

Dia 18: Sport Luanda e Benfica — Desportivo de Lourenço Marques e Sport Lisboa e Benfica — B. C. A.

JOGOS OLÍMPICOS: Na edição de 1972 participarão 23 nações. Até agora as únicas potências que recusaram a sua comparência foram o Zaire, a Jordânia e o Iraque. Não deram ainda resposta definitiva a Guiné, Honduras, Ilha Maurícia, Paraguai e República Centro Africana. Entretanto, decorrem negociações no sentido da participação da Zâmbia, Iémen e Somália.

«VAURIENS» EM AVEIRO: Nos dias 19 e 20 próximos decorrerão ao largo da Torreira, na ria de Aveiro, as provas referentes ao Campeonato Nacional de Juniores desta classe.

REMO: A Checoslováquia ganhou a medalha de ouro na final de «quatro com timoneiro» dos Campeonatos Mundiais Juvenis que estão a decorrer em Roma. A Rússia obteve a medalha de prata e a Alemanha Ocidental a de bronze.

CICLISMO: Fernando Freira (da Coelima) foi o vencedor da prova «Indústrias Couto» que se realizou em estradas do distrito de Aveiro e Porto. Joaquim Andrade voltou à estrada e conseguiu o 24.º lugar. O atlético da Malveira (por equipas) e o benfiquista Valdemar de Sá foram os triunfadores do «Grande Prémio Laranjina C».

TÊNIS INTERNACIONAL: O jugoslavo Juvanovic foi o vencedor dos «Campeonatos Internacionais de Portugal» que terminaram nos «courts» do Jamar. A vitória em senhores pertenceu a Katia Ebingerhaus. Os portugueses José Vilela e Alfredo Vaz Pinto tiveram bom comportamento.

HOMENAGEM: Por motivo da subida do Atlético Clube de Porto Salvo à II Divisão da Associação de Futebol de Lisboa, uma comissão organizou um almoço na sede da Sociedade Instrução Musical da localidade, em que foram homenageados os jogadores, treinador e conselheiro técnico do clube.

HIPISMO: Vai realizar-se, nos próximos dias 9, 10, 11, 12 e 13, em Matosinhos, um «curso de saltos nacional», organizado pela comissão municipal de turismo daquela vila.

FUTEBOL: Jáuca firmou compromisso com o Arouca. Será treinador-jogador. Entrando, a Oliveirense pretende Joaquim Quinzinho, que pertenceu ao «plantel» das Antas. O Penafiel reforça-se com Alberto (F.C. Porto) e Teófilo (Leixões). ara o Agueda, um «internacional»: Estevão, que sai do Belenenses. E, ainda, Sucena: que alinhou pelo Futebol Clube do Porto. O Vilanovense, para não ficar nas covas, contratou Naftal (Marinhense) e Armindo Teixeira (Riopele). Por último registou-se o contrato de Valente (F.C. Porto) e Oliveira (União de

BALANÇO

Continuação da pág. 16

influência tem na baixa agora detectada. Por outro lado o sector do calçado apresenta um aumento considerável.

EXPORTAÇÕES — O valor das exportações, no ano passado, para a zona do escudo foi de 4052000 contos, com a seguinte distribuição: Metrópole, 3662000; Moçambique, 214000; restantes províncias, 390000 contos.

As vendas efectuadas com destino ao estrangeiro atingiram 7466000 contos, assim repartidos: Comunidade Económica Europeia, 1642000 contos (Alemanha Federal, 320000; Bélgica-Luxemburgo, 125000; França, 194000; Holanda, 910000; Itália, 930000; EFTA, 572000 contos (Reino Unido,

178000 e Dinamarca, 408000); Estados Unidos, 2380000 contos; Japão, 1193000; África do Sul, 162000; Espanha, 404000; Canadá, 589000; Zaire, 144. Diversos fornecimentos à navegação renderam 270000 contos.

O valor global das exportações cifrou-se em 18232000 contos, tendo-se destacado, entre os mercados estrangeiros, as que foram canalizadas para os Estados Unidos, Japão e Canadá que, em conjunto, totalizaram 35,3 por cento das vendas promovidas por este Estado. Quanto ao primeiro país, sobressai a aquisição de café angolano, com mais de 600000 contos; e ao segundo, as vendas de ferro e de ramas de petróleo.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

O Desportivo da Gafanha não concorda com a proposta do Sporting para ficar com os seus três juniores Teixeira, Costa e Balacó. Só o jogo, não. Antes dinheiro e um ou dois jogadores.

Está em Lisboa o futebolista brasileiro Roberto Abruszezze, que pretende jogar em Portugal. O seu destino era a Holanda, mas cre que pode ficar por cá. Jogou no Flamengo, no Botafogo, representou clubes da Guatemala, Honduras e México. E diz que é bom «artilheiro».

Ramim, novo treinador do Beira-Mar, é apresentado amanhã aos seus novos dirigidos. O clube tem ainda contratos a renovar com César, Soares, Eduardo, Colorado, Cleo, Almeida, Baixa, Adé e Alemão.

O Belenenses parece ter assegurado o concurso de David, promissor futebolista do Ferrovário de Luanda.

O F. C. Porto tem uma nova «vedeta»: é Manuel José Muxima Júnior, um jovem de 14 anos que pertencia às escolas do Desportivo de Lourenço Marques, onde foi orientado por Perdigão.

A Suécia e a Rússia empataram a quatro golos num encontro particular realizado em Estocolmo.

O Espinho reforça-se. Já firmou contratos com Soeiro, Augusto, Luz e Bulhosa, os quatro do Boavista que foram trocados por Acácio.

O Caldas terminou a sua digressão pela América, tendo alcançado uma vitória por 5-1 e uma derrota por 4-3 nos seus dois últimos jogos. No jogo da vitória alinham: Balacó (Ferreira); Roxo, Américo, Moreira e Rijo (Ulisses); Romário e Vasco (Domingos); Sena, Lima, Figueira e Orlando. Os golos foram marcados por Lima, (2), Sena, Figueira e Orlando.

O PARAÍSO DOS FUMADORES



EVE

É um cigarro diferente

EVE

O cigarro ao sabor do seu paladar

A VENDA NAS
**BOAS
TABACARIAS**

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Effect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	443\$	443\$	—
Cons. 3	483\$	482\$	485\$
Cons. 3 1/2	—	562\$	—
Centenários	1.274\$	—	1.274\$
Tes. 5 % 57	1.000\$	1.000\$	—
Tes. 5 % 59	—	1.000\$	—
Extern. 1.ª s.	—	614\$	650\$
Extern. 3.ª s.	—	819\$	800\$
Extern. 3.ª s.	—	—	820\$
Caut. 3.ª s.	—	—	—

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx. 6 %	—	950\$	—
C M L 5.3/3	—	990\$	1.000\$
C P 5.5 %	67	950\$	—
C P 5.5 %	68	950\$	—
C P 5.5 %	69	950\$	960\$
Corr. 5.3/4 %	—	905\$	890\$
Metr. 5.3/4 %	—	970\$	960\$
Tur. 5.3/4 %	—	985\$	1.000\$
C P 63/4	—	1.010\$	1.020\$

ELECTRICAS

G 5 %	58	830\$	850\$
G 5 %	59	830\$	840\$
G 5 %	62	—	—
G 5 %	63	—	—
G 5 %	64	—	—
G 5 %	65	—	970\$
G 6 %	67	920\$	945\$
G 6 %	69	—	—
G 7 %	—	1.022\$	1.024\$
H. E. C. 5 %	—	805\$	—
H. E. C. 6 %	—	740\$	—
H. E. D. 5 %	—	—	745\$
H. E. N. P. 5 %	—	900\$	—
H. E. S. E. 5 %	—	790\$	—
H. E. S. E. 5 %	—	940\$	—
H. E. Z. 5 %	57	—	930\$
H. E. Z. 5 %	—	920\$	—
N. Elec. 5 %	—	770\$	780\$
N. Elec. 6 %	—	—	—
Termoelec. 5 %	—	—	750\$
U. E. P. 5 %	60	—	750\$
U. E. P. 5 %	63	—	—
U. E. P. 6 %	—	—	—

DIVERSAS

A. P. T. 5 %	58	—	900\$
A. P. T. 5 %	58	—	900\$
Lisnave 6 %	—	960\$	—
Nitratos 60	—	—	—
Pet. 2.ª 3.ª	—	880\$	—
Sacor 7 %	—	1.022\$	1.025\$
Sacor 5 %	54	940\$	—
Sacor 5 %	60	830\$	—
Sid 5 %	2.ª	—	—
Sid 5 %	3.ª	—	—
Sid 5 %	4.ª	—	—
Socel. 5 %	—	900\$	—
U. Fabril 67	—	—	—
U. Fabril 68	—	—	925\$

ULTRAMARINAS

Carbon. 5 %	—	—	—
Rev. 5 % 57	—	—	—
Rev. 5 % 59/60	—	—	—
Moçamb. 5 %	—	795\$	800\$
Sonete 5 %	—	—	—

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.950\$	5.950\$	—
Alentejo	1.750\$	1.745\$	1.755\$
Angola	3.800\$	3.780\$	3.800\$
Cred. Predial	6.450\$	6.400\$	6.470\$
Esp. Santo	10.800\$	10.750\$	10.850\$
Forgento	4.950\$	4.950\$	5.000\$
F. & Burnay	—	2.000\$	45.000\$
N. Ultr. m.	5.800\$	5.750\$	5.800\$
N. Ultr. c.	6.750\$	6.720\$	6.850\$
Portugal n.	—	4.400\$	4.800\$
Portugal p.	—	6.000\$	6.100\$
P. Atlântico	11.450\$	11.350\$	11.450\$
Totta Açores	6.430\$	6.420\$	6.450\$
Algarve	2.200\$	2.190\$	2.200\$
Borges & Irmão	9.000\$	9.000\$	9.100\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	31-7-72	4-8-72	7-8-72
GERAL	189,6	191,7	194,8
METROPOL	193,6	193,3	199,8
ULTRAM	160,4	158,0	158,2

De Seguros

Alentejo	145\$5	145\$	145\$5
Bonança	—	16.000\$	—
Imperio	—	16.000\$	—
Mundial	1.340\$	1.335\$	1.340\$
Soberana	—	1.720\$	1800\$
Tranquilidade	—	90.000\$	—

Electricas

C P E P	1.101\$	1.101\$	1.102\$
C P E n	1.085\$	1.082\$	1.090\$
E Beiras	1.750\$	1.740\$	1.760\$
G Elec c	335\$5	335\$5	336\$
H E A A	161\$	160\$5	161\$5
H E N P	—	230\$	240\$
H E S E	—	—	—
U E P	193\$	192\$	194\$

Ultramarinas

Ag Casseque	1.090\$	1.090\$	1.100\$
Ag Incomat	2.500\$	2.400\$	—
Ag S T e P	—	—	—
Ag Angola	—	175\$	185\$
Ang Agric	—	—	—
Boror	—	—	—
Boror Com	—	—	—
Buzi	—	78\$	81\$
Cabinda	—	—	135\$
Com Lobito	685\$	680\$	685\$
D A T 100	1.820\$	1.820\$	1.830\$
H E Revue	—	—	—
I do Princ	—	—	—
Moçambique	—	—	160\$
Sonete n	400\$	390\$	—
Sonete p	420\$	418\$	420\$
Zambezia	—	59\$	—

Diversas

Ag Lx. ant.	—	440\$	—
Ag Lx. 34	—	415\$	440\$
Ag Lx. 36	—	405\$	—
Cel. Guadiana	—	5.000\$	5.250\$
C. Leiria p.	—	6.300\$	6.500\$
C Tejo p.	—	14.300\$	14.500\$
F. Ramada	1.270\$	1.265\$	1.270\$
Fornos Elect.	—	138\$	139\$
P Celulose	—	4.050\$	—
Siderurgia p.	4.440\$	4.430\$	4.450\$
Siderurgia n.	—	2.960\$	3.000\$
Socel	—	3.600\$	3.650\$
Cidra	7.700\$	7.650\$	7.700\$
C. U. F.	—	2.850\$	2.900\$
Intar	595\$	595\$	600\$
Nitratos	995\$	990\$	995\$
Petroquímica	990\$	—	1.000\$
Sacor	3.700\$	3.650\$	—
Tab. Portugal	2.900\$	—	3.000\$
Tabaqueira	7.800\$	7.750\$	7.850\$
U. F. Azoto	757\$	755\$	757\$
Empor	—	205\$	—
Ind. Aliança	—	—	—
I. P. Colón	900\$	895\$	900\$
Nac. Naveg.	—	—	3.500\$
Naveg. (Col.)	—	1.930\$	2.000\$
P. Pesca	—	950\$	975\$
Matur	—	1.000\$	1.200\$
R. Marconi	2.050\$	—	2.050\$
TAP	1.289\$	1.289\$	1.290\$
Compai	—	650\$	700\$
Salvor	—	—	1.500\$
Penina	—	—	900\$
Grão-Pará	—	—	—

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAÍSES

	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	—	33\$00
Alemanha Marco	8\$35	8\$65
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina Peso Novo	—	—
Austria Schilling	1\$16	1\$21
Bélgica Franco	\$60	\$63
Brasil Cruzeiro	\$50	\$50
Canadá Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca Coroa	\$370	\$400
Espanha Peseta	\$41,5	\$43,5
França Franco	\$545	\$575
Holanda Florim	\$525	\$555
Inglaterra Libra	65\$00	68\$00
Itália Lira	\$043,5	\$047
Marrocos Dhran	\$510	\$560
Noruega Coroa	\$395	\$425
Suécia Coroa	\$555	\$585
Suíça Franco	7\$05	7\$30

Ouro

Inglaterra Libra Isabel	470\$00	500\$00
Inglaterra 1/2 Libra	380\$00	400\$00
Ouro fino Barra	57\$00	62\$00

BANCO DO ALENTEJO



GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18 - Telex 328045
Rua do Ouro, 52 - Telex 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.50)
«Os Pioneiros da Pintura Moderna»
Edvard Munch (1863-1944)

1.º Programa (22.00)

Noite de Cinema

«Os Dez da Legião»
Filme de grande metragem com Burt
Lancaster, Jody Lawrence e Gilbert Ro-
land



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados	13.00 O dinamismo da mulher contem- porânea
13.15 Sarilhos no ar	13.45 Teletexto 1.ª edição
13.45 Teletexto 1.ª edição	14.00 O livro à procura do leitor
14.15 Entre Munique e Kel	14.30 Logo à noite
2.º Período	2.º Período
19.30 Teletexto 2.ª edição	19.45 Cariz TV
20.00 Porta aberta	20.30 Povo que canta
21.00 Na terra do arco-íris	21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 O jogo do galo	22.30 Os pioneiros da pintura moderna
23.55 Teletexto 3.ª edição	24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

21.00 Um dia com...	21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 Noite de cinema Os Dez da Le- gião	23.15 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa	1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados	13.00 O dinamismo da mulher contem- porânea
13.15 Sarilhos no ar	13.45 Teletexto 1.ª edição
14.00 O livro à procura do leitor	14.15 Entre Munique e Kel
14.30 Logo à noite	2.º Período
19.30 Teletexto 2.ª edição	19.45 Cariz TV
20.00 Porta aberta	20.30 Povo que canta
21.00 Na terra do arco-íris	21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 O jogo do galo	22.30 Os pioneiros da pintura moderna
23.55 Teletexto 3.ª edição	24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e sarilhos no ar	21.00 O livro à procura do leitor
21.15 Desenhos animados	21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 Carta de Espanha	22.15 Paul Temple
23.10 Vivendo o futuro	23.15 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6227

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco predominando de Oeste e havia neblina e caíam chuviscos em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	18°
P. DOURADAS	14°
Coimbra	19°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	21°
FARO	24°

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

máxima	23,5°
PENHAS DA SAÚDE	—
ninima	10,6°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,3°C
Atmosfera	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.28 3,6 m	8.08 1,0 m
14.48 3,9 m	20.43 0,8 m

Dia 8

3.18 3,8 m	8.54 0,9 m
15.36 4,1 m	21.27 0,7 m

Dia 9

4.03 3,9 m	9.36 0,8 m
16.20 4,2 m	22.07 0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nu-
blado; vento fraco; neblinas
matinais e períodos de chuvisco.

AMANHÃ

Nascer às	6.41
Ocaso às	20.44

Dia 9 Dia 17 Dia 24 Dia 31



23.00 Noticiário, Programa à Gô-Gô (continuação)	0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonpol	2.00 Perspectiva
3.00 Fecho	

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros,
n.º 2 (Tel. 638249)

ALCANTARA
Lealada, Rua do Olival, 226
(Tel. 663441); Nogueira, Rua
da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da
Praça, 26 (Tel. 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (Tel.
843381)

ALVALADE
Carvalho, Av. da Igreja, 21-C
(Tel. 776358); Brisa, Ave-
nida Rio de Janeiro, 66-A
(Tel. 722368); Nova Lisboa, R.
Guilhermina Suggia, 12 (Tel.
727721); Aviz, Avenida de
Roma, 56-B (Tel. 715370)

AMOREIRAS
D. João V, R. D. João V,
16-C (Tel. 682772)

ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de
Avila, 25-31 (Tel. 47088)

AREIRO
João XXI, Av. João XXI,
16-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho
n.º 10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7
(Tel. 468508)

AVENIDAS NOVAS
Galeno, Av. Oscar Monteiro
Torres, 38-A (Tel. 774920);
Avenidas, Avenida da República,
27-A (Tel. 533688); Fa-
tima, Av. 5 de Outubro,
147-A (ao cruzamento da
Av. Barbosa do Bocage)
(Tel. 763107)

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mar-
del, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedo, R. da Misericor-
dia, 24 (Tel. 323540)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascensão, Praça do Norte
11 (Tel. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 46858); Americana, Cal-
çada de Santana, 3 (Tel.
863984)

BELEM
Remisio, Rua dos Jerónimos
14-C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, Rua Claudio Nunes,
73-A (Tel. 703393); Sou-
za, Estrada de Benfca,
429 (Tel. 780027)

BOA HORA
Sopel, Calçada da Boa
Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Gomes, Rua Rodrigo da Fon-
seca, 101-A (Tel. 682333);
Pátria, Calçada dos Mestres
30-A (à R. das Amoreiras)
Tel. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazu-
32-B (Tel. 671667); Castro,
Rua Quatro de Infantaria,
28-A (Tel. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves
Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cor-
deiro, 2-A (Tel. 52076)

ESTEFÂNIA

Estefânia, R. zpascoal de
Melo, 90 (Tel. 44438)

GRAÇA

Santo António, R. Leite de
Vasconcelos, 72-C (Tel.
862333)

LAPA

Central, R. dos Navegantes,
10 (Tel. 661734)

LUMIAR

S. Tomé, Estrada do Des-
vio, lote 12-C (Tel. 790704);
Alameda, Alameda das Lin-
has de Torres, 201-B (Tel.
790942)

MOURARIA

Bastos, Calçada de Santo
André, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS

Nova, Rua E. 1, Lote 469
(Olivaes Sul) (Tel. 316402)

PENA

Americana, Calçada de San-
tana, 3 (Tel. 863984)

PENHA DE FRANÇA

Carrondo, R. Padre Sena de
Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA

Luzmar, R. João Nascimen-
to Costa, 16-A (Tel. 728395-
720703)

SANTA CATARINA

Combro, Calçada do Com-
bro, 78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE

Marçal, Rua de S. Marçal,
100 (Tel. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Aguir, Av. Columbano Bor-
dado Pinheiro, 98-A (Tel.
768343-764629); Bairro Azul,
Avenida Ressano Garcia,
7-A (Tel. 51451)

S. VICENTE

Rosa e Viegas, R. de S. Vi-
cente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS

Salter, R. de Xabregas, 63
(Tel. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Combatentes, Av. Comb. G.
Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS

Nova, Rua Bernardim Ribe-
ro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pin-
to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Oeiras, L. Henrique Paiva
Couteiro (Tel. 2430485)

PAREDE

Macau, R. José Elias Gar-
cia, 60-C (Tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL

Costa, Av. Sabeia, 29-B
(Tel. 260085)

CASCAIS

Misericórdia, R. Regimento
19,41 (Tel. 280141); Cascais,
R. Conde Monte Real-B.
Caixas (Tel. 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos de
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (Tel. 224250)

ALMADA

Central, R. de Olivença, 11
(Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional,
221-B (Tel. 224141)

BARREIRO

Higiénica, R. D. Manuel I,
178 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE

Imperio, R. Cabo da Boa Es-
perança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA

União Moitense, Av. Dr
Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO

Higiénica, R. José Joaquim
Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis,
67 (Tel. 229028)

SETÚBAL

Soromenho, P. Machado
Santos (Tel. 22691); Alice,
P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51
(Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); Flama, R.
Elias Garcia, 78-B (Tel.
932485); Confiança, Av. D.
Nuno Álvares Pereira, 15-A
(Tel. 938149)

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gus-
mão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151
(Tel. 95004); Queluz, Av. Mi-
guel Bombarda, 123-A (Tel.
951841)

CACÉM

Garcia, Av. dos Missio-
nários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS

Martins, Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456)

SINTRA

Marráz, L. Rainha D
Amélia, 20 (Tel. 980391)

COLARES

Abreja, (Tel. 299088)

PORTO

SUB-TURNO A

Canavaro, R. da Restauração, 53;
Constituição (da), Rua da
Constituição, 93; Ferreira de
Carvalho, Rua do Bonjar-
dim, 354; Oriental, Rua do
Bonjardim, 727; Padrão, Lar-
go do Padrão, 342; Ramos,
Pr. Exérc. Libertador, 91

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda. R. de Cedofeita,
125; Lidade (do), Rua do Li-
dador, 171; Parente, Rua
das Flores, 114; Sousa Soa-
res, Rua de Santa Catarina,
141; Vitória, Rua de S. R.
da Lameira, 756

COIMBRA

Montes Claros, R. Dr. An-
tónio J. Almeida, 69 (tel.
25904); Viegas e Coelho,
R. da Sofia, 19-21 (tel.
22089); Higiénica, Rua Fer-
nandes Tomaz, 4 (tel.
22634)

cinemas

cinemas

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 e 21.30
Grupo B (10 anos)
Novamente A REVOLTA NA
BOUNTY com Marlon Brando
e Trevor Howard
No écran gigante em 70 m/m.
SATÉLITE (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 3ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PA-
RA ADULTOS. Uma realiza-
ção de Eiji Yamamoto.

ROMA (Tel. 727778)

15.30-21.45
(Grupo D 18 anos)
Audiência, bruto, e drama-
tico. MEMÓRIAS DE UMA
ALCOVITEIRA com Julian Ma-
nus, Elisa Ramirez, Amélia d.
La Torre. Eas-mancolor

EDEN (Tel. 320768)

15.30-18.30-21.45
(Grupo B 10 anos)
"FORMULA 1" com Brad Har-
ris, Olinka Berova e Graham
Hill

ODEON (Tel. 326283)

15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
25ª Semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICA-
DINHO DO 5.º, com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de
Fustemberg e Isabel Garcés.

BERNA (Tel. 776098)

Hoje às 15.15 e 18.30
Grupo A (6 anos)
Um filme dedicado às crian-
ças. O LADRÃO DE BAGDAD
de Alexander Korda com Sabu,
June Dupey e Conrad Vodi
(Technicolor)
21.45
Colorido
Grupo C (14 anos) 2ª Semana
O amor e a vida no ponto de
separação de duas épocas A
GRANDE FUGA, com Lyndmilia
Savelyeva e Mikhail Bataion
Technicolor (ar condicionado)

TIVOLI (Tel. 717480)

15.15 e 21.30
Grupo A (8 anos) 72ª Semana
O maior êxito de sempre. MU-
SICA NO CORAÇÃO, com Julie
Martin e Christopher Plummer
70 m/m Technicolor (Ar con-
dicionado)

VOX (Tel. 720808)

15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2ª Semana
Eas-mancolor
O Reino do terror alarga-se
AS CICATRIZES DE DRACULA
com Christopher Lee.

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
28ª Semana. O filme do ano
TRINITY (COW-BOY INSOLE-
TE, com Buel Spencer e Te-
rence Hill.

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
Technicolor. Uma surpreen-
dente história de suspense.
A MORTE CHEGA DO PAS-
SADO, com David McCallum e
Susan Strasberg. (Ar condi-
cionado).

POLITEAMA

15.15-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos))
Uma irracional vingança com fi-
rreidade CHAMAVAM-LHE REI
col com Klaus Kinski.

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15 e 21.45
Um filme de Marcel Carvé.
Rolf Valon e S. S. S. S. S.
gnore. "TERESA RAQUIM"
(Metro-Alvalade)

LYS (Tel. 48560)

15.00-21.00
(Grupo B 10 anos)
Yul Brynner em "ADEUS SA-
BATA" em continuação de es-
tória em complemento "O PE-
QUENO BANHISTA".
(Metropolitano Intendente)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Anthony Quinn e Virna Lisi em
A 25ª HORA
Metro Alameda

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
6ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS.
O melhor filme de todos os
tempos de Orson Welles.
Metro Alameda

CONDES (Tel. 322523-326710)

15.15-21.15
3ª Semana
Agora para maiores de 14
anos "E TUDO O VENTO
LEVOU" com Clark Gable
Vivien Leigh, Leslie Howard
e Olivia de Havilland
O filme começa a ser pro-
jectado 10 minutos depois
do início das sessões.

S. JORGE (Tel. 54152/4)

15.15-18.15-21.30
(Grupo D 18 anos)
Claude Lelouch triunfa com
"SMIC SMAC SMOC". Uma
obra-prima de malícia e bom
humor com Catherine Fran-
gret, Charles Gérard e Fran-
c. L. Em c. o. p. l. m. n. o.
"IRAO".

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C (14 anos))
2ª S. m. a.
Uma sátira dirigida aos com-
putadores "MILHÕES ESCAL-
DANTES" com Peter Ustinov,
Maggie Smith e Kar Malden
Metrocolor

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 e 21.00
(Grupo D 18 anos)
"O JARDIM ONDE VIVEMOS".
Colorido com Dominique San-
da e Helmut Berger em com-
plemento "A LOBA SOLITÁ-
RIA".
(Metropolitano Arroios-P. Chile)

EUROPA (Tel. 661130)

15.15 e 21.30 (Grupo D 18 anos)
Em continuação Hayley Mills
e John Mills em "ESTE DIFI-
CIL AMOR".

CASINO ESTORIL

17.00 e 21.30
(Grupo B 10 anos)
"Sim, Sr. Hulot".

APOLLO 70 (Tel. 763319)

15.00 - 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2ª S. m. a.
Eas-mancolor
Um filme de Orson Welles
HISTÓRIA IMORTAL, com Or-
son Welles e Jeanne Moreau
(Ar condicionado)

ROYAL (Tel. 855037)

15.00-21.00
Um filme extraordinariamente
movimentado "ÓDIO VELHO",
c/ Charles Bronson, James
Mason e Alberto Sordi. Em
complemento "UMA CARREI-
RA SENSACIONAL". Scopco-
lor.

LONDRES (Tel. 731313)

14.15-16.30 18.45 e 21.45
(Grupo C (14 anos))
14ª Semana
MELODY.
Venha ver como começamos
a amar com Mark Foster,
Jack Wild e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encontro
gastronómico

outros espectáculos

LISBOA/Cinemas

RESTELO

21.00 (18 anos)
"A Organização"

CINEARTE

21.00 (18 anos)
"A Filha do Frankenstein"

PARIS

21.00 (18 anos)
"A Valsa do Medo"

MAYER

21.00 (18 anos)
"Eu sou a Natália"

OLÍMPIA

21.00 (18 anos)
"A Pele de um Malandro" e
"O telefone fatal"

JARDIM

21.00 (18 anos)
"O homem que não queria
matar"

ARCO-IRIS

21.00 (14 anos)
"Fúria de viver"

PROMOTORA

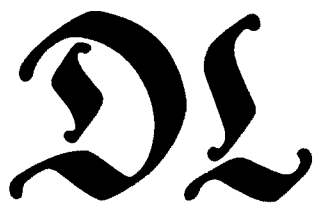
21.00 (14 anos)
"Guerra de malucos"

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Stadium
21.30 (14 anos)
"Não desejars o delicadi-
nho do 5.º"

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-192, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Conferência de Direito do Mar

Foi encarregada a Comissão Interministerial para o Estudo da utilização pacífica do Fundo do Mar, segundo a legislação em vigor, de preparar a representação portuguesa na II Conferência de Direito do Mar, a qual incluirá representantes dos Ministérios da Marinha, dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar e da Secretaria de Estado da Indústria.

A Comissão referida submeterá as suas conclusões à apreciação e decisão do Governo. Através do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

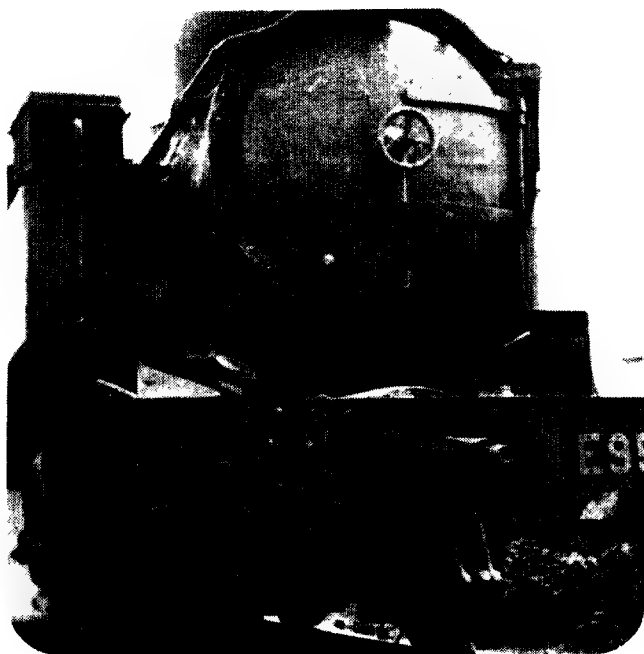
CURSOS MUSICAIS DA COSTA DO SOL

Integrada nos Cursos Musicais Internacionais da Costa do Sol começa hoje a funcionar uma classe de violoncelo, orientada por Maurice Eiseberg, de Nova Iorque. Esta classe prossegue até 7 de Setembro. Entretanto, outras classes se encontram já em funcionamento, ou terão início em breve. Estão neste caso as classes de canto, guitarra eléctrica e o curso Mozart, a começarem respectivamente em 28, 5 e 16 do corrente mês.

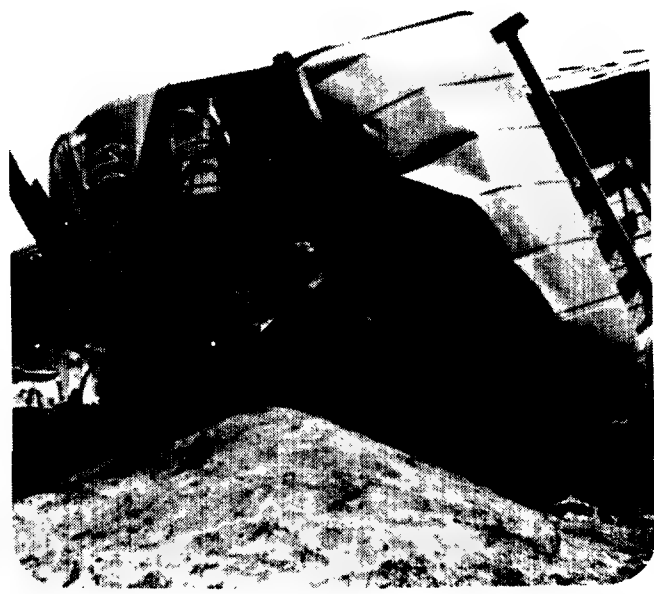
ROTARY CLUBE

Na reunião do Rotary Clube de Coimbra, presidida pelo sr. Alberto Mourão estiveram como convidados os srs. Carlos A. de Sousa, do Clube Rotário da Glória, do Rio de Janeiro e eng. Jacinto Silva, da Organização Mundial de Saúde, que fez um a interessante conferência, ilustrada com diapositivos, sobre «A República do Haiti».

O bolseiro da Fundação Rotária Portuguesa sr. Arménio Gomes agradeceu aos rotários o auxílio que lhe têm dado, com a bolsa recebida e que lhe tem permitido continuar os seus estudos.



Locomotiva da morte: um ligeiro arranhão do lado direito



A camioneta transformou-se num monte de destroços após o embate

AVEIRO: Passagem de nível matou três pessoas

Três pessoas morreram numa passagem de nível sem guarda, próximo de Aveiro. O maquinista vinha atrasado doze minutos mas nem por isso rolava com velocidade. Só deu pela camioneta, mesmo sobre passagem. Tudo indica que a grande causadora da tragédia foi, afinal, a passagem de nível.

Vivo aqui há mais de vinte anos e os maiores sustos da minha vida têm sido

com o comboio. Raro é o mês que não somos alertados com a possibilidade de uma tragédia. É de mais, é uma vergonha.

Estas palavras, são de Maria da Silva, que mora mesmo junto da linha e foi das primeiras pessoas a dar conta da tragédia que vitimaria João Nunes da Rocha, de 42 anos, comerciante no Solposto, e seu filho Rui Ribeiro, de 10, bem como David Simões da Loure, de 40, e que atiraria para o Hospital de Aveiro, em estado desesperado um outro filho de João Rocha, o pequenito Paulo Ribeiro, de 1 ano que, esta

manhã, ainda se encontrava em estado de meia coma, embora ligeiramente melhor em relação a ontem.

O fadário continua. São 3 as passagens de nível que compartilham a cidade de Aveiro lembra o nosso correspondente José Maria. Apertam-na, causando-lhe problemas de várias ordens. E até são causadoras de grandes tragédias, que se sucedem num ritmo impressionante. Mas continuam algumas delas sem guarda (quase todas as do Vale do Vouga) apenas assinaladas (mal) pelos marcos tradicionais. Na vanguarda dos acidentes está a do

Viso que, sendo ponto obrigatório da passagem de todos quantos se dirigem aos populares da Quinta do Gato, Areais, Solposto, da Presa e até de Oliveira, não tem qualquer resguardo. Agora foram três vidas que lá se perderam. Dois homens e uma criança. A lista aumentou mais. O que será preciso para que se ponha um travão a tal mortandade? Ninguém pode, em consciência, atribuir à falta de atenção todas estas tragédias.

A camioneta foi apanhada pelo «Vale do Vouga» ficando quase destruída voltada contra um poste telefónico, donde foi difícil retirar os seus ocupantes. Mais à frente, quase a 100 metros, imobilizado pelos estragos sofridos na máquina, o comboio fatídico.

Eu apitei forte e constantemente, afirmou o maquinista Filipe Paulino Correia Estava atrasado 12 minutos mas nem por isso vinha a andar muito. Só me apercebi da camioneta mesmo em cima da passagem de nível. Nada pude fazer e quase fui cuspidos da máquina. Tive uma sorte espantosa. Eu e o meu colega fogueiro. Lamento a tragédia, mas bem vê eu não tenho culpa».

A Direcção-Geral de Transportes Terrestre vai proceder a um inquérito.

estamos presentes em

FERREIRA DO ZÊZERE

O Banco Português do Atlântico, ao inaugurar a sua nova Agência na terra que Gualdim Pais povoou em 1156 e D. Manuel, em 1513, «fez vila sobre si» com o nome de Ferreira em Riba de

Ozêzar, põe também à disposição do público e das actividades económicas locais uma centena de estabelecimentos espalhados por todo o Continente e Ilhas Adjacentes.



BANCO

PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Apoio firme ao trabalho nacional

FESTIVAL EM PORTIMÃO DE CINEMA AMADOR

Promovido pelo Grupo Juvenil de Cinema, uma secção do Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, começa hoje em Portimão o II Festival de Cinema Amador daquela cidade. O Festival, que tem o patrocínio da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores e da delegação da União Mundial de Ci-

neastas Amadores de Oito Milímetros, inclui películas nos formatos 8, super 8 e 6 milímetros, nas categorias de «Enredo», «Documentário» ou «Fantasia». A 5 de Agosto será feita a proclamação dos vencedores, distribuição de prémios e exibição dos filmes melhor classificados.



AO IR PARA FÉRIAS

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR

MELHOR ESTABILIDADE

MELHOR DIRECÇÃO

MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

VERBUM

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Av. Duque de Loulé, 86
3.º Esq. Tel. 57413/51238

1 SEMANA LONDRES

POR APENAS 3350\$

Partidas: 5, 7, 11, 21 e 28
(Algumas datas esgotadas)

- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA DE LONDRES
- TODAS AS TAXAS
- ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU

NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 25/8

LONDRES — FIM DE SEMANA

DE 1 A 5/9 POR APENAS 2900\$

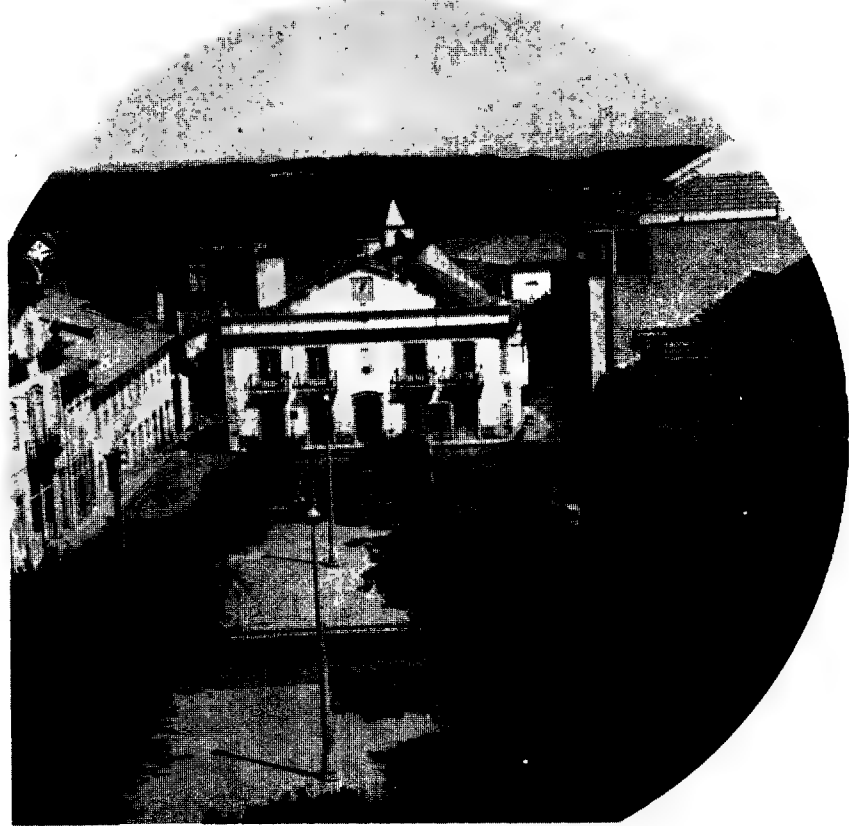
Em qualquer das partidas DESCONTO DE 10% para grupos de 10 pessoas

ORGANIZAÇÃO

abreu

FUNDADA EM 1950

P.O. Box — Av. Alameda, 207 — Telefone, 37921
1150-04 — Av. Liberdade, 140 — Telefone, 370021
COIMBRA — Rua da Seta, 2 — Telefone, 27011





CACANDO A BALEIA NO MAR CHUKCHI

ALASKA — Esther Kingik Bosta escreveu um bilhete à professora do seu irmãozinho: «Gussy não pode ir à escola por causa da pesca da baleia». Estaria fora seis semanas.

Corria o mês de Abril que marcava o começo da pesca da baleia nas

do de tensão e de entusiasmo entre os 400 habitantes da aldeia. Uma semana antes as mulheres já tinham revestido de pele de foca as leves carcaças dos barcos feitas de madeira flutuante e compensada. O padre chegou de trenó para abençoar as embar-

por um raio de sol. Os homens ergueram rapidamente as tendas prendendo as cordas a sólidos blocos de gelo. Utilizaram três pranchas de madeira compensada a servir de chão e um fogão improvisado em breve começava a deitar fumo que se escapava por um tubo montado no telhado de lona.

Lá fora soprava um vento agreste de Noroeste, tornando mais insuportável a temperatura abaixo de zero. Dentro da tenda, com lume assegurado por grandes pedaços de óleo de foca, bebíamos chá e esperávamos que o vento abrandasse. Os arpões e os dardos, simples armas para a pesca, remontando aos anos de 1860, estavam prontos a ser usados.

Bernard Nash, o nosso capitão, esperava aparentemente calmo mas num estado de tensão. Era o seu segundo ano como capitão e tinha que conseguir uma pesca boa. Era um excelente



caçador; fora arpoeiro a tripulação que matou a baleia maior até aí apanhada pelos homens de Point Hope e que media cerca de 200 m. No ano passado não acompanhou porém a sua tripu-

lação durante toda a época da pesca, pois aceitou um emprego na construção que o manteve afastado da aldeia.

O nosso técnico de gelo era Gus Kowuanna, um homem brincalhão e sempre bem-humorado. É um dos homens mais experientes e duros do Ártico. Da tripulação faz igualmente parte Sam Nash, filho de Bernard, a quem foi dado o nome do avô, famoso arpoeiro no seu tempo. Sam que durante toda a sua vida dedicara à leitura e passara 21 anos no gelo, era um bom elemento no manejo do remo. Bons remadores eram também

Kingik, Isaac Killigvuk, Norman Omnik e Morris Oviok — todos jovens, robustos e treinados no gelo desde a infância.

Gussy Kowuanna Jr. a criança de 13 anos que pedira dispensa da escola era o nosso «moço» e tinha o trabalho mais duro de todos. Transportava coisas de um lado para o outro, ficava a pé toda a noite a vigiar o fogão e fazia todos os trabalhos sujos. Como aprendiz de arpoeiro, receberia no entanto um quinhão de homem na matança da baleia. Sonhava que nesse ano ou no ano seguinte, ocuparia

Continua na pág. cinco

Por LAEL MORGAN

Exclusivo «The Washington Post»/DL

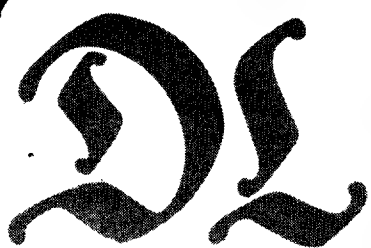
águas geladas do mar Chukchi, altura em que os esquimós arriscam a vida para armazenarem víveres — as baleias. Doze tripulações, o que resta de uma tradição com milhares de anos, disputam-se a partir nos seus barcos descobertos na direcção dos canais do Ártico em degelo, acampando em tendas de 3m por 4m erguidas no gelo traiçoeiro. Juntei-me a uma das tripulações como cozinheira.

O primeiro degelo verificara-se em 12 de Abril o que provocara um esta-

cações, a tripulação ajoelhou-se para uma oração em esquimó e depois de pronunciado o «Amen» final partimos.

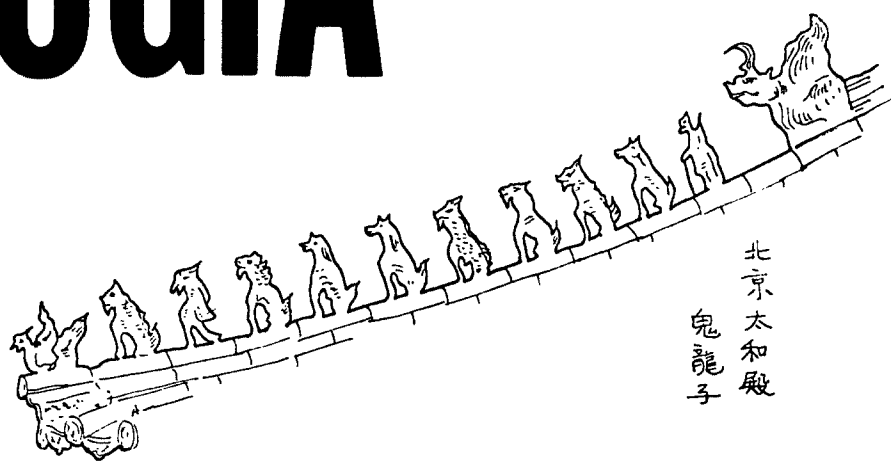
Os dois grupos de trenós puxados por cães perderam-se na distância transportando as pessoas e levando atrás de si os barcos e mantimentos.

O gelo é um mundo deserto, em constante mutação. O primeiro canal que se nos deparou foi uma linha estreita de água escura sobre o qual a névoa brilhava de vez em quando atravessada



MAGAZINE

A ARQUEOLOGIA NA CHINA POPULAR



北京太和殿
鬼龍子

Há alguns anos, os admiradores da arte chinesa receberam da China notícias que os alertaram. Jovens «guardas vermelhos», exortados a destruir tudo o que era antigo, atacaram as obras de arte da Antiguidade.

Provou-se, no entanto, ser infundado o receio quanto às relíquias, de preço incalculável, de uma das mais antigas civilizações do mundo. A revolução cultural diminuiu, os museus e coleções permaneceram, ao que parece, intactos e notícias da China revelaram um interesse renovado pelas coisas do passado.

Hoje em dia, a China atingiu um ponto culminante no plano da arqueologia. Desde a Academia de Ciências em Pequim até à escavação feita pelos camponeses em terrenos de irrigação, todos estão alerta quanto a achados de valor histórico.

A consequente e preciosa colheita de relíquias, que data do tempo de Confúcio, há cerca de 2.500 anos, inclui louças, vestuário, ferramentas, manuscritos, armas, ossos e até mesmo objectos em jade que eram en-

terrados juntamente com os mortos

Parte deste ressurgir constante na arqueologia deve-se ao aumento natural da construção. Muitas das relíquias são desenterradas, à medida que os chineses procedem a escavações para campos de irrigação, pontes e novas construções.

A ameaça soviética desenvolveu paradoxalmente o impulso cultural da China. Encontram-se relíquias valiosas durante as escavações destinadas à construção de alguns abrigos aéreos na maioria das cidades, particularmente a norte da China, durante os conflitos sino-soviéticos na fronteira, em 1969.

A mudança mais surpreendente reside, no entanto, no profuso reconhecimento das autoridades e na publicidade conferida aos achados arqueológicos. Contrariamente ao que se verificava há alguns anos atrás, a imprensa chinesa dedica agora relatos pormenorizados às escavações e descobertas.

As publicações editadas em Pequim em língua estrangeira descrevem as escavações e

reliquis e inserem fotografias coloridas das mesmas. As fotografias enviadas para o estrangeiro dão a conhecer aos outros países todas as recentes descobertas. Apareceu igualmente uma nova revista que se destina a manter o leitor a par dos progressos verificados neste âmbito.

Por
DONALD BREMNER

Exclusivo
«The Los Angeles
Times» DL

A enorme publicidade, em inglês e noutras línguas estrangeiras, é indicativa de que Pequim quer que o mundo se inteire de que os chineses comunistas preservam e incrementam a herança cultural que receberam,

o que constitui um aspecto importante dos movimentos da China no sentido de alargar os seus contactos internacionais.

Para o povo chinês, a ênfase atribuída à arqueologia constitui também uma importante mensagem. Está novamente na moda o estudo de objectos antigos.

Já se está muito longe da época em que tudo o que era antigo se tornava sinónimo de suspeito, quando os fanáticos revolucionários atacavam «as influências feudais e burguesas» na literatura, cultura e artes, sob acusação de que minavam o objectivo maoísta de uma colectividade impessoal.

Para os velhos chineses, dotados de um sentido histórico, este ressurgir da China no campo da arqueologia causa-lhes profunda satisfação.

«Alguns dos guardas vermelhos e dos extremistas pensaram que a história da China começou com a revolução cultural», disse um editor chinês, muito ligado ao sistema comunista, mas mantendo um profundo interesse pelo passado da China. «As dialécticas marxistas, no entanto, dizem-nos que o passado é importante e que muita coisa nos pode ensinar».

Os chineses, através das suas escavações arqueológicas e de «aprendizagem através do passado», estão não só a desenterrar relíquias culturais, mas igualmente um rico veio de material político e de propaganda.

Muito desse material está a ser utilizado para uma análise directa marxistas de classes. Os objectos de luxo, encontrados nos velhos túmulos, estão a ser

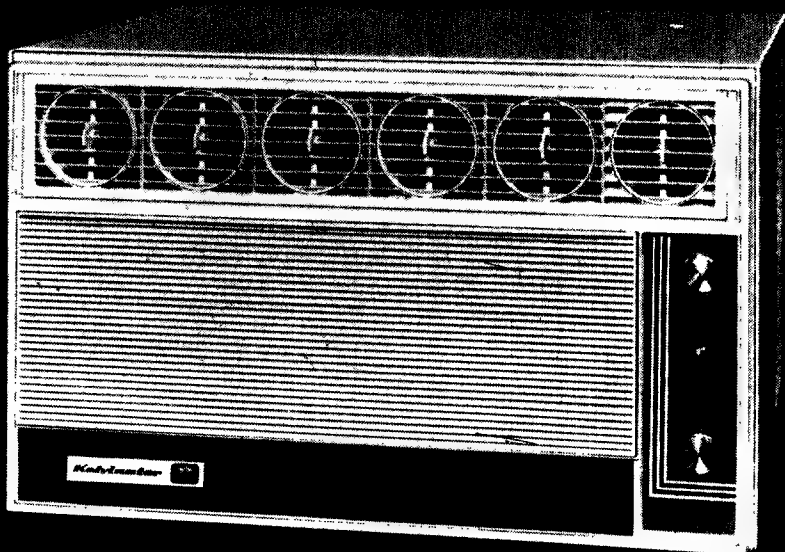
exibidos como exemplos da exploração da classe trabalhadora pela opulenta classe nobre da Antiguidade.

Alguns dos achados arqueológicos são utilizados para apoio de actuais orientações políticas — comércio amigável com países estrangeiros ou reivindicações chinesas quanto a limitações de fronteiras com a União Soviética.

O presidente Mao Tsé-Tung conferiu a sua bênção à arqueologia e outros estudos sobre a cultura chinesa, sob o lema «Tornar o passado servo do presente». Muitos dos pareceres políticos constituídos com base nas relíquias recentemente descobertas parecem destinados a satisfazer tal prescrição.

Seja qual for o motivo, nada na China actual é despojado de uma intenção.

Se pensa FRIAMENTE
comprará Kelvinator
Ar condicionado



Se quando decide a sua compra pensa em qualidade, em garantia, em utilidade e em preço, pensará em Kelvinator

Na ampla gama de Kelvinator, há sempre um modelo com o tamanho adequado para si

SEQUEL

Trav. Moinho de Vento,
28 - C Lisboa 2

Rua Serpa Pinto,
74 Porto

Kelvinator

CAMPANHA DE SEGURANÇA

«FÉRIAS-72»

475\$00

O PREÇO DAS SUAS FÉRIAS
COM TRANQUILIDADE

- 1 — Afinar travões
- 2 — Equilibrar rodas
- 3 — Alinhar direcção
- 4 — Verificar suspensão
- 5 — Focar faróis
- 6 — Controlar bateria
- 7 — Ver. velas e platinados
- 8 — Ver. sistema de refrigeração
- 9 — Medir compressão do motor
- 10 — Controle exterior dos pneus
- 11 — Lubrificar e ver níveis
- 12 — Controle no banco de ensaio

UTILIZE ESTA NOSSA CAMPANHA PARA
SUA COMODIDADE E SEGURANÇA
ATÉ 30 DE SETEMBRO

escape

R. CASTILHO, 72-A — TELS.: 561616 - 561919

A C. P. INFORMA:

LINHAS DO MINHO
E DOURO

A fim de dar satisfação aos pedidos que nos têm sido dirigidos, a partir de 5 de Agosto e a título experimental, os comboios abaixo indicados efectuarão paragem nas estações e apeadeiros que se mencionam para cada caso.

Comboios	Estações	Horas de partida
5011	Barroselas	9-25
5012	Moledo do Minho	9-34
	(1/7 a 30/9)	
5017	Moledo do Minho	20-58
	(1/7 a 30/9)	
5018	Barroselas	22-23
6010	Paredes	12-40
6011	Recarei	12-57
6012	Caíde	10-43
	Caíde	16-54
	Paredes	17-17
6013	Recarei	15-07
	Paredes	15-26

ATENÇÃO:—Estas paragens serão suprimidas se se verificar que o movimento de passageiros as não justifica.

Fica autorizado o serviço de passageiros nas seguintes paragens técnicas:

5011	Trofa	8-34
	Famalicão	8-44
	Carreço	9-47
5012	Carreço	9-47
	Barroselas	10-09

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Andorinha». Rua Capitão Leitão, 109-A ALMADA

COREIA DO NORTE:

"Mais intransigente"

Há quatro anos, quando a Coreia do Norte se apoderou do «Pueblo», os generais americanos começaram a aventar a hipótese de uma nova guerra da Coreia e Washington deu início a um programa de auxílio militar na Coreia do Sul, orçando os 1.500 milhões de dólares.

Em 1969, quando a tensão entre o Norte e o Sul ainda era grande, a Casa Branca enviou uma força naval chefiada por um navio de guerra para Oeste do Pacífico depois do regime de Kim Il-Sung ter abatido um avião de reconhecimento EC-121.

Até há pouco tempo, Washington considerava Pyongyang como o mais intransigente, mais imprevisível e mais isolado regime comunista do mundo, implacavelmente e mais isolado regime comunista do mundo, implacavelmente hostil a tudo o que fosse americano e, hoje em dia, nas ruas de Pyongyang, encontram-se ainda espalhados estandartes vermelhos com slogans atacando «o imperialismo americano», mas um correspondente americano de visita à Coreia do Norte, em 1972, é bem acolhido e depressa se apercebe de que aí foram adoptadas táticas radicalmente diferentes, em resposta a uma mudança de cenário no mundo.

No primeiro dia da minha visita em que fui continuamente acompanhado e escoltado pelo meu anfitrião oficial Cha, que é o principal comentador do órgão do governo «Minju Choson» (Coreia Democrática), foi feita uma aproximação diplomática conduzida em relação ao assunto.

Cha declarou que a República dos Povos Democráticos da Coreia (Coreia do Norte) esperava que se verificasse uma expansão gradual de contacto «entre povos» com «os americanos amantes da paz», mas acentuou o facto de Pyongyang fazer uma distinção básica entre «os povos americanos amantes da paz» e os «círculos governamentais agressivos americanos».

Durante o jantar, declarou esperar que o resultado de uma «melhor compreensão» entre os Estados Unidos e a Coreia do

Norte se traduzisse pela total retirada das forças americanas da Coreia.

Tendo sido completamente devastada durante a guerra da Coreia pelos bombardeios americanos, Pyongyang foi reconstruída a partir de 1953, transformando-se num atraente mostro de planeamento urbano de estilo comunista, cobrindo milhas com blocos de escritórios e de apartamentos, dispostos em largas avenidas ladeadas de salgueiros ou bétulas e em que abundam parques, monumentos, jardins e fontes.

Durante a viagem de carro do aeroporto, ao cair do dia, e num passeio no dia seguinte ao da chegada, a minha primeira impressão foi a de uma repetição de uniformidade mas não a do aspecto de blocos metálicos semelhantes a prisões, descritos na propaganda contra Pyongyang. As fachadas de cor creme dos blocos de apartamentos de seis andares encontram-se decoradas com motivos em tons de azul, laranja, verde e mesmo ocasionalmente vermelho. A maioria dos apartamentos individuais têm floreiras nas janelas e é vulgar o espectáculo oferecido nas ruas por «primaveras» amarelas e amores perfeitos, artisticamente arranjados em grandes colunas brancas de pedra.

As pessoas parecem bem vestidas e adequadamente à profissão que desempenham. Os homens que esperavam nas paragens de autocarro, junto dos blocos de escritórios, tinham fatos escuros do tipo vulgarmente usado no Ocidente. Os estudantes e operários traziam vestidas camisas desportivas e calças escuras ou a variante local de um casaco tipo Mão em cinzento ou castanho. Os barbeiros e cabeleireiros pareciam ocupados.

As mulheres colocam-se exactamente num tipo intermédio entre Paris e Pequim. A geração mais velha mantém-se fiel ao vestido coreano «Chima», de saia comprida e larga e corpete subido, e à blusa «Chogori» transparente, em cores suaves e discretas. As mulheres mais novas usam geralmente saia pelo meio da per-

na e blusas simples. Muitas preferem os tons castanhos, mas vêem-se também saias de cores vivas e estampadas, em tons de verde, vermelho e azul.

As crianças com menos de nove anos de idade vestem em

tons de cinzento e vermelho, que contrasta com os tons escholidos pelos pais. Nas ruas principais, vêem-se rapazes e raparigas, com lenços de pescoço vermelhos e azul marinho.

Recortando-se no horizonte sobre a cidade, vê-se a Universidade de Kim Il-Sung, com 22 andares e uma imponente estátua do primeiro ministro numa colina a meio da cidade onde foi inaugurado o mês passado o New National Revolutionary Museum. Três pontes atravessam as águas límpidas do rio Taedong, que divide a cidade, e à distância ergue-se uma torre de televisão.

Parte dos motivos que dão

uma sensação de espaço e de ausência de poluição em Pyongyang advém do facto de não ser basicamente uma cidade industrial. Há uma fábrica de têxteis, uma de mobiliário, uma estação termal e uma fábrica de locomotivas, mas muitos dos habitantes da cidade trabalham em departamentos governamentais. Uma vez que não há propriedade privada de automóveis, o trânsito limita-se aos veículos governamentais, na sua maioria camiões e autocarros.

Depois de quatro anos de permanência em Tóquio e frequentes visitas à superpovoada Coreia do Sul, Pyongyang aparece

como um local onde é mais fácil respirar e viver.

O meu guia, Cha, atribuiu este facto principalmente às vantagens da «construção socialista» e à chefia do primeiro ministro insistira pessoalmente na redução do crescimento populacional que antes da guerra contava 400 000 habitantes para menos de um milhão. Para evitar a concentração e a poluição criaram-se dez cidades satélites, com cerca de 17 000 habitantes cada uma completas ou quase completas na totalidade.

SELIG HARRISON



camisas **rosa negra**

Uma carícia permanente

UM EXCLUSIVO  triple marfel

as camisas ROSA NEGRA são uma carícia permanente sobre a pele, o toque suave fresco e maleável de um exclusivo TRIPLE MARFEL

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

**ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA**



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

DL

Nome

Morada

Telefone:

SKOPJE: NOVE ANOS APÓS O SISMO

SKOPJE, JUGOSLÁVIA — Decorrida uma década depois do terramoto considerado o

país de Skopje não mostram no entanto grande vontade de trocar as suas instalações tempo-

tar objecções ter como paisagem em frente da janela árvores frondosas, quando a maioria dos prefeitos e conselheiros municipais ao olhar para fora vista apenas uma vasta estrutura de complexos metálicos?

Os 70 000 habitantes de Skopje que habitam temporariamente casas de madeira disfrutam as vantagens de uma vida rural dentro da cidade. Tornaram-se proprietários de pequenas extensões de terra quando estas lhe foram concedidas nos primeiros dias a seguir ao terramoto.

Os outros dois terços da população da cidade que em 1966 os Estados Unidos decidiram que seria uma cidade de solidariedade internacional, estão a viver em modernos apartamentos. Os blocos habitacionais erguem-se ao longo das ruas quase excessivamente largas do outro lado do rio Vardar.

As pessoas mostraram-se relutantes em se mudar para estes edifícios, alguns dos quais têm 15 ou 16 andares de altura?

«Não», responde o prefeito Dragoljub Stajrev «O que leva as pessoas a protestar, é puro convencionalismo: querem jardins ou não se contentam com o espaço de que dispõem nos apartamentos dos altos blocos habitacionais».

Dadas as pequenas dimensões do país a cidade teve que ser construída dentro de um esquema de elevada densidade populacional em pouco espaço, mas to-

dos os edifícios foram obrigatoriamente construídos com uma estrutura metálica reforçada sob a direcção de peritos sismográficos. Os edifícios erguem-se agora longe da margem do rio onde se pensa que um lençol de água subterrânea torna o local mais atrito a tremores de terra.

tra parte foi deixada tal como se encontrava. O resto do edifício está a ser reconstruído à prova de tremores de terra e em breve reabrirá como Museu da Cidade. Está a ser reconstruída nova estação noutra local.

Embora a velha cidade tivesse sido violentamente atingida pelo terramoto numa percentagem de

Por JONATHAN STEEL

Exclusivo «The Guardian»/DL

Todos os edifícios estão preparados para aguentar um tremor de terra de intensidade 8 ou 9, correspondendo este último grau ao que atingiu a cidade em 26 de Julho de 1963, matando 1070 pessoas.

Mil e oitocentas crianças ficaram órfãs de pai, de mãe ou de ambos. A hora exacta, 5 h 17m. da manhã ficou assinalada pelo ponteiro do relógio da estação de caminho de ferro.

Metade da estação ruíu por completo e ou-

90 por cento de destruição, num apanágio dos seus arquitectos medievais, a mais bela igreja ortodoxa e a mais atraente das muitas mesquitas poucos danos sofreram.

O desastre teve repercussão mundial num plano de auxílio. A América desenvolveu uma das maiores acções enviando cerca de 400 cirurgiões que voaram de todos os cantos do mundo para o local da tragédia.

O maior volume de auxílio, no entanto, par-

tiu de dentro do próprio país quando foi estabelecido um fundo de emergência destinado a perdurar até 1970 mediante o qual as outras repúblicas da Jugoslávia contribuíam com parte do seu orçamento para Skopje. O auxílio prestado pelo estrangeiro ascendeu a sete milhões de libras (mais de 18 milhões de dólares), mas o resto da Jugoslávia que não é um país rico, contribuiu com 140 milhões de libras.

Na cidade verificou-se excelente recuperação indiferente às críticas de outras regiões da Mace-



Cinco rostos do pavor..

maior da Europa nestes últimos cinquenta anos, a Câmara Municipal da cidade é ainda um edifício de madeira prefabricado.

Os dirigentes munici-

rárias. Por um lado é uma questão de bom senso haver prioridade de construção relativamente a novas habitações e escolas e por outro quem sentiria alguma vez desejo de levan-



A consolação impossível...

A CAÇA À BALEIA

Conclusão da página 1

ria o seu lugar ao remo. A irmã, Esther Bosta, era a nossa cozinheira principal e quem me dava ordens na ausência da mulher do capitão. Muito viajada e culta, passara a viver na cidade, mas regressa sempre que se aproxima a época da pesca da baleia, porque gosta do gelo e é muito apreciada, como cozinheira.

«Agvik» é o grito de aviso e uma palavra esquimó para «baleia». Muitas vezes a palavra não era pronunciada, mas era a tripulação que nos precedia que fazia sinal de avançar com o braço. O silêncio era uma das armas de que dispunhamos.

Quando se avistou a baleia, todos os homens actuaram como se fossem um só e ocuparam os seus lugares no barco. Kowunna assumiu a direcção na proa e os homens faziam avançar a embarcação, remando silenciosamente. A baleia tinha uma cabeça de tamanho superior ao triplo do comprimento do barco. Era cautelosa. Aparecia à superfície para voltar a mergulhar e vir novamente à superfície fora da nossa linha de alcance.

A nossa população regressou, retirou o barco da água e depois removeu com os remos cuidadosamente todo o gelo que se acumulara no casco. Reinava ainda o entusiasmo. A época da pesca começara cedo e haveria muito mais baleias ainda.

Entre os arpoeiros de Point Hope, o verdadeiro arpoeiro marca a sua posição de homem ficando sem dormir vários dias a fio. Até mesmo no começo da época, quando o tempo se apresentava tremendamente frio, os caçadores abandonavam o conforto da tenda para se manterem à beira de água.

As baleias apareciam em qualquer altura. Algumas vezes vinham à superfície em canais tão pequenos onde nem mesmo se iria supor o aparecimento de um pato. Outras vezes moviam-se quando a noite já caía e muitas vezes também protegidas pelo nevoeiro na altura em que o gelo flutuante era mais perigoso.

«Uma baleia pode deslocar-se a uma velocidade de 50 milhas à hora se quiser», elucidou-me Kowunna. Um dos barcos da tripulação de Point Hope pode avançar a uma velocidade de 12 milhas por hora ou talvez mais se a tripulação for

boa. Quando se avista uma baleia, há que trabalhar incansavelmente, trabalhar sem parar um minuto para se conseguir alcançá-la... trabalhar até o suor nos escorrer dos rostos. Pode-se atacar a baleia por trás ou directamente pela frente, porque ela tem os olhos de cada lado. Se a baleia avistar o barco, afasta-se imediatamente.

meira vez em duas fatigantes semanas sobre o gelo que as mulheres riam com gosto. Sabíamos perfeitamente que não seria a nossa baleia que comeríamos, mas também sabíamos que tínhamos ajudado. Tínhamos direito ao nosso quinhão. Em seguida voltámos à vigia.

Os ventos mudaram e tentámos avançar até à

de 70 homens a trabalhar e demorámos mais de 12 horas. Nós demos uma valiosa ajuda.

O tempo ficou mais quente. Uma manhã, quando íamos levar o pequeno almoço aos homens vimos que o barco não estava atracado. Ruth, a mulher do capitão, Esther e eu ficámos à espera junto do canal, com o sol a bater-nos



Os caçadores preparam-se para retalhar a baleia

Com armas já tão ultrapassadas, a nossa tripulação tinha que utilizar principalmente o elemento surpresa.

O grupo das mulheres era menos excitante do que o dos homens, mas nós constituímos um importante elemento de apoio. Conzinhávamos num pequeno fogão inumeráveis refeições de guisado de caribu, carne cozida de urso polar, «muktuk» (pele de baleia comestível que é deliciosa comida com mostarda) e pato. As refeições eram servidas com pão e «doughnuts» que fritávamos na frigideira com gordura, moldando-se com os dedos sem ajuda de faca.

Também fazia parte das nossas funções cortar a gordura necessária para manter o fogão aceso, cuidar dos cães e levar a comida aos homens que estavam de vigia. Muitas vezes chegávamos a andar de 5 a 15 milhas sobre gelo. Depois de um dia assim, qualquer sítio é bom para se dormir e quando as baleias andavam perto, dormíamos no gelo.

No primeiro dia de pesca bem sucedida tínhamos ficado a ver os homens do nosso grupo até desaparecerem no horizonte. Esperámos duas horas na escuridão e finalmente vindos de longe, ouvimos os gritos alegres do nosso grupo e de cinco outros. Respondemos-lhes alegremente, rindo e gritando e abraçávamo-nos. Fora pescada a primeira baleia.

A tensão desapareceu finalmente. Era a pri-

Sibéria. Pusemo-nos em marcha, mas regressámos dois dias depois. De novo acampámos e os homens durante a noite partiam o gelo e de novo avançávamos. Mais tarde a água voltava a gelar e os homens partiam o gelo recentemente formado com os remos. Finalmente acabaram por sair derrotados pois a sua espessura tornou-se suficiente para aguentar o peso de corpos capazes de se moverem com cuidado e irem quebrar o gelo uns metros mais adiante.

Uma vez levámos-lhe alimentos e tivemos que abandonar o piquenique a meio mesmo a tempo de ver o sítio em que estávamos abrir-se e transformar-se em água. Dois dos do nosso grupo ainda chegaram a cair na água mas içaram-se, mudaram de roupa e voltaram à pesca. Uma baleia com cerca de 115 m aproximou-se entretanto do acampamento de um outro grupo vizinho que a arpoou. Os homens do nosso grupo acorreram imediatamente para ajudar. Também lançámos o arpão. Foi lançada a corda para prender o animal, mas soltou-se embora com seis bombas de pólvora dentro do corpo, jorrando sangue e emitindo sons agonizantes.

Começámos a procurá-la. Apareceu à superfície três dias depois. A carne já cheirava mal e só se podia aproveitar para os cães, mas a «muktuk» ainda estava em bom estado e ajudámos na longa e fastidiosa operação de cortar a carne. Estavam cerca

os rostos e sentindo toda a excitação provocada pelo espectáculo de cerca de 20 baleias e dúzias de golfinhos brincalhões cruzando as águas.

Os nossos homens voltaram contentes para casa apesar de já ser tarde e de terem estado 14 horas sem comer. Tinha pescado 3 baleias, uma delas com cerca de 172 m. Enquanto estávamos a cortar a carne começou a soprar um vento do sul que empurrou um enorme bloco de gelo; este enterrou a baleia antes que conseguíssemos, impedi-lo. Os homens mal tiveram tempo de se escapar. Juntámo-nos, esperámos que o vento passasse e quando voltámos nada restava das pegadas anteriores e os canais tinham gelado.

«A que quantidade de alimento corresponde uma baleia?» perguntei ao capitão.

«Um 30 a 60 toneladas que dividiremos com os outros habitantes da aldeia», respondeu. «E não deixaremos o mínimo por aproveitar com excepção do fígado e dos pulmões que se destinam aos cães».

Para eles a pesca significava mais do que alimento.

«É a nossa tradição», declarou Morris Ovick. «A tradição dos nossos antepassados».



A ruína das coisas e a ruína do homem...

dónia que consideravam Skopje demasiado privilegiada. A cidade que se estende ao longo de 15 milhas do fértil vale de Vardar duplicou praticamente a população para 400000 habitantes.

Durante algum tempo depois de o terramoto se ter verificado as autoridades consideraram a possibilidade de reconstruir a cidade por completo noutro local, mas vários factores se opunham. Não havia possibilidade de escolha, dado que toda a Península Balcânica é sísmica.

Os serviços públicos da cidade — água, gás e electricidade — poucos danos sofreram e tornavam-se necessárias medidas urgentes dada a aproximação do Inverno. Durante muito tempo as pessoas viveram em tendas.

«Foi a única altura em que entre nós existiu verdadeiro comunismo», declara agora um dos habitantes. «Cada um tinha apenas o suficiente para satisfação das suas necessidades».

O tremor de terra provocou uma revolução urbana, cultural e até mesmo uma revolução sexual.

No primeiro mês que

se seguiu à tragédia a taxa de natalidade e a de divórcios aumentaram. Aos inconvenientes provocados por uma vida em tendas erguidas de emergência, vieram acrescer-se as neuroses feitas surgir pela catástrofe. Eram frequentes os casos de claustrofobia e algumas pessoas ainda se encontram afectadas por doenças atribuídas a uma repressão da ansiedade quanto a uma repetição do tremor de terra.

Desde essa altura verificaram-se 640 tremores de terra com uma intensidade entre 4 e 7 e durante vários meses correram boatos na cidade de que se formara um vasto lago no subsolo e que um dia a inundaria.

Durante algum tempo Skopje foi uma espécie de cidade fronteiriça com mão de obra paga a alto preço, uma quantidade enorme de bares e elevado custo de vida. A onda passou agora e a cidade retomou uma existência calma e relativamente próspera. Devido à catástrofe e ao horror provocado pelo terramoto Skopje é hoje provavelmente a cidade mais moderna e «marcada» das Balcãs.

PARIS — O primeiro homem a sonhar com a construção de um túnel por debaixo do Canal de Inglaterra foi um engenheiro de minas francês chamado Albert Mathieu, que desenhou diagramas, construiu maquetas, fez esboços e pintou quadros concretizando a sua ideia que foram expostos no Palácio de Luxembourg em 1802.

Napoleão a quem todos os grandes projectos agradavam foi informado do plano de Mathieu relativo ao túnel e mostrou um certo interesse. Corria o ano da paz de Amiens que trouxera uma calma temporária às guerras Napoleónicas. Na Grã-Bretanha, Charles James Fox, o grande político liberal rival de Pitt, saudou o plano como «um dos maiores empreendimentos que poderemos realizar em colaboração com os Franceses».

Bonaparte estava porém unicamente a utilizar o breve período de paz como uma preparação para novas guerras e ainda não tinha decorrido um ano quando concentrou um enorme exército francês em Bolonha que se destinava a invadir a Grã-Bretanha e cuja acção não pensava de forma alguma deter por causa do Canal de Inglaterra.

Passados cento e setenta anos sobre o projecto tudo leva a crer que o túnel do canal vai finalmente ser construído. Está prestes a ser entregue aos dois governos um estudo da «praticabilidade financeira» feito por um grupo de importantes entidades francesas e inglesas. Se as condições forem aceites pelas duas partes, poderá dar-se início aos trabalhos de escavações do leito do rio, projectos técnicos pormenorizados, contratos de construção, ligações e tudo o mais que é necessário.

É possível que no fim desta década ou no princípio dos anos 80, os passageiros viajem a toda a velocidade de Paris para Londres através do túnel cavado no Canal e necessitando apenas de três horas para completar a viagem.

Desde os tempos de Napoleão que o interesse no túnel do Canal tem vogado um tanto ao sabor das marés de animosidade

e entendimento entre a Grã-Bretanha e a França. Se as duas Nações não resolverem os problemas financeiros e técnicos agora que a Grã-Bretanha se une ao Mercado Comum, o túnel através do Canal tornar-se-á para sempre impossível.

O engenheiro francês Mathieu foi o primeiro de engenheiros e sonhadores que conseguiu elaborar o plano de um

los que os marinheiros conhecem a sua existência.

O projecto apresentado por Mathieu em 1802 era o de que a Inglaterra e a França deviam construir túneis submersos cada um com 12 milhas de comprimento que desembocariam no Varne Bank, tornado uma ilha artificial e que serviria para «os cavalos virem à superfície respirar ar fresco».

Um ano mais tarde, quando

Napoleão para a Ilha de Santa Helena, quando um engenheiro de minas francês dedicou toda a sua vida e parte considerável da sua fortuna pessoal a tentar a sua concretização. Chamava-se Thome de Gamond e em 1833 desenhou o projecto de um túnel tendo-o trocado em 1836 pelo projecto de construção de uma ponte.

Mais ou menos na mesma altura um médico francês de no-

Paris de 1867. Depois surgiu a guerra franco-prussiana de 1870.

O projecto do túnel não morreu no entanto e quando a guerra terminou os Franceses estavam mais ansiosos do que nunca para estreitar relações com a Inglaterra. Em 1872, formou-se a primeira «Companhia do Túnel do Canal» e no ano seguinte organizou-se uma Companhia rival que se intitulava a «Companhia Anglo-Francesa de Caminho de Ferro Submarino».

Em 1874, o projecto do túnel recebeu a primeira aprovação formal do governo britânico sob forma das seguintes afirmações dirigidas por Lord Derby, na altura Secretário dos Negócios Estrangeiros ao embaixador inglês em Paris: «Não parecem existir dúvidas quanto à utilidade do projecto em questão se for bem sucedido e o governo de Sua Majestade não apresenta consequentemente qualquer oposição desde que não lhe sejam dirigidos pedidos de empréstimo ou garantias ligadas ao assunto».

Estabelecida esta política oficial, os dois governos deram autorização legalizada em 1874 para a fundação de empresas públicas com o direito de lançar acções, adquirir terreno e dar início aos trabalhos. Em 1878 os Franceses fizeram a primeira escavação a uma profundidade de 300 pés por detrás de Calais a cerca de 160 pés abaixo do nível das águas do mar.

Seguiram-se-lhe os Ingleses que escavaram um túnel por detrás do Shakesperian Cliff em Sy. Margaret's Bay a algumas milhas de distância de Dover.

Por DON COOK
Exclusivo
«The Los Angeles Times»/«DL»

Foi continuado um túnel de sete pés e quase 2.000 jardas na direcção de França e os senhores e damas Victorianos visitavam Dover para verificar o andamento dos trabalhos e falarem de negócios de venda o que rapidamente fez subir o valor das acções para mais de 50 vezes o seu valor original.

Quase imediatamente, porém, um oficial britânico, mais precisamente o Duque de Cambridge começou a erguer oposição contra o perigo das hordas francesas poderem conquistar a Grã-Bretanha servindo-se do túnel.

Este oficial em breve ganhou ascendente na Câmara dos Comuns e na opinião pública em relação aos ousados engenheiros civis da era Vitoriana e o Primeiro ministro William Gladstone cedeu por fim aos protestos e ordenou que os trabalhos parassem no segundo semestre de 1882.

De novo o projecto sofreu uma derrocada pelo mesmo processo em 1907, apesar de um comentário público autorizado feito pelos Franceses em relação aos aspectos militares da invasão de Inglaterra com 150.000 homens através do túnel.

«Isso implicaria quatro corpos de exército ou seja 560 combóios. A uma média de 42 combóios por dia, seriam necessários 15 dias para a operação ou seja três dias e meio para cada corpo do exército, na condição de que tudo se processasse na maior ordem e com o acordo e colaboração das autoridades inglesas, pois que as estações teriam que estar nos lugares exactos e preparadas para a ope-

ração.» Apesar desta declaração as autoridades militares inglesas não se demoveram.

Em 1914 os Ingleses enfrentaram o problema oposto: as imensas complicações, demoras e dificuldades de transporte de um exército enorme, necessários abastecimentos e equipamento por barco a fim de irem lutar em França. Assim, em 1919 e depois do Armistício de novo o túnel voltou a estar na ordem do dia. Organizou-se um Comité franco-inglês para conseguir o apoio público, tendo como Presidente honorário o Marechal Foch. Verificaram-se sessões parlamentares e começaram a tornar-se visíveis uma forte e persistente pressão política acompanhada de interesse pelo projecto.

Depois seguiu-se a depressão e a II Guerra Mundial. Decorrida a II Guerra Mundial só a meio dos anos 50 se começou novamente a tornar visível a febre do túnel. Um dos elementos que para tal contribuiu foi um súbito interesse por parte dos Americanos — em parte romântico, em parte financeiro e em parte um reflexo dos tempos do plano Marshall, quando os Estados Unidos procuravam ferozmente causas Europeias a apoiar.

Outro elemento foi o domínio do Canal do Suez pelo presidente Nasser o que forçou a Companhia do Canal do Suez, dirigida por franceses, a procurar outro vasto projecto ao qual pudessem associar o seu nome. Escolheu pois o projecto do túnel do Canal. Um terceiro e o mais importante de todos os elementos foi o facto de que em 1957 os Ingleses deixaram finalmente de ouvir os ataques militares ao projecto (o marechal de campo Lord Montgomery era ainda contra o projecto) e anunciaram que não existiam mais objecções de ordem estratégica à construção do túnel.

O primeiro ministro Harold MacMillan deu um leve impulso ao assunto, embora sem exercer muita pressão, e assumiu a opinião de que o túnel devia estar interligado à entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Seria realmente muito melhor que fizesse avançar o projecto do túnel em vez do avião supersónico Concorde anglo-francês.

De qualquer modo, quando o presidente Charles de Gaulle pronunciou o seu veto contra os Ingleses em 1963, o entusiasmo dos Ingleses quanto à construção do túnel desceu ao nível de 1802. Quando Harold Wilson tomou posse, a situação pareceu melhorar um pouco relativamente a este assunto e finalmente aproximadamente há quatro anos de novo os dois governos puseram os seus engenheiros civis a trabalhar seriamente no projecto.

Nunca houve basicamente muitas dúvidas quanto à possibilidade de construção de um túnel. O único elemento que faltou, particularmente na última década, foi o impulso político. Em 1960, o grupo encarregado dos estudos avaliou a concretização do projecto em aproximadamente 300 milhões de dólares e cada dia que passa vai encarecendo esta quantia. Actualmente o cálculo é pelo menos três vezes mais elevado.

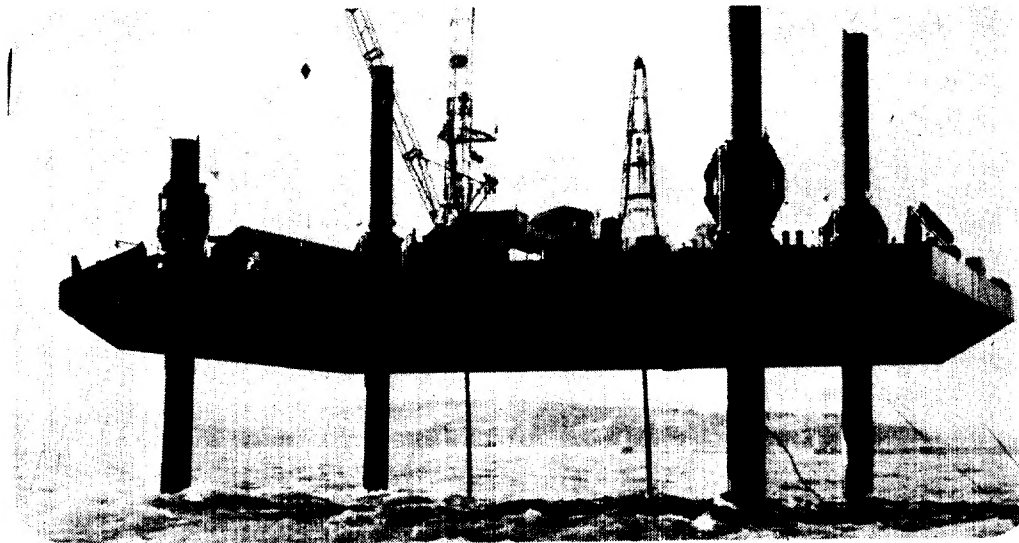
Além disso, um dos problemas maiores enfrentados pelos governos francês e inglês é a necessidade de expansão que os dois sentem relativamente a meios de caminho de ferro o que veio aumentar a viabilidade de construção do canal.

Não existe dúvida de que uma vez construído, absorverá larga quantidade do frete, passageiros e carros que atravessam o canal por via aérea e marítima.

O investimento total em facilidades adicionais de caminho de ferro será por conseguinte provavelmente igual ao custo do túnel.

O túnel tem porém de ser construído. Cento e setenta anos são um vasto período de tempo para discussão de uma boa ideia.

QUANDO SE FARÁ O TÚNEL SOB O CANAL DA MANCHA?



As sondagens são indispensáveis trabalhos preparatórios...

túnel e de facto a sua ideia não era impraticável, mesmo quando comparada aos modernos projectos e relatórios técnicos. A meio do Canal, um pouco para Oeste da estreita passagem entre Dover e Calais, existe um afloramento geológico conhecido como o Varne Bank, uma espécie de ilha subterrânea acima do leito do Canal. Há sécu-

Napoleão reflectia sobre os problemas de fazer passar o exército sobre o Canal sem um túnel, um inglês de nome Mottray apresentou a ideia de construção de um tubo de aço acima do leito do canal — argumentando aliás como ainda hoje o fazem os engenheiros, que seria melhor e ficaria mais barato penetrar os vales e elevações que se erguem sobre o leito do Canal do que escavar um túnel por debaixo dele.

De qualquer modo, o projecto só voltou a ser falado muito depois de Wellington ter mandado

me Prosper Apyerne começou a construir um sino de mergulhador ainda numa forma primitiva com o qual fez demonstrações no Sena em 1842 e depois em 1852 apresentou um esquema notavelmente avançado em relação ao seu tempo para construção de partes prefabricadas do túnel servindo-se do seu sino de mergulhador para as colocar no leito do Canal.

Nesta altura governava Napoleão III e o segundo Império tal como o primeiro exigia projectos de monta. De Gamond dedicara entretanto o seu tempo a mergulhar no Canal com pesos atados aos pés, a fim de explorar as rochas e o leito do rio e em Abril de 1856 foi recebido pessoalmente pelo Imperador a fim de com ele discutir os resultados das suas experiências que o tinham levado a pensar no projecto de um túnel e não de uma ponte.

Nesse ano Victoria e Albert fizeram uma visita oficial ao país e as conversações sobre o túnel foram o assunto mais versado. Nada de prático se realizou no entanto mas de Gamond continuou a trabalhar no seu projecto com a colaboração de um engenheiro de minas inglês, William Low. Do seu trabalho em conjunto resultou um projecto para um túnel subterrâneo de caminho de ferro que esteve em exibição na Exposição de

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand. Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

SUPERMANOS A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDE
A
PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

VINHO VERDE ADEGA COOP. DE BAIÃO

BAIÃO

branco
tinto
e
palhete

UM VINHO SUAVE, DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS DE UMA REGIÃO ÚNICA NO MUNDO!!!

UM VINHO PARA OS APRECIADORES

VULCAIN

Experiência Centenária

Fundada em 1858 a «Fabrique de Montres Vulcain» já produziu mais de 20 Milhões de Relógios!

Um século de experiência e produção elevada, conferem à marca «VULCAIN» justo prestígio de mais alta qualidade.



desde sempre na vanguarda da precisão

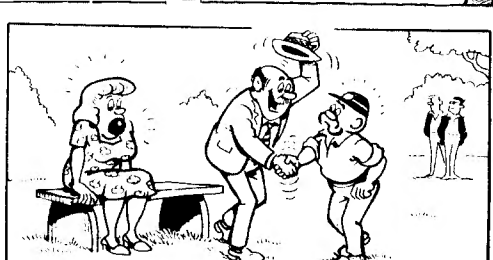
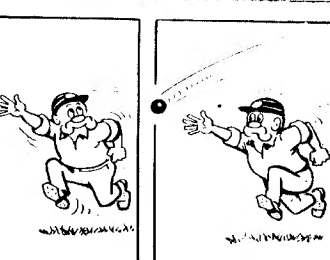
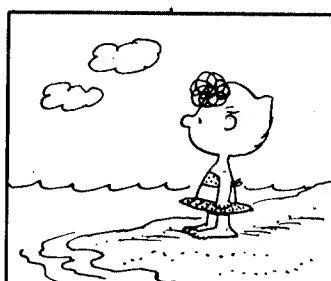
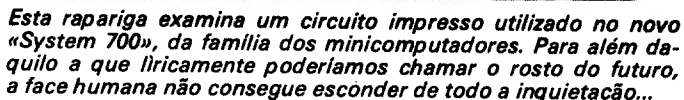
APROVEITE AS FÉRIAS

ENQUANTO DECORAMOS A SUA CASA
CONTACTE-NOS
OS NOSSOS SERVIÇOS E CONSELHOS
SÃO GRATUITOS

Fado Play

MÓVEIS - DECORAÇÕES

Avenida Rossano Garcia, 39-A (Bairro Azul)
Telef. 4 37 87 LISBOA

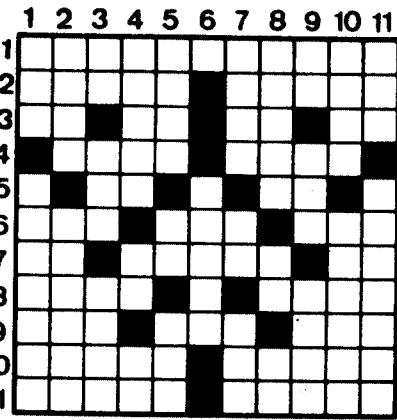


palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 10159

HORIZONTALS

- 1 **Entusiasmar** (fig).
- 2 **Parte da planta, que se eleva da terra e que serve de suporte aos ramos, folhas e flores. Olho simples dos insetos.**
- 3 **Grande ribeira da Ásia Russa. Alumínio (s. qu.). Em a Cidade da antiga Caldeia.**
- 4 **Freguesia do concelho de Castro Daire. Lavrei**
- 5 **O mesmo que uma (ant. e pop). Nesse lugar.**
- 6 **Prônimo pessoal. Preposição. Prefixo que designa ar.**
- 7 **Nota musical. Nefrítico. Ni-quel (s. q.).**
- 8 **Felicidade. Artigo definido. Grande multidão que alastra (fig.).**
- 9 **Prende. Pegadeira. Família**
- 10 **Aíra. Acerta.**
- 11 **Pronome demonstrativo (pl). Apelido**



VERTICAIS

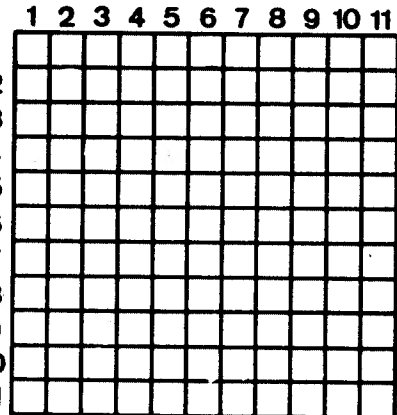
- 1 **Ferro temperado. Realidade**
- 2 **Ramada. Suco branco se-**
gregado por alguns vege-
tais (pl)
- 3 **Estrepito de desmorona-**
mento. Nome de planeta.
Pronome relativo (pl)
- 4 **Prendia com eles. Ba-**
traquiu. Basta
- 5 **Linda. Cério (s. q.) Duna na**
Suécia
- 6 **Macacas**
- 7 **Camada fina. Ruim. Árvore**
com cuja casca se aromati-
za o vinho
- 8 **Peixes de água doce**
(Bras). Cinquenta e cinco
em romano. Pronome pes-
soal
- 9 **Nota musical. Ena! Alime**
- 10 **Abala. Logro**
- 11 **Amor (pop). Geraras.**

Resolva com facilidade este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

PROBLEMA N. 6317

HORIZONTALS

- 1 **Atrelesse.** Causas amou a
- 2 **Trairei** por tu, Cunho.
- 3 **Basta.** Abreviatura de
- 4 **Santíssimo.** Antes de **Cris-**
- 5 **tão.** Antes do meio dia.
- 6 **J. Rã.** (pop). Engano
- 7 **Dividir** ao meio. Caminho
- 8 **Representa** por gestos.
- 9 **Peça** do xadrez
- 10 **Freguesia** do concelho da
- 11 **Feira** (Aveiro)
- 12 **Arsênio** (s. q.) Nome de pla-
- 13 **meta.** O lado do vento
- 14 **Fecha.** Nadar. (fig.)
- 15 **Lingua** vernácula indiana.
- 16 **Peixe** de Portugal.
- 17 **Chocadeira** de madeira e
- 18 **aramé** para galinhas (Prov.
- 19 **Décimo** nono mês do antigo
- 20 **calendário** árabe.



VERTICAIS

- 1 Assassinar. Cidade de Afassinam, patria de Lamartine
- 2 Segurem. Tempo do verbo ser.
- 3 Despido. Carril, calha de ferro cam. de fer). Zombas.
- 4 Aplaco. Freguesia do concelho de Penafiel
- 5 Aqui está. Lição
- 6 Leira grega. Estrépito de desmoroamento
- 7 Gosta muito de. Fazer doação de.
- 8 Amoleces. Pronome pessoal.
- 9 Cidade da antiga Caldeia. Cidade de Itália. Mitologia
- 10 Aacarreta (pop). Turco nobre que, nas cidades da palestina desempenhava as funções de juiz.
- 11 Arquipélago dos Navegadores. Estado de espirito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10158

HORIZONTALS:

- 1 Meras. Fraga.
- 2 Alago. Oiros.
- 3 UM. Alego. Si.
- 4 Rol. Aló. OVO.
- 5 Ásia. Atoa.
- 6 Marrava.
- 7 QUER. Avis.
- 8 Uri. SAL. Ano.
- 9 Ao. Comer. Am.
- 10 Pia. Mua. E.
- 11 Eiras. Aires.

VERTICAIS:

- 1 Maura. Quase.
- 2 Elmos. Uro.
- 3 Rã. Limei. Pr.
- 4 Agá. Aar. Cia.
- 5 Sola. Soas.
- 6 Elariam.
- 7 FOGO. Lema.
- 8 Rio. Avá. Rui.
- 9 Ar. Otava. Ar.
- 10 Goivo. Ina.
- 11 Assoa. Somes.

Provérbio: Um ovo quer sal e fogo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6316

HORIZONTALS:

- 1 La. Latmo. Me
- 2 Ema. Soa. Per.
- 3 Nara. Mota.
- 4 Arrebatares.
- 5 Aaro. Açor.
- 6 Se. As.
- 7 Em. Airar. Fa.
- 8 Assacas.
- 9 Ias. Coó. Ois.
- 10 Doera. Lanço.
- 11 Ossos. Atoas.

VERTICALS:

- 1 Lena. Lérido.
- 2 Amara. Aos.
- 3 Arrás. ASES.
- 4 Aéreas. Ro.
- 5 As. Bo. Iscas.
- 6 Tona. Arão.
- 7 Ma. Ta. Acolá.
- 8 Maçara. At.
- 9 Poros. Sono.
- 10 Meter. Iça.
- 11 Eras. Passos.



Em 1 de Junho de 1962, Jean-Jacques Susini e o Coronel Gardes, em nome da O.A.S., e Adderrahmane Farès, presidente do executivo provisório argelino, decidiram uma trégua entre a O.A.S. e a F.L.N., a qual pôs progressivamente termo à acção dos comandos Delta em Argel. Em contrapartida, a cidade de Orão será teatro, durante todo esse mês, de atentados, destruições e recontros sangrentos entre os grupos da O.A.S. e as forças da ordem. A maioria dos representantes da imprensa internacional tinha ficado em Argel, pelo que só um reduzido número de jornalistas foi testemunha destes acontecimentos. Etienne Daum, então chefe do posto da A.F.P. em Orão, foi um deles.

Neste começo de Junho de 1962, Orão continua a ser a cidade calorosa e generosa de sempre, muito apegada às virtudes familiares. Ao mesmo tempo, porém, alguns europeus deixam os seus filhos — jovens de quinze a dezassete anos reuniram-se todas as tardes sob os loureiros em flor da praça da Bastilha, diante do banco mais próximo do vendedor de gelados. Estes partem então à caça do infeliz árabe que ousou penetrar no centro «europeu», desalojando-o, obrigam-no a correr pelas rampas escarpadas que bordam a rua Marcel-Cerdan, e matam-no a golpes de tijolo. Os europeus vão piedosamente à missa ao domingo, mas sorriem ao escutarem as façanhas dos bandos organizados que pilham os cofres das instituições públicas e das sociedades privadas.

Os habitantes de Orão não renunciam a qualquer das suas ocupações diurnas, permanecem fiéis ao seu passeio quotidiano das 18 horas, ao longo da rua Général-Leclerc, entre a Place des Victoires e o Boulevard Clemenceau, encontram os amigos no botequim favorito do bairro de «la Marine» na hora da aniseta e não abandonam a tradição dos *Week-ends* nas praias de Ain-El-Turck e das Andalouses; mas, caída a noite, favorecem as actividades dos comandos da sombra que flagelam com tiro de morteiro o acantonamento dos gendarmes móveis — os «gendarmes rouges» (devido à banda vermelha do seu quèpi) — do «Petit Vichy», esburacam com as suas espingardas-metralhadoras as paredes da nova perfeitura, armam emboscadas aos C.R.S. que regressam estafados de mais uma missão, e fazem explodir bombas nos esgotos de baixo do quartel-general do general Katz, comandante do sector militar de Orão, «o homem que é preciso abater».

A FEBRE AUMENTA

Em 1 de Junho — dia que se não verificou qualquer atentado em Argel — três acantonamentos das «forças da ordem» (como era de costume dizer-se) foram atacados com tiro de morteiro, pouco depois das 19 horas, em Orão.

No dia seguinte, homens armados apoderam-se de 310.000 francos que se encontravam num furgão defronte da estação central dos correios. Às 20 horas, a prefeitura é alvo de atiradores emboscados durante dez minutos. Diverso material militar é recuperado no decurso de buscas efectuadas no bairro popular de Gambetta, sendo feitas sessenta prisões. Cinco pessoas,

entre as quais uma mulher, são abatidas durante ajustes de contas entre terroristas europeus», afirmam as autoridades.

Em 3 de Junho, sete argelinos são executados perto do hospital civil, situado na fronteira entre o sector europeu e a «cidade nova». Todavia, nenhum edifício oficial ou acantonamento da C.R.S. é flagelado: estamos num sábado, e toda a Orão, incluindo sem dúvida a O.A.S., tomou caminho da praia.

Na segunda-feira, dia 5, a febre volta a manifestar-se e não deixará de aumentar durante toda a semana. No dia 6, um fuzilamento celular que transportava muçulmanos é tomado de assalto por um grupo de manifestantes europeus: dois ocupantes do veículo são mortos e outro ferido. No mesmo dia, ao princípio da tarde, as forças da ordem tomam a iniciativa e atacam o bar Bienville, em pleno centro. Onze homens da O.A.S. encontram-se aí reunidos e abrem fogo na tentativa de ganharem a rua. Gendarmes «vermelhos» e soldados ripostam. O tiroteio é breve mas intenso. Sete membros do comando, entre os quais o seu chefe, Josué, são abatidos, e outros quatro são feitos prisioneiros. Após um momento de pânico, a multidão aproxima-se irada e pretende libertar os prisioneiros. Os militares têm dificuldade em se desembaraçar dos importunos e, para abrirem caminho aos seus veículos na rua Général-Leclerc, pejada de gente, atiram por cima das cabeças contra as paredes das casas. Uma mulher é morta num armazém e outras duas pessoas são feridas. No fim dessa tarde, nesta mesma rua, uma patrulha da O.A.S., espingarda ao ombro, desfila, é alvo das aclamações da multidão e desaparece.

No dia seguinte, ao acordarem, os habitantes do «Front-de-Mer», a elegante avenida que domina o porto, verificam que o seu bairro foi invadido pela tropa e totalmente cercado. Esta vasta operação termina ao meio-dia. Porém, às 20.45, a O.A.S. ataca em força o colégio feminino Ali-Cherkal, transformado em acantonamento dos gendarmes móveis. Dois camiões-cisternas cheios de carburante são lançados contra a porta principal do colégio e seguidamente incendiados. O fogo alastra a uma ala do edifício. Um gendarme é morto e dois outros são gravemente feridos. Às 21.20, a nova prefeitura é atacada por seu turno, o mesmo acontecendo ao liceu Ardaillon e ao «Petit Vichy», acantonamento da C.R.S.

No dia 8, após novo cerco matinal no centro, diversos acantonamentos da C.R.S. e dos gendarmes móveis são flagelados às 13.30 facto que constitui indício de feroz determinação

na medida em que, no período da canícula, o momento da sies-ta é sagrado em Orão. E nessa tarde que Gardy toma o microfone na emissão-pirata quotidiana da O.A.S. na televisão e lança a ideia da criação, na Orânia, da «plataformas territoriais». No dia 9, a prefeitura é ainda atacada pouco antes das 7 horas, com grande desgosto do prefeito Thomas, que acordou em sobresalto. Doze conselheiros municipais apresentam a sua demissão, o que não deixa de preocupar as pessoas, dado

gatório, atira-se sem aviso sobre tudo aquilo que se mexe. No dia 13 de manhã, o tenente-coronel Mariot, comandante do 5.º R.I. e responsável pelo sector militar do centro da cidade, acusado de ter feito os seus homens participarem nas operações da manutenção da ordem em colaboração com os «gendarmes vermelhos», é assassinado na Avenida Gallieni, ao sair do Martinez, hotel requisitado pelos militares. No dia seguinte, à tarde, o general Ginestet, comandante do corpo de exército,

A estação marítima e o aeroporto da Senia encontram-se peçados de famílias que procuram ganhar a metrópole. Na sua maioria, porém, trata-se de habitantes do *bled* que, isolados, preferiram partir. Todas as herdades estão abandonadas entre a capital provincial e Mostaganem ou Sidi-Bel-Abbès, enquanto que trinta mil muçulmanos refugiados em Marrocos voltam a atravessar a fronteira, e unidades da F.L.N. começam a mostrar-se abertamente nas aldeias do ocidente argelino. Para os habitantes de Orão, porém, é uma questão de honra — e o sentido da honra pesa muito no seu estado de espírito — recusar o que parece fatal em Argel. São ainda cento e vinte mil, de cento e setenta mil, os que se recusam a partir.

A POLÍTICA DA TERRA QUEIMADA

Os primeiros indícios de moderação verificam-se na semana de 19 a 25, a despeito das objurgações da O.A.S., a qual renovou solenemente, durante a emissão-pirata da tarde de 18, a sua recusa de trégua («A situação não é a mesma aqui, disse o locutor. Em Orão, possuímos a determinação e os meios de aguentar»), e, a despeito de Gardy que, no dia 22 às 22.15, ainda na emissão-pirata, afirma que «os acordos de Argel são ilusórios», pede a todos os chefes dos comandos para não abandonarem o seu posto. Aliás, com o objectivo de acentuar bem a sua oposição a toda e qualquer ideia de trégua, a O.A.S. flagela com tiro de morteiro o bairro muçulmano de Victor-Hugo. Há vítimas. Dezoito militares franceses, encarregados de vigiar a fronteira entre as duas zonas, são também feridos.

Durante toda esta semana, contudo, as pessoas procuram levar uma vida quase normal. E certo que os lugares se encontram abandonados no mercado da Rua de la Bastille, pois os vendedores ambulantes muçulmanos já não abandonam a cidade nova. E certo que os pequenos engraxadores e os vendedores de jornais com os seus gritos característicos desapareceram, mas foram substituídos por jovens europeus. Os armazéns, as administrações e as fábricas permanecem abertas. Os comerciantes, os empregados e os operários encontram-se no seu posto. Cavalos de frisa e arame farpado assinalam a fronteira entre duas comunidades, que já não têm qualquer contacto. A população muçulmana conserva um sangue-frio exemplar.

Todavia, enquanto que a febre da partida se apodera da população, a «política da terra queimada», aplicada em Argel há dez dias, é experimentada em Orão com o incêndio de duas alas da câmara municipal e os *hol-ups* se multiplicam (dez no dia 19 de Junho), fazem-se ouvir algumas vozes tímidas que preconizam um entendimento entre as autoridades, a O.A.S. e a F.L.N. Uma espantosa personagem, corre todos os riscos para se avistar com uns e outros e conseguir uma solução de compromisso. E ainda demasiadamente cedo. O coronel Dufour, representante da tendência moderada da O.A.S., recentemente chegado de Argel, dá uma conferência de imprensa clandestina que começa como

um romance da série negra (encontro misterioso e um ponto assinado pouco antes pelo telefonista, rapto em automóvel, chegada a uma elegante casa de campo cujas vizinhanças se encontram guardadas por homens armados), e culmina de uma maneira bastante ridícula com um convite sem convicção para a criação das «plataformas territoriais».

UM «COMITÉ DE RECONCILIAÇÃO»

No domingo de manhã, ouvem-se na cidade vinte e quatro explosões. Dez escolas, uma central telefónica, caixas de segurança social, uma repartição de registo, a sede das pontes e calçadas e a biblioteca municipal são parcialmente destruídas pelas bombas. Às 17.30, uma explosão muito mais violenta do que as anteriores abala a cidade: dez enormes cubas de carburante, situadas no porto, atacadas com explosivos, começam a arder, e um gigantesco penacho de fumo negro eleva-se até à altura do forte de Santa-Cruz, que domina Orão a 300 metros. Enquanto os navios que se encontram na baía se fazem precipitadamente ao largo, uma sinistra chuva de fuligem cobre toda a cidade como um chapéu.

No dia 26, Gardy e o seu estado-maior desaparecem, e Dufour, que ordenara em 24 a retirada para a metrópole, pede aos comandos que ponham fim às destruições. No dia 27, Pierre Laffont, director do *Echo d'Oran*, toma a iniciativa de novas conversações, as quais se saldaram, em 28, pela reunião, na prefeitura, de um «Comité de reconciliação» de que fazem parte o prefeito Thomas, Coignard, «maire» adjunto, Monseigneur Lacaste, um rabino, um pastor e o capitão Bakhti, responsável da F.L.N. na cidade nova, recentemente chegado do *bled*.

E demasiadamente tarde. Montes de vestuário e de móveis ardem diante das casas abandonadas.

Os vinte e seis mil europeus que ficaram voltam a descobrir provisoriamente a paz e a doçura de viver neste país. Os muçulmanos, com os seus trajes de domingo, passeiam em paz nas ruas dos bairros europeus. Várias dezenas destes — várias centenas dirão alguns — são mortos ou desaparecem. No dia seguinte, o êxodo recomeça. E o fim de tudo. A Orão doutro já não existe.

ÉTIENNE DAUM



Depois da OAS ter anunciado o fim do terrorismo...

que não está bem que um notável abandone a cena.

No dia seguinte, porém, a cidade está em festa. Da aurora ao crepúsculo, longas filas de automóveis enfeitados com fitas e flores percorrem Orão, descendo do Burgês Front-de-Mer até ao popular Marine, ou voltando a subir deste em direcção ao sector comercial da rua Général-Leclerc, ao bairro israelita ou ao subúrbio pejado de gente de Saint-Eugène. «Ti-ti-ta-ta» mais alegres do que provocantes, rangidos de pneus sobre o asfalto quente, vozes, gargalhadas, ouvem-se por toda a parte: este sábado é dia de casamento, e os padres das igrejas trabalham em série para consagrar em cento e dez uniões que são celebradas uma após as outras. Foi também um dia de trégua, em virtude dos casamentos.

UMA SEMANA DE LOUCURA

Tudo recomeça no dia 12, e a semana será a mais louca e violenta. Diariamente, os acantonamentos da C.R.S. e dos gendarmes móveis são atacados e, no dia 12, o salão do prefeito Thomas é devastado por uma granada de *bazooka*. Todas as noites, durante o recolher obri-

um carro
é um carro!

SIDIAL

é uma
garantia!

há horas de sorte...

Calcule!
decidimos oferecer aos nossos clientes,
a partir de 1 de Fevereiro de 1972,
a possibilidade tentadora
de por sorteio, no fim do ano,
virem a receber em barras de ouro,
o valor total do carro comprado.
Tente-se! a nossa oferta pode ser sua.
Há horas de sorte...

CONCESSIONÁRIO

CHRYSLER
DE PORTUGAL